

MAIS DE 11 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

Lois Lowry
**O DOADOR DE
MEMÓRIAS**

QUANDO NÃO HÁ MEMÓRIAS,
A LIBERDADE É APENAS UMA ILUSÃO

INCLUI
ENTREVISTA
COM
TAYLOR SWIFT



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.club](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



O DOADOR DE MEMÓRIAS



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Lois Lowry
**O DOADOR DE
MEMÓRIAS**



Título original: *The Giver*

Copyright © 1993 por Lois Lowry

Copyright da tradução © 2009 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Publicado em acordo com Walter Lorraine Books, um selo da Houghton Mifflin Company.

Este livro foi publicado originalmente pela Editora Sextante com o título *O doador*.

Este livro é uma obra de ficção. Os personagens e os diálogos foram criados a partir da imaginação do autor e não são baseados em fatos reais. Qualquer semelhança com acontecimentos ou pessoas, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Tradução: Maria Luiza Newlands

Preparo de originais: Claudia Pessoa

Revisão: Ana Grillo, Cristhiane Ruiz, José Tedin, Rebeca Bolite e Sérgio Bellinello Soares

Projeto gráfico e diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

Conceito e imagem de capa: The Weinstein Company

Adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

Adaptação para ebook: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L956d

Lowry, Lois

O doador de memórias [recurso eletrônico] / Lois Lowry [tradução de Maria Luiza Newlands]; São Paulo: Arqueiro, 2014.
recurso digital

Tradução de: The giver

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-267-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Newlands, Maria Luiza. II. Título.

14-12519

CDD: 028-5

CDU: 087-5

Todos os direitos reservados, no Brasil, por Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia – 04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

Era quase dezembro e Jonas estava começando a ficar assustado. Não. Usara a palavra errada, pensou ele. “Assustado” queria dizer aquela sensação intensa e nauseante de que algo horrível está prestes a acontecer. Assustado foi como se sentiu no ano anterior, quando uma aeronave não identificada sobrevoou duas vezes a comunidade. Ele a viu em ambas as vezes. Apertando os olhos para o céu, viu passar o jato esguio e brilhante, quase um borrão por causa da alta velocidade, e, um segundo depois, escutou a explosão de som que se seguiu. Então, novamente, da direção oposta, veio o mesmo avião.

Primeiro ele ficou apenas fascinado. Nunca vira uma aeronave tão de perto, pois era contra as regras os Pilotos voarem por cima da comunidade. Vez por outra, quando aviões de carga entregavam provisões no campo de pouso do outro lado do rio, as crianças iam de bicicleta até a margem e observavam, curiosas, a descarga e, em seguida, a decolagem rumo ao oeste, sempre para longe da comunidade.

Mas o avião do ano passado tinha sido diferente. Não era um daqueles aviões de sempre, atarracados, de bojo largo, mas um jato de nariz fino e próprio para um único tripulante. Quando olhou em torno de si, ansioso, Jonas viu outras pessoas, adultos também, além das crianças, interromperem o que faziam e esperarem, confusas, por uma explicação sobre o acontecimento assustador.

Então todos os cidadãos ouviram a ordem para entrarem no prédio mais próximo e permanecerem lá. **IMEDIATAMENTE**, disse a voz rascante através dos alto-falantes. **DEIXEM SUAS BICICLETAS ONDE ESTÃO.**

No mesmo instante, obediente, Jonas deixou sua bicicleta no caminho, atrás da residência de seus pais. Correu para dentro e ficou lá, sozinho. Seus pais estavam no trabalho, e sua irmãzinha, Lily, estava no Centro de Cuidados à Infância, onde costumava ficar depois do horário escolar.

Ao espiar pela janela da frente, não viu ninguém: nenhuma pessoa das equipes de Limpadores de Ruas, de Funcionários de Paisagismo ou de Entregadores de Alimentos que, todas as tardes, naquela hora do dia, circulavam atarefadas pela

comunidade. Avistou apenas bicicletas abandonadas, deitadas de lado aqui e ali; a roda de uma delas, virada para cima, ainda girava devagar.

Naquela ocasião ele tinha ficado assustado. A impressão causada por sua comunidade silenciosa, esperando alguma coisa, dera-lhe um aperto no estômago. Fizera-o tremer.

Mas não fora nada. Em poucos minutos os alto-falantes estalaram de novo e a voz, tranquilizadora dessa vez e menos urgente, explicara que um Piloto-em-Treinamento não compreendera direito suas instruções de voo, fizera um percurso errado e, ansiosamente, tentara voltar antes que seu erro fosse percebido.

EVIDENTEMENTE ELE SERÁ DISPENSADO, disse a voz, seguida de silêncio. Havia um tom irônico na mensagem final, como se o Locutor estivesse achando graça; e Jonas sorriu de leve, mesmo sabendo como aquela declaração era soturna. Afinal, um cidadão contribuinte ser dispensado da comunidade era uma decisão definitiva, uma punição terrível, uma constatação esmagadora de fracasso.

Até as crianças eram repreendidas quando usavam a palavra levianamente, no meio de uma brincadeira, para zombar de um companheiro que deixasse de apanhar uma bola ou tropeçasse numa corrida. Jonas fizera isso uma vez, gritando para seu melhor amigo: “É isso aí, Asher! Você está dispensado!” – quando, com um erro tolo, ele havia feito seu time perder uma partida. O treinador chamou Jonas num canto para uma conversa séria e rápida, ele baixou a cabeça, envergonhado e cheio de culpa, e foi pedir desculpas a Asher depois do jogo.

Agora, pensando na sensação de medo enquanto pedalava para casa ao longo do caminho do rio, lembrou aquele momento de terror palpável, do aperto no estômago, quando a aeronave cortara o céu acima de sua cabeça. Não era igual ao que estava sentindo nesse momento com a chegada do mês de dezembro. Procurou a palavra certa para definir o que sentia.

Jonas era cuidadoso com a linguagem; ao contrário de seu amigo Asher, que falava depressa demais e misturava as coisas, fazendo uma salada com as palavras e as frases, de tal modo que mal se compreendia o que ele dizia, embora de vez em quando soasse muito engraçado.

Jonas deu um sorriso largo, lembrando o dia em que Asher entrara correndo e ofegante na sala de aula, atrasado como sempre, quando todos já entoavam o cântico da manhã. Quando a turma se sentou, no fim do hino patriótico, Asher permaneceu de pé para apresentar suas desculpas em público, como era de praxe.

– Peço desculpas por incomodar minha comunidade de ensino.

Asher disse depressa e de uma vez só a frase-padrão de desculpas, ainda sem fôlego. O Instrutor e a turma esperaram pacientemente pelas explicações dele. Todos os colegas estavam sorrindo: já tinham escutado as explicações de Asher muitas vezes antes.

– Saí de casa na hora certa, mas, quando ia passando de bicicleta perto do criadouro de peixes, a tripulação estava separando uns salmões. Acho que fiquei desorientado observando-os, foi só. Peço desculpas a meus colegas – concluiu Asher. Ele alisou o uniforme amassado e sentou-se.

– Aceitamos suas desculpas, Asher. – A turma recitou em uníssono a resposta-padrão. Muitos mordiam os lábios para não rir.

– Aceito suas desculpas, Asher – disse o Instrutor, sorrindo. – E obrigado, porque mais uma vez você nos forneceu uma oportunidade para uma lição sobre a língua. “Desorientado” é um adjetivo forte demais para descrever a observação de salmões. – Virou-se e escreveu “desorientado” no quadro-negro. Ao lado, escreveu “distraído”.

Jonas, já próximo de casa, sorriu recordando aquilo. Ao fazer sua bicicleta entrar no estreito bicicletário ao lado da porta, ele se deu conta de que “assustado” era uma palavra errada para definir seus sentimentos, agora que dezembro estava quase chegando. Era um adjetivo forte demais.

Havia esperado um tempo enorme por aquele dezembro especial. Agora que quase o alcançara, ele não estava assustado, mas sim... ansioso, decidiu. Estava ansioso para que chegasse logo. E também excitado, certamente. Todos os que pertenciam ao grupo de Onze estavam excitados com o acontecimento que logo viria.

Mas teve um ligeiro estremecimento de nervosismo ao pensar naquilo, no que poderia acontecer.

Apreensivo, concluiu Jonas. É assim que estou.



– Quem quer ser o primeiro desta noite a falar dos sentimentos? – perguntou o pai de Jonas quando terminaram a refeição.

Era um dos rituais, o relato noturno dos sentimentos.

Às vezes Jonas e a irmã, Lily, disputavam quemalaria primeiro. Os pais deles, é claro, participavam do ritual: eles também falavam sobre seus sentimentos a cada noite. Como todos os pais, entretanto – todos os adultos –, eles não discutiam nem engabelavam ninguém para ter a vez.

Nem Jonas fez isso naquela noite. Seus sentimentos estavam muito confusos. Queria partilhá-los com os outros, mas não se sentia muito disposto a começar o processo de peneirar suas emoções complicadas, nem mesmo com a ajuda que sabia que os pais poderiam lhe dar.

– Você primeiro, Lily – vendo a irmã muito mais nova do que ele (ainda uma Sete) contorcer-se de impaciência na cadeira.

– Fiquei muito zangada esta tarde – contou Lily. – Meu grupo do Centro de Cuidados à Infância estava na área de recreação e recebemos a visita de um grupo de Sete que não obedecia às regras *de jeito nenhum*. Um deles, um menino, não sei o seu nome, furava a fila do escorregador o tempo todo, apesar de todos nós estarmos esperando. Fiquei com muita raiva dele. Fechei a mão para ele assim. – E levantou o punho cerrado, fazendo o resto da família rir de seu pequeno gesto de desafio.

– Por que acha que os visitantes não obedeceram às regras? – perguntou a Mãe.

Lily refletiu um pouco e sacudiu a cabeça.

– Não sei. Eles agiam como... como...

– Animais? – sugeriu Jonas. E deu uma risada.

– Isso mesmo – disse Lily, rindo também –, como animais.

Nenhuma das duas crianças sabia o significado exato da palavra, que ali costumava ser usada para descrever pessoas mal-educadas ou desajeitadas, que destoavam da comunidade.

– De onde eram esses visitantes? – perguntou o Pai.

Lily franziu a testa, tentando lembrar.

– Nosso líder nos disse quando fez a apresentação de boas-vindas, mas não consigo lembrar. Acho que não estava prestando atenção. Eram de uma outra comunidade. Tiveram de sair muito cedo e fizeram a refeição do meio-dia no ônibus.

A Mãe balançou a cabeça:

– Não acha que talvez as regras deles possam ser diferentes? E que, sendo assim, eles simplesmente não sabiam quais eram as regras de vocês na área de recreação?

Lily deu de ombros e concordou:

– Imagino que sim.

– Você já visitou outras comunidades antes, não foi? – perguntou Jonas. – O meu grupo já visitou. Várias vezes.

Lily concordou novamente:

– Quando éramos do Seis, passamos um dia inteiro com um outro grupo de Seis numa escola da comunidade deles.

– Como você se sentiu quando estava lá?

Lily franziu as sobrancelhas:

– Meio esquisita. Porque os métodos deles eram diferentes. Estavam aprendendo costumes que meu grupo ainda não tinha aprendido e por isso nos sentimos burros.

O Pai escutava com interesse.

– Estou pensando, Lily – disse ele –, no menino que não obedeceu às regras hoje. Não acha possível ele ter se sentido esquisito e burro por estar num lugar novo com regras que ignorava?

Lily ponderou a questão.

– Acho – respondeu, afinal.

– Sinto um pouco de pena dele – disse Jonas –, mesmo sem ao menos o conhecer. Tenho pena de qualquer pessoa que está num lugar onde se sente esquisita e burra.

– Como se sente agora, Lily? – perguntou o Pai. – Ainda está com raiva?

– Acho que não – concluiu Lily. – Acho que estou com um pouco de pena. E arrependida por ter mostrado o punho para ele.

Jonas devolveu o sorriso para a irmã. Os sentimentos de Lily eram sempre sinceros, espontâneos, bastante simples, geralmente fáceis de solucionar. Imaginava que os seus também tinham sido quando era um Sete.

Escutou educadamente, embora não prestasse muita atenção, seu pai descrever, por sua vez, um sentimento de preocupação que o acometera aquele dia no trabalho: preocupação com uma das crianças-novas que não ia bem. O título do pai de Jonas era Criador. Ele e outros Criadores eram responsáveis por todas as necessidades físicas e emocionais de cada criança-nova no início da vida. Era uma atividade muito importante, Jonas sabia, mas que não o interessava muito.

– De que gênero é? – perguntou Lily.

– Masculino – respondeu o Pai. – É um machinho encantador com uma índole excelente. Mas não está crescendo com a rapidez que deveria e não dorme bem. Nós o colocamos na seção de cuidados especiais para que tenha nutrição suplementar, mas o comitê está começando a falar em dispensá-lo.

– Ah, não... – murmurou a Mãe, compreensiva. – Imagino como isso deve deixá-lo triste.

Jonas e Lily também balançaram a cabeça, solidários ao Pai. A dispensa de crianças-novas era sempre triste, porque elas ainda não tinham tido oportunidade de desfrutar a vida na comunidade. E não tinham feito nada de errado. Havia apenas duas ocasiões de dispensa que não constituíam castigo: a dispensa dos velhos, que era um momento de celebração por uma vida plena e bem vivida, e a dispensa de uma criança-nova, sempre acompanhada da sensação de o-que-poderia-ter-sido. Era algo especialmente penoso para os Criadores, como o Pai, que se sentiam como se tivessem fracassado de alguma forma. Mas isso acontecia muito raramente.

– Bem – disse o Pai –, vou continuar tentando. Posso pedir permissão ao comitê para trazê-lo para cá à noite, se vocês não se importarem. Sabem como são as equipes noturnas de Criadores. Acho que aquele rapazinho necessita de algo mais.

– É claro – disse a Mãe. Jonas e Lily assentiram.

Já tinham ouvido o Pai queixar-se da equipe noturna antes. Era considerada uma função inferior fazer parte da equipe noturna de Criadores, atribuída àquelas pessoas desprovidas de interesses, habilidades ou visão para os trabalhos mais imprescindíveis do período diurno. A maioria delas nem sequer recebia um cônjuge, porque lhes faltava, de alguma forma, a capacidade essencial de se relacionar com os outros, indispensável para a criação de uma unidade familiar.

– Talvez até a gente possa ficar com ele – sugeriu Lily com ar meigo, tentando parecer inocente. O olhar era fingido, Jonas sabia; todos sabiam.

– Lily – lembrou a Mãe, sorrindo –, você sabe muito bem quais são as regras.

Duas crianças, um menino e uma menina, para cada unidade familiar. Estava claramente escrito.

Lily deu uma risadinha.

– Ora – disse ela –, quem sabe, só desta vez.



Em seguida, a Mãe, que ocupava um cargo proeminente no Departamento de Justiça, falou sobre seus sentimentos. Naquele dia, um infrator reincidente fora levado a ela, alguém que já desrespeitara as regras antes. Alguém que ela esperava ter sido convenientemente punido, com justiça, e que fora reintegrado em sua posição: em seu trabalho, em seu lar, em sua unidade familiar. Vê-lo diante de si pela segunda vez despertou nela sentimentos avassaladores de frustração e de raiva. Até de culpa, por não ter exercido influência alguma na vida dele.

– Fiquei assustada, também, por ele – admitiu. – Vocês sabem que não existe uma terceira oportunidade. As regras dizem que, se ocorrer uma terceira transgressão, a pessoa simplesmente tem de ser dispensada.

Jonas estremeceu. Sabia que isso de fato acontecia. Havia um menino em seu grupo de Onze cujo pai fora dispensado anos atrás. Ninguém jamais comentava o assunto; a desonra era inexprimível, difícil de imaginar.

Lily levantou e aproximou-se da mãe. Acariciou-lhe o braço.

De seu lugar à mesa, o Pai segurou uma das mãos dela. Jonas segurou a outra.

Um por um, todos a consolaram. Logo ela sorriu, agradeceu-lhes e murmurou que se sentia aliviada.

O ritual continuou.

– Jonas? – perguntou o Pai. – Você é o último hoje.

Jonas suspirou. Naquela noite, ele teria preferido manter ocultos os seus sentimentos. Mas era contra as regras, claro.

– Estou me sentindo apreensivo – confessou, satisfeito por finalmente ter encontrado a palavra adequada para descrever o que sentia.

– E por quê, filho? – seu pai tinha um ar preocupado.

– Sei que não há realmente motivo algum para apreensão – explicou Jonas – e que todos os adultos já passaram por isso. Sei que você já passou, Pai, e você também, Mãe. Mas é a Cerimônia que está me deixando apreensivo. Já estamos quase em dezembro.

Lily levantou o rosto, os olhos arregalados.

– A Cerimônia de Doze – sussurrou ela com reverência na voz. Até as crianças pequenas, da idade de Lily e menores ainda, sabiam que o mesmo as esperava no futuro.

– Estou contente por você ter falado sobre o que está sentindo – disse o Pai.

– Lily – disse a Mãe, acenando para a garotinha. – Vá agora e vista sua roupa de dormir. O Pai e eu vamos ficar aqui conversando um pouco com Jonas.

Lily suspirou, mas levantou-se, obediente, de sua cadeira.

– Em particular? – perguntou ela.

A Mãe fez sinal que sim com a cabeça.

– É – disse ela –, essa conversa com Jonas vai ser em particular.

Jonas viu seu pai servir-se de mais uma xícara de café e esperou.

– Sabe – disse o Pai, afinal –, todo mês de dezembro era sempre excitante para mim quando eu era criança. Como tem sido para você e Lily também, tenho certeza. Todo mês de dezembro traz muitas mudanças.

Jonas assentiu. Era capaz de lembrar cada dezembro desde, provavelmente, que se tornara um Quatro. Os anteriores a isso perdiam-se em sua memória. Mas ficava atento a eles todos os anos e lembrava-se bem dos primeiros dezembros de Lily. Lembrava-se de quando sua família recebera Lily, o dia em que ela recebera seu nome, o dia em que se tornara uma Um.

A Cerimônia de Um era sempre barulhenta e divertida. Todo mês de dezembro as crianças-novas nascidas no ano anterior tornavam-se Um. Havia sempre 50 em cada grupo – se nenhuma tivesse sido dispensada. Uma de cada vez, elas eram levadas ao palco pelos Criadores que haviam cuidado delas desde o nascimento. Algumas já estavam andando, cambaleantes em suas perninhas ainda sem firmeza; outras tinham apenas dias de vida, envoltas em cobertores, no colo de seus Criadores.

– Gosto muito da Nomeação – disse Jonas.

Sua mãe concordou sorrindo:

– No dia em que Lily chegou, já sabíamos que receberíamos nossa menina, porque tínhamos feito o requerimento e fomos aprovados. Mas eu não parava de pensar em qual seria o nome dela.

– Eu poderia ter dado uma espiada na lista antes da cerimônia – revelou o Pai. – O comitê sempre a faz com antecedência e a guarda lá mesmo no escritório do Centro de Criação. Para ser franco – prosseguiu ele –, sinto-me um pouco culpado por causa disso, mas eu *entrei* lá hoje à tarde para ver se a lista de Nomeação deste ano já havia sido feita. Ela estava pronta no escritório e procurei o número Trinta e seis, o do garotinho que tem me preocupado, porque me ocorreu que chamá-lo por um nome pode melhorar seu tratamento. Mas isso só quando não houver ninguém por perto, é claro.

– E descobriu o nome? – perguntou Jonas. Ele estava fascinado. Não lhe parecia uma regra terrivelmente importante, mas o fato de seu pai tê-la descumprido deixava-o pasmo. Olhou de relance para sua mãe, a responsável pelo cumprimento das regras, e notou com alívio que ela estava sorrindo.

O Pai assentiu.

– O nome dele, se conseguir chegar à Nomeação sem ser dispensado, vai ser Gabriel. Então eu sussurro seu nome quando lhe dou alimento a cada quatro horas e também durante os exercícios e as brincadeiras. Mas só se ninguém estiver me escutando. Na verdade, eu o chamo de Gabe – disse ele, e abriu um sorriso.

– Gabe – repetiu Jonas. Um bom nome, pensou ele.

Apesar de Jonas ter se tornado apenas um Cinco no ano em que adquiriram Lily e tomaram conhecimento do seu nome, ele lembrava o entusiasmo, as conversas em casa a respeito dela: como seria a sua aparência, quem ela seria, como se encaixaria em sua unidade familiar estabelecida. Lembrava-se de subir os degraus do palco com os pais, seu pai ao seu lado daquela vez, em vez de estar junto com os Criadores, pois naquele ano ele próprio receberia uma criança-nova. Lembrou-se de sua mãe segurando nos braços a criança-nova – sua irmã – enquanto o documento era lido para as unidades familiares reunidas: “Criança-nova Vinte e três”, leu o Nomeador. “Lily.”

Lembrou o olhar de contentamento de seu pai, que cochichara: “É uma das minhas favoritas. Estava querendo muito que fosse ela.” A multidão aplaudira e Jonas dera um largo sorriso. Gostou do nome de sua irmã. Lily, meio adormecida, agitou sua mãozinha fechada. Então, eles desceram do palco para dar lugar à próxima unidade familiar.

– Quando eu era um Onze como você, Jonas – disse seu pai –, fiquei muito impaciente enquanto esperava pela Cerimônia de Doze. São dois dias muito compridos. Lembro que gostei da Cerimônia de Um, como sempre, mas não prestei muita atenção às outras cerimônias, exceto à da minha irmã. Ela se tornou uma Nove naquele ano e ganhou sua bicicleta. Eu a vinha ensinando a andar na minha, embora oficialmente não pudesse fazer isso.

Jonas riu. Aquela era uma das poucas regras que ninguém levava muito a sério e que *quase sempre* era desobedecida. Todas as crianças ganhavam suas bicicletas aos Nove; não tinham permissão para pedalar antes disso. Entretanto, quase sempre os irmãos e irmãs mais velhos ensinavam os mais novos em segredo. Jonas já vinha pensando em ensinar Lily.

Havia rumores de que mudariam essa regra e crianças de menos idade iriam receber bicicletas. Um comitê estava estudando a ideia. Mas quando algo ia a um comitê para estudo, as pessoas sempre caçoavam. Diziam que os membros do comitê já seriam Anciãos quando a regra fosse mudada.

Era muito difícil haver mudanças. Às vezes, quando se tratava de uma regra muito importante – não como a que regulamentava a idade para andar de bicicleta, por exemplo –, ela precisava ser encaminhada ao Recebedor para uma decisão final. O Recebedor era o Ancião de posição mais elevada. Jonas jamais o vira, segundo se lembrava; aquela pessoa de posição tão eminente vivia e trabalhava sozinha. O comitê de modo algum incomodaria o Recebedor com uma questão sobre bicicletas; seus integrantes se limitariam a discutir e resmungar entre si durante anos a fio, até os cidadãos se esquecerem que um dia o assunto lhes fora levado para estudo.

– De modo que assisti e comemorei quando minha irmã Katya se tornou uma Nove, tirou as fitas do cabelo e ganhou sua bicicleta – continuou o Pai. – Não prestei muita atenção nos Dez e Onzes que vieram em seguida. Mas *finalmente*, no término do segundo dia, que parecia nunca mais acabar, chegou a minha vez. Era a Cerimônia dos Doze.

Jonas se arrepiou. Visualizou o Pai, que deveria ser então um menino tímido e sossegado, pois era um homem tímido e sossegado, sentado com seu grupo, esperando para ser chamado ao palco. A Cerimônia de Doze era a última das cerimônias. E a mais importante.

– Lembro-me de como meus pais estavam orgulhosos. E minha irmã também; embora quisesse estar lá fora andando de bicicleta à vista de todos, parou de se remexer na cadeira e ficou bastante quieta e atenta quando chegou a minha vez. Mas, para ser franco, Jonas – disse seu pai –, no meu caso não houve esse elemento surpresa que há na sua Cerimônia. Porque eu já estava quase certo sobre qual seria a minha Atribuição.

Jonas ficou admirado. Não havia como realmente saber com antecedência. Tratava-se de uma seleção secreta, feita pelos líderes da comunidade, o Comitê dos Anciãos, que levava aquela responsabilidade muito a sério, tanto que jamais se fazia qualquer brincadeira com a questão das Atribuições.

A mãe também parecia espantada.

– Como você poderia saber? – perguntou ela.

O Pai deu um sorriso doce:

– Bem, estava bem claro para mim, e meus pais depois admitiram que também achavam óbvio, qual era a minha aptidão. Sempre gostei de crianças-novas mais que tudo. Quando meus amigos do mesmo grupo de idade disputavam corridas de bicicleta, ou construíam veículos ou pontes de brinquedo com seus jogos de armar, ou...

– Todas as coisas que faço com meus amigos – Jonas comentou e sua mãe concordou com um aceno da cabeça.

– Eu sempre participava, é claro – continuou o Pai –, porque as crianças têm de experimentar todas essas coisas. E estudava com afinco na escola, como você,

Jonas. Mas, com frequência, em meu tempo livre, via-me atraído para as crianças-novas. Passava quase todas as minhas horas de trabalho voluntário ajudando no Centro de Criação. É claro que os Anciãos sabiam disso a partir de suas observações.

Jonas balançou a cabeça. Durante o ano que passara, ele percebera o nível crescente de observação. Na escola, durante a recreação e as horas de voluntariado, notara como os Anciãos observavam tanto ele quanto os outros Onzes. Vira-os tomar notas. Sabia também que faziam prolongadas reuniões com todos os instrutores que ele e os outros Onzes tinham tido durante seus anos de escola.

– Portanto, eu já esperava aquilo e fiquei contente, mas não surpreso, quando minha Atribuição de Criador foi anunciada – explicou o Pai.

– E todos aplaudiram, mesmo sem estarem surpresos? – perguntou Jonas.

– Ah, é claro. Estavam satisfeitos por mim, por minha Atribuição ser o que eu mais queria. Achei que tinha muita sorte. – Seu pai sorriu.

– Algum Onze ficou desapontado no seu ano? – o menino perguntou. Ao contrário do Pai, ele não tinha a menor ideia de qual seria a sua Atribuição. Mas sabia que algumas delas poderiam desapontá-lo. Apesar de respeitar o trabalho do Pai, não desejava ser Criador. E não invejava nem um pouco os Operários.

O Pai refletiu um pouco.

– Não, acho que não – disse. – Não há dúvida de que os Anciãos são muito cuidadosos em suas observações e escolhas.

– Acho que o cargo deles é provavelmente o mais importante da nossa comunidade – comentou sua mãe.

– Minha amiga Yoshiko ficou surpresa por ter sido escolhida como Doutora – contou o Pai –, mas também entusiasmada. E, deixe ver, tinha o Andrei. Lembro que, quando éramos crianças, ele nunca tinha vontade de praticar atividades físicas. Passava todo o tempo que podia durante a recreação com seu jogo de armar, e suas horas de voluntariado sempre em obras. Os Anciãos sabiam disso, com certeza. Andrei recebeu a Atribuição de Engenheiro e ficou encantado.

– Andrei desenhou a ponte que atravessa o rio na parte oeste da cidade – acrescentou a mãe de Jonas. – Não existia quando éramos crianças.

– É raro alguém sair desapontado, Jonas. Acho que você não precisa se preocupar com isso – o Pai tranquilizou-o. – E, caso aconteça, você sabe que existe um processo de apelação.

Todos riram, porque uma apelação precisava ir a um comitê para estudo.

– A Atribuição de Asher me preocupa um pouco – confessou Jonas. – Asher é tão *engraçado*. Mas ele não tem nenhum interesse mais sério. Leva tudo na brincadeira.

O Pai deu uma risadinha.

– Sabe de uma coisa – disse ele –, lembro-me de Asher desde quando ele era

criança-nova no Centro de Criação, antes de receber o nome. Ele nunca chorava. Achava graça em tudo, ria de tudo. Todos nós, a equipe inteira, adorávamos cuidar dele.

– Os Anciãos conhecem Asher – aparteu a mãe. – Vão encontrar a Atribuição exata para ele. Não acho que você precise se preocupar com isso. Mas, Jonas, deixe-me preveni-lo sobre algo que pode não lhe ter ocorrido. Eu só me dei conta disso depois de minha Cerimônia de Doze.

– O que é?

– Bem, é a última Cerimônia, como sabe. Depois dos Doze, a idade não é importante. A maioria de nós até perde a noção dela à medida que o tempo passa, embora a informação esteja na Seção dos Registros Abertos e seja permitido ir procurá-la se quisermos. O importante é a preparação para a vida adulta e o treinamento que você vai receber para sua Atribuição.

– Eu sei – disse Jonas. – Todo mundo sabe.

– Mas isso significa – prosseguiu a Mãe – que você vai mudar para um novo grupo. E todos os seus amigos também. Você não vai passar mais o tempo com seu grupo de Onze. Depois da Cerimônia de Doze, vai ficar junto com seu grupo de Atribuição, com os que estão em treinamento. Nada de horas de voluntariado nem de recreação; portanto, seus amigos não vão mais estar tão por perto.

Jonas sacudiu a cabeça.

– Asher e eu sempre seremos amigos – disse ele com firmeza. – E haverá sempre a escola.

– É verdade – concordou o Pai. – Mas o que sua mãe está dizendo também é. Haverá mudanças.

– Mudanças *boas*, porém – ressaltou a Mãe. – Depois da minha Cerimônia de Doze, senti falta das recreações da infância. Mas, quando comecei meu treinamento para Lei e Justiça, me vi na companhia de pessoas com interesses iguais aos meus. Fiz amigos num outro nível, amigos de todas as idades.

– A gente ainda pode brincar depois dos Doze? – perguntou Jonas.

– De vez em quando – respondeu a Mãe. – Mas, para mim, deixou de ser tão interessante.

– Para mim, não – disse o Pai rindo. – Continuo brincando. Todo dia, no Centro de Criação, brinco de pique-pegas, de esconde-esconde e de cabra-cega. – Ele estendeu a mão e afagou o cabelo bem aparado de Jonas. – A diversão não acaba quando você chega aos Doze.

Lily apareceu à porta em sua roupa de dormir. Deu um suspiro impaciente.

– Essa conversa particular está sendo comprida *demais* – queixou-se. – E tem gente aqui esperando por seu objeto reconfortante.

– Lily – disse sua mãe carinhosamente –, você está quase se tornando uma Oito,

e, quando esse dia chegar, seu objeto reconfortante vai ser tirado de você. Vai ser reciclado para servir a crianças menores. Você devia começar a dormir sem ele.

Mas o Pai já tinha pegado o elefante de pano acolchoado que ficava guardado na prateleira. Muitos dos objetos reconfortantes eram como o de Lily, criaturas imaginárias acolchoadas e macias. O de Jonas fora chamado de urso.

– Aqui está ele, Lilyzinha – disse o Pai. – Vou ajudá-la a tirar as fitas do seu cabelo.

Jonas e a mãe reviraram os olhos, mas acompanharam com ar afetuoso Lily e seu pai se dirigirem para o dormitório dela com o elefantinho acolchoado que ela ganhara ao nascer como objeto reconfortante. A Mãe foi para sua grande escrivaninha e abriu uma pasta de documentos; o trabalho dela parecia nunca terminar, mesmo quando estava em casa à noite. Jonas se encaminhou para a sua escrivaninha e começou a separar os papéis escolares para a tarefa da noite. Sua cabeça, porém, continuava no mês de dezembro e na iminente Cerimônia.

Apesar de mais sossegado depois da conversa com os pais, ele não fazia a menor ideia de qual Atribuição os Anciãos estariam escolhendo para o seu futuro e como se sentiria a respeito quando chegasse o dia.

– Ah, olhem! – exclamou Lily com voz esganiçada, encantada. – Ele não é uma gracinha? Como é pequeno! E tem uns olhos engraçados, iguais aos seus, Jonas!

Jonas fulminou-a com o olhar. Não gostou de ouvi-la mencionar seus olhos. Esperou que o Pai castigasse Lily. Mas este estava ocupado soltando as correias que prendiam o cesto de transporte na traseira de sua bicicleta. Jonas se aproximou para olhar.

Foi a primeira coisa em que Jonas reparou ao ver a criança-nova que o fitava com ar curioso de dentro do cesto. Os olhos claros.

Quase todos os cidadãos da comunidade tinham olhos escuros. Os pais dele tinham, Lily tinha, assim como todos os membros de seu grupo e seus amigos. Mas havia umas poucas exceções: Jonas e uma menina Cinco, que, ele notara, tinha os olhos diferentes, mais claros. Ninguém comentava essas coisas; não constituía uma regra, mas considerava-se indelicado chamar a atenção para o que fosse constrangedor ou diferente nas pessoas. Lily, ele concluiu, teria de aprender isso logo, ou sua tagarelice inconsequente faria com que fosse castigada.

O Pai estacionou a bicicleta, apanhou o cesto e levou-o para dentro de casa. Lily foi atrás, mas deu uma olhadela para Jonas por cima do ombro e provocou-o:

– Talvez ele tenha a mesma Mãe-biológica que você.

Jonas deu de ombros. Entrou com eles em casa, mas os olhos da criança-nova o tinham impressionado. Espelhos eram raros na comunidade; não eram proibidos, mas não havia realmente a necessidade de possuí-los, e ele nunca se dera ao trabalho de olhar muito para si, mesmo quando se encontrava num lugar onde existia algum espelho. Agora, vendo a criança-nova e a expressão do seu rosto, Jonas lembrou que os olhos claros não eram apenas incomuns, mas conferiam aos que os tinham uma certa aparência – de quê? De *profundidade*, decidiu ele; como se alguém olhasse para o fundo da água clara de um rio, onde poderiam estar à espreita coisas que ainda não tinham sido descobertas. Ficou encabulado, dando-se conta de que ele também tinha aquele tipo de olhar.

Encaminhou-se para a sua escrivaninha, fingindo não estar interessado na criança-nova. Do outro lado da sala, a Mãe e Lily estavam curvadas assistindo ao Pai desembrulhá-la de seu cobertor.

– Como se chama o objeto reconfortante dele? – perguntou Lily, pegando a criaturinha acolchoada que fora colocada junto do menino em seu cesto.

– Hipo – respondeu o Pai, depois de olhar para ele.

Lily deu uma risadinha ao escutar a palavra esquisita.

– Hipo – repetiu ela, devolvendo o objeto para o seu lugar. Observou com interesse a criança, agora sem o cobertor, que agitava os braços.

– Acho as crianças-novas tão bonitinhas – suspirou Lily. – Tomara que minha Atribuição seja a de Mãe-biológica.

– Lily! – repreendeu a Mãe num tom áspero. – Não diga isso. É uma Atribuição muito pouco nobre.

– É que, quando eu estava conversando com Natasha, sabe, aquela Dez que mora na esquina? Ela passa algumas horas de seu voluntariado no Centro de Nascimentos e me contou que as Mães-biológicas recebem uma comida maravilhosa, fazem exercícios muito suaves e, na maior parte do tempo, só jogam, brincam e se divertem enquanto esperam. Acho que isso me agrada – disse Lily, petulante.

– Três anos – replicou a Mãe em tom firme. – Três nascimentos e só. Depois disso, tornam-se Operárias para o resto de suas vidas adultas, até o dia em que entram para a Casa dos Idosos. É isso o que você quer, Lily? Três anos de preguiça e depois trabalho físico pesado até ficar velha?

– Bom, acho que não – reconheceu ela, relutante.

O Pai virou a criança-nova de barriga para baixo dentro do cesto. Sentou-se a seu lado e friccionou as costas pequeninas com movimentos ritmados.

– Aliás, Lilyzinha – disse ele, afetuosamente –, as Mães-biológicas nunca sequer chegam a ver as crianças-novas. Se gosta tanto assim desses pequenos, devia torcer por uma Atribuição de Criadora.

– Quando você for uma Oito e começar suas horas de voluntariado, pode experimentar passar algumas no Centro de Criação – sugeriu a Mãe.

– É, acho que vou fazer isso, sim – disse Lily, ajoelhando-se ao lado do cesto. – Qual é mesmo o nome dele? Gabriel? Olá, Gabriel – disse ela, com a voz entoada. Depois deu uma risadinha. – Opa – sussurrou –, acho que ele adormeceu. É melhor eu calar a boca.

Jonas voltou a atenção para as tarefas escolares em cima de sua mesa. *Quem dera*, pensou. Lily *jamais* calava a boca. O que deveria mesmo desejar era uma Atribuição para Locutora; assim poderia ficar o dia inteiro sentada num escritório diante do microfone comunicando coisas. Riu para si mesmo em silêncio, imaginando a irmã falando com aquela voz monótona e presunçosa que todos os

Locutores pareciam adotar, dizendo, por exemplo: “ATENÇÃO! LEMBRAMOS A TODAS AS MENINAS DE MENOS DE NOVE QUE AS FITAS DE CABELO DEVEM ESTAR SEMPRE BEM AMARRADAS.”

Ele se virou para Lily e notou, satisfeito, que as fitas dela estavam, como de costume, desamarradas e penduradas, balançando. Tinha a impressão de que muito em breve haveria um aviso daqueles dirigido principalmente a Lily, embora o nome dela, é claro, não devesse ser mencionado. Mas todo mundo saberia.

Todo mundo soube, lembrou ele com um sentimento de humilhação, que o aviso ATENÇÃO! LEMBRAMOS AOS MENINOS DE ONZE QUE NÃO SE DEVE RETIRAR OBJETOS DA ÁREA DE RECREAÇÃO E QUE OS LANCHES DEVEM SER COMIDOS, NÃO GUARDADOS” foi especificamente dirigido a ele, naquele dia do mês anterior em que levou uma maçã para casa. Ninguém mencionou o assunto, nem seus pais, porque o comunicado público era suficiente para produzir o devido remorso. Desfizera-se da maçã, é claro, e apresentara suas desculpas ao Diretor de Recreação na manhã seguinte, antes da aula.

Jonas pensou de novo no incidente. Aquilo ainda o deixava desorientado. Não por causa do aviso e da necessidade de pedir desculpas, que eram procedimentos-padrão e merecidos por ele, mas pelo incidente em si. Talvez devesse ter discutido aquele sentimento de desorientação na mesma noite, quando a unidade familiar partilhou os sentimentos do dia. Mas não foi capaz de resolver nem definir com palavras a origem de sua confusão, de modo que deixou passar.

Aconteceu durante a hora de recreação, quando estava brincando com Asher. Jonas apanhou uma maçã por acaso na cesta onde ficavam guardados os lanches e jogou-a para o amigo. Asher jogou-a de volta e eles iniciaram uma brincadeira simples de jogar e apanhar.

Não havia nada de especial naquilo; era uma atividade que ele já tinha praticado inúmeras vezes: jogar, apanhar; jogar, apanhar. Não exigia nenhum esforço de Jonas, que a achava até cansativa, embora Asher gostasse e, para ele, fosse uma atividade recomendada porque contribuía para melhorar sua coordenação visual-manual, abaixo dos padrões.

Mas Jonas de repente percebeu, acompanhando com os olhos o percurso da maçã pelo ar, que a fruta – bem, esta foi a parte que ele não conseguiu entender direito –, que a maçã tinha *se transformado*. Só por um instante: em pleno ar, no meio do caminho, de acordo com o que se lembrava. Em seguida, ele a pegou nas mãos e examinou-a com atenção, mas era a mesma maçã. Inalterada. Do mesmo tamanho e da mesma forma: uma esfera perfeita. Da mesma cor indefinível, mais ou menos da mesma cor que a túnica de seu uniforme.

Não havia absolutamente nada de extraordinário naquela maçã. Ele a passou de uma à outra mão algumas vezes, depois a lançou outra vez para Asher. E novamente

– no ar, por um instante apenas – ela se transformou.

Aconteceu o mesmo quatro vezes. Jonas piscou, olhou em torno, testou sua visão apertando os olhos para enxergar as letras pequenas no crachá de identificação preso à sua túnica. Leu seu nome perfeitamente. Também enxergava perfeitamente Asher do outro lado do pátio. E não teve dificuldades em apanhar a maçã.

Ele ficou inteiramente perplexo.

– Ash? – chamou. – Está vendo alguma coisa esquisita? Na maçã?

– Estou – respondeu Asher de longe, rindo. – Ela pula da minha mão para o chão!
– Asher deixara a maçã cair mais uma vez.

Então Jonas riu também, tentando, com a risada, ignorar a incômoda convicção de que algo *realmente* acontecera. Mas levou a fruta consigo, contrariando as regras da área de recreação. Naquela noite, antes que seus pais e Lily chegassem em casa, ele segurou a maçã e a observou meticulosamente. Estava um pouco amassada de tanto que Asher a deixara cair; porém não tinha nada de anormal. Examinou-a com uma lente de aumento. Jogou-a várias vezes para cima dentro do quarto, seguindo-a com os olhos, depois a fez rolar de um lado para outro sobre sua escrivaninha, esperando que aquilo acontecesse de novo. Mas não aconteceu. Só o que ocorreu foi o aviso no alto-falante mais tarde, o aviso que o destacava sem citar seu nome, que fizera seus pais lançarem um olhar significativo para a sua escrivaninha, onde a maçã ainda se encontrava.

Agora, sentado diante da mesma escrivaninha, fitando as tarefas da escola enquanto sua família rodeava a criança-nova dentro do cesto, ele sacudiu a cabeça, tentando esquecer o estranho incidente. Forçou-se a organizar seus trabalhos escolares e tentar estudar um pouco antes da refeição da noite. O menino, Gabriel, mexeu-se e choramingou, e o Pai falou em voz baixa com Lily, explicando o processo de alimentação, enquanto abria o recipiente que continha a fórmula e o equipamento.

A noite seguiu seu curso de sempre na unidade familiar, na residência, na comunidade: sossegada, reflexiva, um tempo de renovação e preparação para o dia seguinte. A única diferença era o acréscimo da criança-nova, com seus olhos claros, solenes, inteligentes.

Jonas pedalou sem pressa, inspecionando os bicicletários ao lado dos prédios para ver se encontrava a bicicleta de Asher. Não costumava passar suas horas de voluntariado com o amigo porque Asher vivia fazendo brincadeiras, e desse jeito era difícil realizar qualquer trabalho sério. Agora, porém, com os Doze tão perto e o fim das horas de trabalho voluntário, não tinha importância.

A liberdade de escolher onde passar aquelas horas sempre lhe parecera um luxo maravilhoso, já que os outros momentos do dia eram tão minuciosamente controlados.

Lembrou-se de quando se tornou um Oito – como aconteceria com Lily dentro em breve – e se viu diante daquela liberdade de escolha. Os Oitos sempre se comportavam com um certo nervosismo em sua primeira hora de trabalho voluntário, dando risadinhas e formando grupinhos de amigos. Quase sempre começavam pelo Serviço de Recreação, ajudando a cuidar dos mais novos num lugar onde ainda se sentiam à vontade. Com orientação, entretanto, à medida que desenvolviam autoconfiança e maturidade, iam desempenhar outras tarefas, gravitando em torno das que combinavam mais com seus interesses e habilidades.

Um Onze, chamado Benjamim, havia dedicado todos os seus quase quatro anos de atividade voluntária ao Centro de Reabilitação, trabalhando com cidadãos machucados. Dizia-se que ele agora era tão hábil quanto os próprios Diretores e que chegara até a desenvolver máquinas e métodos para apressar a recuperação. Não havia qualquer dúvida de que Benjamim receberia sua Atribuição naquela área e que provavelmente seria autorizado a pular grande parte do treinamento.

Jonas ficava impressionado com todas as coisas que Benjamim realizara. Conhecia-o, é claro, já que sempre foram companheiros de grupo, mas nunca conversavam sobre as proezas do garoto porque o assunto seria embaraçoso para Benjamim. Não havia jeito confortável de mencionar ou debater os próprios sucessos sem infringir a regra contra a jactância, mesmo sem intenção. Era uma regra menor, como a referente à descortesia, punida apenas com um castigo leve. Mesmo

assim, o melhor era passar longe de qualquer ocasião sujeita a uma regra tão fácil de desobedecer.

Deixando para trás a área de residências, Jonas foi passando pelos edifícios da comunidade na esperança de avistar a bicicleta de Asher estacionada ao lado de uma das pequenas fábricas ou dos prédios de escritórios. Passou pelo Centro de Cuidados à Infância, onde Lily ficava depois da escola, e pelos pátios de recreio que o rodeavam. Atravessou a Praça Central e o amplo Auditório onde eram realizadas as reuniões públicas.

Jonas diminuiu a velocidade e olhou os nomes nas etiquetas das bicicletas enfileiradas do lado de fora do Centro de Criação. Depois verificou as que se encontravam fora do Centro de Distribuição de Alimentos; era sempre divertido ajudar nas entregas e ele esperava encontrar seu amigo ali para que pudessem fazer juntos as rondas diárias, carregando as caixas de papelão com os mantimentos para as residências da comunidade. Finalmente achou a bicicleta de Asher – inclinada, como sempre, em vez de aprumada no bicicletário, como deveria – na Casa dos Idosos.

Havia somente mais uma bicicleta de criança ali: a de uma menina Onze chamada Fiona. Jonas gostava de Fiona. Ela era boa aluna, sossegada e bem-educada, mas também tinha senso de humor; não o surpreendeu que estivesse trabalhando com Asher naquele dia. Estacionou sua bicicleta com cuidado no bicicletário ao lado das deles e entrou no prédio.

– Olá, Jonas – disse a atendente do balcão da entrada. Ela lhe entregou a folha de registro e carimbou seu próprio símbolo oficial ao lado da assinatura dele. Todas as horas de voluntariado de Jonas seriam escrupulosamente assinaladas na Seção dos Registros Abertos. Corria em segredo entre as crianças a história de um Onze que se apresentara na Cerimônia de Doze apenas para ouvir publicamente que não havia cumprido o número exigido de horas de trabalho voluntário e, portanto, não receberia a sua Atribuição. Haviam-lhe concedido um mês adicional para completar o tempo, após o qual recebera sua Atribuição em particular, sem aplausos nem comemorações: uma desonra que anuviara todo o seu futuro.

– É bom ter alguns voluntários aqui hoje – disse-lhe a atendente. – Celebramos uma dispensa hoje, o que sempre altera um pouco a rotina do dia e atrasa as coisas. – Ela examinou uma folha impressa. – Vamos ver: Asher e Fiona estão ajudando na sala de banhos. Por que não vai para lá também? Sabe onde fica, não sabe?

Jonas fez que sim com a cabeça, agradeceu à moça e enveredou pelo corredor comprido. Ao passar, espiou para dentro dos quartos de ambos os lados. Os Idosos estavam sentados calmamente, alguns visitantes conversando, outros fazendo trabalhos manuais e atividades artesanais simples. Poucos dormiam. Todos os quartos eram mobiliados com conforto, os assoalhos revestidos de grossos tapetes.

Era um lugar sereno, de ritmo lento, ao contrário dos movimentados centros de fabricação e distribuição onde se realizava o trabalho diário da comunidade.

Jonas sentia-se satisfeito por, ao longo dos anos, ter decidido passar suas horas como voluntário em locais variados para poder experimentar as diferenças. Percebia, entretanto, que o fato de não se ter concentrado numa só área deixara-o sem a menor ideia – nem ao menos uma conjectura – de qual seria sua Atribuição.

Riu baixinho. *Pensando na Cerimônia outra vez, Jonas?*, implicou consigo mesmo. Mas desconfiava que, a data estando tão próxima, todos os seus amigos deviam estar pensando o mesmo.

Passou por um Curador que caminhava lentamente com uma Idosa pelo corredor.

– Olá, Jonas – o rapaz uniformizado cumprimentou-o com um sorriso simpático. A mulher ao lado dele, cujo braço ele segurava, vinha curvada e arrastando os pés enfiados em chinelos macios. Ela olhou na direção de Jonas e sorriu, mas seus olhos escuros estavam toldados e inexpressivos. Ele notou que ela era cega.

Entrou na sala de banhos, com sua atmosfera úmida e quente e o perfume das loções de limpeza. Tirou a túnica, pendurou-a com cuidado num gancho na parede e vestiu o jaleco dos voluntários que estava dobrado numa prateleira.

– Oi, Jonas! – exclamou Asher do canto onde estava ajoelhado junto a uma banheira.

Jonas viu Fiona ali perto, ao lado de uma outra banheira. Ela levantou a cabeça e sorriu para ele, mas estava ocupada, lavando delicadamente um homem deitado na banheira de água quente.

Jonas cumprimentou-os, assim como os curadores-assistentes que trabalhavam nas proximidades. Dirigiu-se então para a fileira de espreguiçadeiras acolchoadas, onde outros Idosos estavam à espera. Já havia trabalhado ali antes; sabia o que fazer.

– Sua vez, Larissa – disse, lendo o crachá no roupão da mulher. – Vou abrir a água e volto para ajudá-la a levantar-se. – Apertou um botão numa banheira vazia próxima e viu a água quente fluir pelos inúmeros orifícios laterais. A banheira estaria cheia num minuto e o fluxo de água pararia automaticamente.

Auxiliou a mulher a sair da cadeira, conduziu-a até a banheira, tirou seu roupão e amparou-a segurando em seu braço, enquanto ela entrava na banheira e se sentava. Então a mulher se recostou e suspirou de prazer, a cabeça pousada num apoio acolchoado.

– Está confortável? – perguntou Jonas; ela assentiu, com os olhos fechados. Jonas esguichou a loção de limpeza numa esponja limpa que se encontrava na beirada da banheira e começou a lavar-lhe o corpo frágil.

Na noite da véspera, assistira a seu pai dar banho na criança-nova. Ali era mais ou menos igual: a pele sensível, a água calmante, os movimentos delicados de sua mão deslizando com o líquido de limpeza.

O sorriso relaxado e pacífico no rosto da mulher lembrava-lhe Gabriel sendo banhado. A nudez, também. Era contra as regras crianças ou adultos olharem a nudez dos outros: mas as regras não se aplicavam às crianças-novas nem aos Idosos. Jonas estava contente. Era um aborrecimento manter-se coberto ao mudar de roupa para os jogos, e as indispensáveis desculpas quando por acaso se enxergava o corpo de outra pessoa eram sempre constrangedoras. Não conseguia entender a necessidade disso. Gostava da sensação de segurança daquele lugar aquecido e calmo; gostava da expressão de confiança no rosto da mulher desprotegida, exposta e livre, agora deitada na água.

Pelo canto dos olhos entreviu sua amiga Fiona amparar o homem que saía da banheira e secar delicadamente o corpo magro e nu com um pano absorvente. Ela o ajudou a vestir o roupão.

Jonas pensou que Larissa tivesse adormecido, como os Idosos costumavam fazer, e teve o cuidado de manter seus movimentos constantes e suaves para não acordá-la. Surpreendeu-se quando ela falou, com os olhos ainda fechados:

– Esta manhã comemoramos a dispensa de Roberto – contou ela. – Foi maravilhoso.

– Conheci Roberto! – disse Jonas. – Ajudei a alimentá-lo quando estive aqui da última vez, poucas semanas atrás. Era um homem muito interessante.

Larissa abriu os olhos, feliz.

– Contaram toda a história da vida dele antes de dispensá-lo – ela disse. – É o que sempre fazem, mas, para ser franca – sussurrou com ar malicioso –, às vezes é um pouco cansativo. Já vi alguns Idosos cochilarem durante as narrativas. Como na dispensa de Edna, recentemente. Você conheceu Edna?

Jonas sacudiu a cabeça. Não se recordava de nenhuma Edna.

– Bem, eles tentaram fazer a vida dela parecer significativa. Evidentemente – acrescentou Larissa, afetada –, *todas* as vidas são significativas, não digo que não sejam. Mas a da *Edna*, céus... Ela foi Mãe-biológica, depois trabalhou na Produção de Alimentos durante anos, até vir para cá. Nem chegou a ter uma unidade familiar.

Larissa levantou a cabeça e olhou ao redor para certificar-se de que ninguém estava escutando. Depois confidenciou:

– Acho que a Edna não era muito inteligente.

Jonas riu. Enxaguou o braço direito dela, pousou-o de novo na água e começou a lavar seus pés. Ela deixou escapar um murmúrio de prazer quando ele massageou seus pés com a esponja.

– Mas a vida de Roberto foi maravilhosa – prosseguiu, após um momento. – Ele foi Instrutor de Onzes – e você sabe muito bem como isto é importante –, além de ter participado do Comitê de Planejamento. E, céus, não sei como encontrou tempo, mas também criou dois filhos muito bem-sucedidos e, *ainda por cima*, fez o projeto de

paisagismo da Praça Central. Não fez o trabalho braçal, evidentemente.

– Agora, as costas. Incline-se um pouco para a frente; vou ajudá-la a sentar-se. – Jonas passou um braço em torno dela, apoiando o seu corpo para que se mantivesse sentada. Espremeu a esponja nas suas costas e começou a friccionar-lhe os ombros ossudos. – Conte sobre a comemoração.

– Bem, houve a narrativa da vida dele, que sempre vem primeiro. Depois o brinde. Todos nós levantamos nossas taças e brindamos. Cantamos o hino. Ele fez um lindo discurso de despedida e vários entre nós também discursaram dedicando-lhe bons votos. Eu, não. Nunca apreciei muito falar em público. Ele ficou emocionado. Precisava ver a expressão no rosto dele quando o deixaram ir.

Jonas ficou pensativo. Seus movimentos nas costas dela tornaram-se mais lentos.

– Larissa – perguntou ele –, o que acontece quando fazem a dispensa? Para onde exatamente foi Roberto?

Ela ergueu os ombros nus e molhados num gesto breve.

– Não sei. Acho que ninguém sabe, a não ser o comitê. Ele apenas se inclinou, fez uma mesura para todos nós e depois saiu, como todos fazem, pela porta especial da Sala da Dispensa. Mas você tinha de ter visto a cara dele. De pura felicidade, eu diria.

Jonas deu um largo sorriso.

– Queria ter estado lá para ver.

Larissa franziu a testa.

– Não sei por que não permitem que as crianças participem. Acho que por falta de espaço. Deviam mandar aumentar a Sala da Dispensa.

– Vamos ter de sugerir isso ao comitê. Quem sabe eles estudam a proposta? – disse Jonas, zombeteiro, e Larissa abafou as risadas.

– *Combinado!* – caçoou ela. E Jonas ajudou a mulher a sair da banheira.

Em geral, no ritual da manhã, quando todos os membros da família contavam seus sonhos, Jonas não contribuía muito. Ele raramente sonhava. De vez em quando acordava com uma sensação de fragmentos flutuando em seu sono, mas não conseguia captá-los e juntar tudo num relato que valesse a pena contar durante o ritual.

Mas naquela manhã foi diferente. Ele havia sonhado de modo bem vívido na noite anterior. Sua mente vagueava enquanto Lily, como sempre, narrava um sonho interminável, e dessa vez assustador, no qual ela, contra as regras, pedalava a bicicleta de sua mãe e era apanhada pelos Guardas de Segurança.

Todos escutaram atentamente e discutiram com Lily o aviso que o sonho lhe dera.

– Obrigado por seu sonho, Lily. – Jonas pronunciou a frase-padrão automaticamente e tentou concentrar-se mais enquanto sua mãe relatava um fragmento do sonho dela, uma cena inquietante em que era castigada por uma infração às regras que ela não compreendia. Juntos, concluíram que aquilo provavelmente resultava de seus sentimentos ao determinar relutantemente a punição ao cidadão que desobedecera regras importantes pela segunda vez.

O Pai disse que não havia sonhado.

– E você, Gabe? – perguntou o Pai, olhando para o cesto onde a criança-nova estava deitada, balbuciando, depois de ter sido alimentada, pronta para ser levada de volta para passar o dia no Centro de Criação.

Todos caíram na risada. O relato dos sonhos começava com Três. Se as crianças-novas sonhavam ou não, ninguém sabia.

– Jonas? – perguntou a Mãe. Eles sempre perguntavam, apesar de saberem que raramente Jonas tinha um sonho para contar.

– Eu *sonhei* na noite passada – disse Jonas. Ele se remexeu na cadeira, franzindo a testa.

– Ótimo – disse o Pai. – Então, conte.

– Os detalhes não estão muito claros, na realidade – explicou Jonas, tentando

recriar o sonho esquisito em sua cabeça. – Acho que eu estava na sala de banhos da Casa dos Idosos.

– Para onde você foi ontem – indicou o Pai.

Jonas concordou.

– Mas não era o mesmo lugar. Havia uma banheira no sonho. Mas só uma. E a sala de banhos verdadeira tem várias, uma ao lado da outra. Mas o ambiente do sonho era quente e úmido. E eu havia tirado minha túnica, mas não vestira o jaleco, então meu peito estava nu. Estava suando, por causa do calor. E Fiona estava lá, como ontem.

– Asher também? – perguntou a Mãe.

Jonas sacudiu a cabeça.

– Não, só eu e Fiona, sozinhos na sala, de pé ao lado da banheira. Ela estava rindo, mas eu não. Eu estava até um pouco zangado com ela, no sonho, porque não estava me levando a sério.

– A sério em relação a quê? – perguntou Lily.

Jonas baixou os olhos para seu prato. Por alguma razão que não compreendia, sentia-se um pouco encabulado.

– Acho que eu estava tentando convencê-la a entrar na banheira cheia de água.

Fez uma pausa. Sabia que precisava falar tudo, que não só era o certo, mas era necessário contar o sonho *inteiro*. Portanto, obrigou-se a relatar a parte que o deixava pouco à vontade.

– Eu queria que ela tirasse a roupa e entrasse na banheira – explicou depressa. – Queria dar banho nela. Estava com a esponja na mão. Mas ela não queria. Só fazia rir e dizer que não.

Levantou os olhos para os pais.

– Foi só – concluiu.

– Consegue definir o sentimento mais forte de seu sonho, filho? – perguntou o Pai.

Jonas refletiu. Os detalhes eram sombrios e vagos. Mas os sentimentos estavam claros e tomaram conta dele outra vez, agora que pensava neles.

– *Desejo* – disse ele. – Eu sabia que ela não queria. E acho que sabia que ela não *deveria*. Mas eu queria muito. Sentia aquela vontade enorme dentro de mim.

– Obrigado por seu sonho, Jonas – disse a Mãe depois de um instante. Em seguida olhou rapidamente para o Pai.

– Lily – disse o Pai –, está na hora de sair para a escola. Será que hoje você pode ir andando ao meu lado e ficar de olho no cesto da criança-nova? Queremos ter certeza de que ele não vai se soltar.

Jonas se levantou para começar a recolher seus livros escolares. Estranhou ninguém ter conversado mais a respeito de seu sonho antes do agradecimento. Talvez também o achassem meio confuso.

– Espere, Jonas – disse a Mãe, com voz meiga. – Vou escrever um pedido de desculpas para o seu instrutor, assim você não vai ter de se desculpar em voz alta por ter se atrasado.

Ele se afundou em sua cadeira, intrigado. Acenou para o Pai e Lily quando eles saíram da residência carregando Gabe no cesto. Sua mãe arrumou as sobras da refeição da manhã e colocou a bandeja junto da porta da frente, para ser levada pela Equipe Recolhedora.

Finalmente, a Mãe se sentou ao lado dele à mesa.

– Jonas – disse ela com um sorriso –, sabe a sensação que você descreveu como “desejo”? Foi o seu primeiro Atiçamento. O Pai e eu já esperávamos que isso fosse acontecer em breve com você. Acontece com todo mundo. Aconteceu com o Pai quando ele tinha a sua idade. E aconteceu comigo também. Um dia vai acontecer com Lily. E, frequentemente – a Mãe acrescentou –, começa com um sonho.

Atiçamentos. Jonas escutara antes aquela palavra. Lembrava-se que havia uma referência aos Atiçamentos no Livro de Regras, embora não lhe ocorresse o que dizia. E de vez em quando o Locutor o mencionava. “ATENÇÃO! LEMBRANDO QUE OS ATIÇAMENTOS DEVEM SER COMUNICADOS PARA QUE SE PROCEDA AO TRATAMENTO.”

Sempre ignorava aquele aviso, porque não o compreendia e porque tinha a impressão de que nunca se aplicava a ele. Jonas não dava atenção, como a maioria dos cidadãos, a muitos comandos e avisos lidos pelo Locutor.

– Tenho de comunicar isso? – ele perguntou à Mãe.

Ela riu.

– Já comunicou quando contou o sonho. É o bastante.

– E quanto ao tratamento? O Locutor diz que precisa haver um tratamento. – Jonas se sentiu angustiado. Logo agora que a Cerimônia estava prestes a acontecer, sua Cerimônia de Doze, ele teria de ir para algum lugar fazer um tratamento? Só por causa de um sonho idiota?

Mas sua mãe riu novamente de um jeito bem carinhoso e tranquilizador.

– Não, não – disse ela –, são só as pílulas. Chegou a hora de você começar a tomar as pílulas, é só. É esse o tratamento para os Atiçamentos.

Jonas se reanimou. Sabia da existência das pílulas. Seus pais as tomavam todas as manhãs. E alguns de seus amigos também, ele sabia. Certa vez, estava saindo para a escola com Asher, cada um em sua bicicleta, quando o pai dele o chamara da porta de sua residência: “Você esqueceu sua pílula, Asher!” Asher resmungara num tom bem-humorado, fizera a volta com sua bicicleta, depois viera ao encontro de Jonas, que o esperava.

Era o tipo da coisa sobre a qual não se perguntava a um amigo, porque se corria o risco de cair naquela desconfortável categoria de “ser diferente”. Asher tomava uma pílula toda manhã; Jonas, não. Era sempre melhor, mais educado, conversar sobre

coisas em comum.

Ele engoliu o pequeno comprimido que sua mãe lhe ofereceu.

– Só isso? – perguntou.

– Só – respondeu ela, guardando o vidro no armário da cozinha. – Mas você não pode esquecer. Vou lembrá-lo nas primeiras semanas, mas daí em diante vai ficar por sua conta. Se esquecer, os Atiçamentos voltarão. Os sonhos de Atiçamentos vão voltar. Às vezes a dosagem precisa ser ajustada.

– Asher toma essas pílulas – confidenciou Jonas.

Sua mãe assentiu, sem se espantar:

– Muitos dos seus colegas de grupo devem tomar. Os rapazes, pelo menos. E dentro de pouco tempo todos estarão tomando. As meninas também.

– Por quanto tempo vou ter de tomá-las?

– Até entrar para a Casa dos Idosos – explicou ela. – Durante toda a sua vida adulta. Mas vira rotina: depois de um tempo, você nem vai prestar mais atenção nisso. – Olhou para o relógio. – Se sair agora, vai chegar a tempo na escola, sem atraso. Corra. E obrigada mais uma vez, Jonas – acrescentou, enquanto ele se dirigia para a porta –, por seu sonho.

Pedalando rapidamente pelo caminho, ele se sentiu estranhamente orgulhoso por ser parte daqueles que tomavam as pílulas. Por um momento, entretanto, ele se lembrou outra vez do sonho. O sonho fora prazeroso. Apesar dos sentimentos confusos, ele achava que gostara daquilo que sua mãe chamava de Atiçamentos. Lembrou-se de que, ao acordar, tivera vontade de senti-los de novo.

Então, da mesma forma como sua residência sumiu atrás de si quando dobrou uma esquina em sua bicicleta, o sonho sumiu de seus pensamentos. Muito ligeiramente, com um pouquinho de culpa, ele tentou resgatá-lo. Mas a sensação desaparecera. Os Atiçamentos tinham passado.

– Lily, *por favor*, fique parada – repetiu a Mãe.

Lily, de pé diante dela, mexia-se, irrequieta, impaciente.

– Eu consigo amarrar as fitas sozinha – queixou-se. – Sempre amarro.

– Sei disso – replicou a Mãe, apertando as fitas nas tranças da menina. – Mas também sei que elas costumam ficar frouxas e, quando chega a tarde, normalmente estão penduradas em suas costas. Hoje, pelo menos, quero que fiquem bem amarradas e assim *permaneçam*.

– Não gosto dessas fitas. Ainda bem que só tenho de usá-las por mais um ano – reclamou Lily, irritada. – No ano que vem, também vou ganhar minha bicicleta – acrescentou, mais animada.

– Há coisas boas todos os anos – lembrou Jonas. – Neste, você começa suas horas de voluntariado. E você se lembra no ano passado, quando se tornou uma Sete, como ficou contente com seu casaco abotoado na frente?

A menina fez que sim com a cabeça e olhou para baixo, para seu casaco com a fileira de botões grandes que a designavam uma Sete. Quatros, Cincos e Seis usavam casacos que se fechavam atrás, para que aprendessem a interdependência, ajudando-se, uns aos outros, a se vestir.

O casaco abotoado na frente era o primeiro sinal de independência, o primeiro símbolo realmente visível de crescimento. A bicicleta, aos Nove, seria o poderoso emblema do direito de se movimentar gradualmente pela comunidade, longe da unidade familiar protetora.

Lily abriu um sorriso e desvencilhou-se da Mãe.

– E você este ano vai ganhar sua Atribuição – disse para Jonas com a voz excitada. – Tomara que seja de Piloto. E me leve para voar!

– Claro que levo – disse Jonas. – E vou arranjar um paraquedas pequeno que sirva em você, subir até, digamos, talvez uns 20 mil pés, abrir a porta e...

– *Jonas!* – repreendeu-o a Mãe.

– Eu estava só brincando – murmurou Jonas. – Não quero ser Piloto, de qualquer

maneira. Se me derem essa Atribuição, apresento um apelo.

– Vamos – ela deu um puxão final nas fitas de Lily. – Jonas, está pronto? Já tomou sua pílula? Quero pegar um bom lugar no Auditório. – Foi empurrando Lily para a porta da frente, e Jonas as seguiu.

O percurso até o Auditório era curto e Lily ia acenando para as amigas de seu assento na traseira da bicicleta da Mãe. Jonas estacionou a sua bicicleta ao lado da dela e abriu caminho pelo meio da multidão, a fim de encontrar seu grupo.

A comunidade em peso assistia à Cerimônia a cada ano. Para os pais, significava dois dias de folga do trabalho; sentavam-se todos juntos no imenso auditório. As crianças ficavam junto de seus grupos até se dirigirem, uma a uma, ao palco.

O Pai, no entanto, não ficaria junto com a Mãe na plateia desde o início, pois, para a primeira Cerimônia – a Nomeação –, os Criadores levavam as crianças-novas ao palco. Jonas, de seu lugar no balcão com os Onzes, esquadrinhou o Auditório à procura do Pai. Era bem fácil encontrar o local reservado aos Criadores na parte da frente; de lá, vinham os ruídos e choradeiras das crianças-novas, que se agitavam no colo dos Criadores. Em todas as outras cerimônias públicas, a plateia se mantinha em silêncio e atenta; mas, uma vez por ano, todos sorriam com indulgência para a movimentação dos pequeninos à espera de receber seus nomes e suas famílias.

O olhar de Jonas e o de seu pai finalmente se encontraram, e ele acenou. O Pai abriu um sorriso e acenou de volta, depois levantou a mãozinha da criança-nova que trazia no colo, fazendo-a acenar também.

Não era Gabriel. Gabe voltara para o Centro de Criação naquele dia: estava aos cuidados da equipe noturna. O comitê concedera a ele uma trégua especial, que não era comum: um ano adicional no Centro de Criação antes de sua Nomeação e Colocação. O Pai apresentara ao comitê um apelo em nome de Gabriel, que ainda não havia ganhado peso proporcionalmente ao seu tempo de vida nem começado a dormir um sono profundo o bastante, à noite, para ser colocado numa unidade familiar. Normalmente, uma criança assim seria rotulada como Deficiente e dispensada da comunidade.

Como resultado do apelo, porém, Gabriel fora classificado como Indeterminado e recebera um ano a mais. Continuaria a ser tratado no Centro de Criação e passaria as noites com a unidade familiar de Jonas. Foi exigido que todos os membros da família, inclusive Lily, assinassem um documento comprometendo-se a não se apegar ao pequeno hóspede temporário e a deixá-lo partir sem protestos ou apelos quando ele fosse designado para uma unidade familiar na Cerimônia do ano seguinte.

Pelo menos, pensou Jonas, depois que Gabriel fosse embora no ano seguinte, ainda o veriam com frequência, porque faria parte da mesma comunidade. Se fosse dispensado, nunca mais o veriam. Jamais. Todos os que eram dispensados – até as crianças-novas – eram mandados para Alhures e nunca mais voltavam.

O Pai não precisara dispensar nem uma única criança-nova naquele ano, de modo que, caso isso tivesse acontecido com Gabriel, teria representado um fracasso verdadeiro e um motivo de tristeza para ele. Até mesmo Jonas, apesar de não viver gravitando em torno do pequeno como Lily e seu pai faziam, estava contente por Gabe não ter sido dispensado.

A primeira Cerimônia começou pontualmente, e Jonas viu uma criança-nova após outra receber seu nome e ser entregue pelos Criadores à sua nova unidade familiar. Para algumas, era o primeiro filho. Mas muitos casais subiam ao palco acompanhados de uma outra criança, radiante de orgulho por estar recebendo um irmãozinho ou uma irmãzinha, como acontecera com Jonas quando ele estava prestes a se tornar um Cinco.

Asher cutucou o braço do amigo.

– Lembra quando recebemos Phillipa? – perguntou ele, num sussurro alto. Jonas assentiu. Tinha sido no ano anterior. Os pais de Asher haviam esperado muito tempo antes de solicitarem uma segunda criança. Jonas desconfiava que talvez tivessem ficado tão exaustos com as tolices de Asher que precisaram de mais tempo.

Faltavam dois membros do grupo deles, Fiona e uma outra menina chamada Thea, que naquele momento esperavam junto com seus pais a sua vez de receberem crianças-novas. Mas era raro haver uma diferença de idades tão grande entre as crianças de uma unidade familiar.

Quando a cerimônia de sua família terminou, Fiona veio ocupar o assento que fora guardado para ela na fileira à frente de Asher e Jonas. Ela se virou e cochichou para os dois:

– Ele é uma gracinha. Mas não gostei muito do nome. – Em seguida fez uma careta e deu uma risadinha. O novo irmão de Fiona se chamava Bruno. Não era um nome tão bonito, pensou Jonas, como – ora, como Gabriel, por exemplo –, mas não era tão ruim assim.

Os aplausos da plateia, entusiásticos a cada Nomeação, elevaram-se num crescendo exuberante quando um casal de pais, ambos radiantes de orgulho, recebeu uma criança-nova – um menino – e ouviu-o ser denominado Caleb.

Esse novo Caleb era uma substituição. O casal havia perdido seu primeiro Caleb, um alegre e pequeno Quatro. A perda de uma criança era um fato raro, muito raro. A comunidade desfrutava de uma segurança extraordinária, todos os cidadãos vigiavam e protegiam todas as crianças. Mas, de alguma forma, o primeiro pequeno Caleb se afastara sem ser notado e caíra no rio. A comunidade inteira realizara a Cerimônia da Perda em conjunto, murmurando o nome de Caleb durante um dia inteiro, cada vez com menos frequência, em voz cada vez mais baixa, à medida que o dia longo e sombrio ia transcorrendo, de modo que o pequenino Quatro pareceu apagar-se gradualmente da consciência de todos.

Agora, naquela Nomeação especial, a comunidade realizou a breve Cerimônia do Murmúrio-de-Substituição, repetindo o nome pela primeira vez desde a perda; primeiro, baixo e devagar, depois mais depressa e em volume mais alto, enquanto o casal permanecia no palco com a criança-nova dormindo nos braços da Mãe. Era como se o primeiro Caleb estivesse voltando.

Uma outra criança-nova recebeu o nome de Roberto, e Jonas se lembrou que Roberto, o Idoso, tinha sido dispensado na semana anterior. Mas não houve Cerimônia do Murmúrio-de-Substituição para o novo pequeno Roberto. Dispensa não era a mesma coisa que Perda.

Ele se manteve comportadamente sentado no decorrer das cerimônias de Dois, Três e Quatro, cada vez mais entediado, como todos os anos. Depois veio o intervalo para a refeição do meio-dia – servida ao ar livre – e a volta aos assentos para as cerimônias de Cinco, Seis, Sete e, finalmente, a última do primeiro dia: a de Oito.

Jonas aplaudiu Lily quando ela se encaminhou com determinação e orgulho para o palco, tornou-se uma Oito e recebeu o casaco de identificação que usaria naquele ano, com botões menores e, pela primeira vez, bolsos, indicando que ela era suficientemente madura para tomar conta de seus pequenos pertences pessoais. Lily escutou de pé, solenemente, o discurso com as instruções rígidas sobre as responsabilidades dos Oitos e sobre o início da prática de voluntariado. Mas Jonas percebeu que, apesar de parecer atenta, a irmã estava de olho comprido na fileira de reluzentes bicicletas que seriam entregues aos Noves na manhã seguinte.

No ano que vem, Lilyzinha, pensou Jonas.

Foi um dia exaustivo, e até Gabriel, apanhado em seu cesto no Centro de Criação, dormiu profundamente naquela noite.

Finalmente chegou a manhã da Cerimônia de Doze.



Agora o Pai se encontrava ao lado da Mãe na plateia. Jonas os viu aplaudindo zelosamente enquanto os Noves, um a um, saíam do palco empurrando suas novas bicicletas, todas ostentando, na traseira, as reluzentes plaquinhas com seus nomes. Tinha certeza de que seus pais se contraíram um pouco, aflitos como ele, quando Fritz, que morava na casa ao lado, recebeu sua bicicleta e logo em seguida bateu com ela no pódio. Fritz era uma criança muito estabanada, várias vezes chamada a receber punições. Suas transgressões eram sempre pequenas: sapatos com os pés trocados, tarefas escolares perdidas, não ter estudado o suficiente para uma prova. Cada um desses erros, porém, refletia-se negativamente no conceito da competência de seus pais e perturbava a noção de ordem e sucesso da comunidade. Jonas e sua

família não viam com bons olhos a chegada da bicicleta de Fritz que, imaginavam, provavelmente seria deixada inúmeras vezes na porta da frente em vez de devidamente guardada em seu bicicletário.

Por fim, os Noves se acomodaram em suas cadeiras, depois de levarem suas bicicletas para fora, onde ficariam à espera de seus donos até o final do dia. Todo mundo ria e fazia piadinhas quando eles iam pedalando para casa pela primeira vez.

– Quer que lhe ensine a andar de bicicleta? – implicavam os amigos mais velhos.
– Sei que você nunca pedalou antes!

Mas, invariavelmente, os sorridentes Noves – que já vinham praticando às escondidas por muitas semanas, numa infração técnica à regra – montavam e saíam pedalando perfeitamente, sem perder o equilíbrio, as rodinhas laterais de apoio nem sequer tocando o chão.

Depois vinham os Dez. Jonas nunca achou a Cerimônia de Dez particularmente interessante – só demorada demais, já que os cabelos de todas as crianças eram aparados meticulosamente, de acordo com o corte que as distinguia: as meninas perdiam suas tranças e os meninos também abandonavam o cabelo comprido infantil e adotavam o estilo mais curto e masculino que os deixava com as orelhas descobertas.

Operários entraram com vassouras e rapidamente varreram os montes de cabelo cortado. Jonas via a agitação e o murmúrio dos pais dos novos Dez, e sabia que, naquela noite, em muitas residências, eles estariam aparando e acertando os cortes de cabelos feitos às pressas, deixando-os mais retos.

Onzes. Parecia ter transcorrido muito tempo desde que Jonas passara pela Cerimônia de Onze, mas lembrava que não era das mais interessantes. Aos Onzes, só se fazia esperar para ser um Doze. A data consistia apenas em marcação de tempo, sem mudanças significativas. Ganhavam roupas novas: roupas de baixo diferentes para as meninas, cujos corpos começavam a mudar; e calças mais compridas para os meninos, com um bolso de formato especial para a pequena calculadora que usariam durante aquele ano na escola. Mas tudo isso era meramente oferecido em pacotes, sem nenhum acompanhamento de discurso.

Intervalo para a refeição do meio-dia. Jonas se deu conta de que estava com fome. Ele e seus companheiros de grupo se reuniram junto às mesas colocadas defronte do Auditório e abriram seus embrulhos de comida. Na véspera, o almoço fora alegre, uns fazendo brincadeiras com os outros, um bocado de energia à solta no ar. Mas naquele dia o grupo demonstrava ansiedade, isolado das outras crianças. Jonas observou os Noves recentes gravitarem em torno de suas bicicletas estacionadas, cada um admirando a etiqueta com seu nome. Viu os Dez acariciando seu novo corte de cabelo, as meninas sacudindo a cabeça para sentir a leveza, agora sem as tranças pesadas que tinham usado por tanto tempo.

– Ouvi uma história sobre um garoto que tinha absoluta certeza de que seria Engenheiro – murmurou Asher enquanto eles comiam –, mas que, em vez disso, recebeu a Atribuição de Operário de Saneamento. No dia seguinte ele saiu, pulou no rio, nadou até o outro lado e foi morar na primeira comunidade que encontrou. Nunca mais ninguém soube dele.

Jonas deu uma risada.

– Alguém inventou essa história, Ash – disse ele. – Meu pai contou que ouviu isso quando *ele* era um Doze.

A informação não serviu para deixar Asher mais tranquilo. Ele não tirava os olhos do rio, visível atrás do Auditório.

– Nem nadar muito bem eu sei – resmungou. – Meu professor de natação disse que eu não tenho a... flatulência certa, ou algo assim.

– Flutuação – Jonas corrigiu.

– Sei lá. Eu não tenho isso. Eu afundo.

– Seja como for – salientou Jonas –, você alguma vez já ouviu falar de alguém, mas quero dizer de verdade mesmo, Asher, e não só uma história que você escutou a respeito, que tenha se mudado para outra comunidade?

– Não – admitiu Asher com relutância. – Mas é possível, está escrito nas regras. Se você não se adaptar, pode requerer a ida para Alhures e ser dispensado. Minha mãe disse que certa vez, há uns 10 anos, alguém requereu e foi embora no dia seguinte. – E deu uma risadinha. – Ela me contou isso porque eu a estava deixando maluca. Ameaçou requerer minha ida para Alhures.

– Ela estava brincando.

– Eu sei. Mas era verdade o que contou sobre alguém ter feito isso antes. Ela disse que era verdade. Hoje aqui, amanhã longe. Nunca mais foi visto. Não houve nem a Cerimônia de Dispensa.

Jonas deu de ombros. Aquilo não o preocupava. Como seria possível alguém não se adaptar? A comunidade era tão meticulosamente organizada, as escolhas eram feitas com tanto cuidado!

Até o Casamento de Cônjuges envolvia tantas considerações que às vezes um adulto que requeria um companheiro esperava meses, até *anos*, para sua União ser aprovada e anunciada. Todos os fatores – disposição, nível de energia, inteligência e interesses – tinham de corresponder um ao outro e interagir perfeitamente. A mãe de Jonas, por exemplo, possuía um grau de inteligência mais elevado do que o de seu pai, mas seu pai tinha uma índole mais calma. Eles se equilibravam. A União deles, que, como todas as outras, tinha sido monitorada pelo Comitê de Anciãos durante três anos, antes que eles fossem autorizados a requerer filhos, sempre fora bem-sucedida.

Assim como o Casamento de Cônjuges, a Nomeação e a Colocação de crianças-

novas, as Atribuições eram escrupulosamente ponderadas pelo Comitê de Anciãos.

Tinha certeza de que sua Atribuição, e a de Asher igualmente, quaisquer que fossem, seriam as mais apropriadas para eles. Só queria que terminasse logo a refeição do meio-dia, que as pessoas voltassem para o Auditório e o suspense acabasse.

Como resposta ao seu desejo silencioso, foi dado o sinal e a multidão começou a encaminhar-se para as portas.

O grupo de Jonas agora ocupava um outro lugar no Auditório, tendo trocado com os novos Onzes, de modo que estavam todos sentados bem na frente, junto ao palco.

Estavam instalados de acordo com seus números originais, os números que lhes tinham sido dados ao nascer. Esses números raramente eram usados depois da Nomeação. Mas cada criança sabia o seu, é claro. Alguns pais os usavam, quando irritados pelo mau comportamento de uma criança, para indicar que as traquinices a tornavam indigna de um nome. Jonas sempre ria quando ouvia um dos pais, exasperado, repreender um pequeno chorão: “Já chega, Vinte e três!”

Jonas era número Dezenove. Fora a décima nona criança a nascer naquele ano. Isso significava que no dia de sua Nomeação ele já ficava de pé, tinha o olhar vivo e estava prestes a andar e falar; o que lhe dera ligeira vantagem durante os seus dois primeiros anos, um pouco mais de maturidade sobre muitos de seus companheiros de grupo nascidos nos meses posteriores daquele ano. A diferença se equilibrara, porém, como sempre acontecia, por volta dos Três.

Depois dos Três, as crianças progrediam praticamente no mesmo nível, embora pelo número sempre se pudesse saber quem era mais velho do que os outros no grupo. Oficialmente, o número completo de Jonas era Onze-Dezenove, já que em cada grupo de idade existia, evidentemente, outro Dezenove. Mas, naquele dia, agora que os novos Onzes tinham sido formalmente reconhecidos de manhã, existiam *dois* Onze-Dezenoves. No intervalo do meio-dia, ele trocara sorrisos com o novo, uma menina tímida chamada Harriet.

Mas a duplicação só durava aquelas poucas horas. Daí a pouco ele não seria mais um Onze, e sim um Doze, e a idade não teria mais importância. Seria um adulto, como seus pais, apesar de ainda novo e destreinado.

Asher era o Quatro e estava sentado na fileira à frente de Jonas. Seria o quarto a receber sua Atribuição.

Fiona, Dezoito, sentava-se à sua esquerda; do outro lado estava o Vinte, um menino chamado Pierre, de quem Jonas não gostava muito. Pierre era muito sério,

nada divertido, ansioso e também mexeriqueiro. “Já verificou as regras, Jonas?”, Pierre estava sempre cochichando com ar solene. “Não tenho certeza se isso está de acordo com as regras.” Geralmente se tratava de alguma coisa boba a que ninguém dava importância – abrir a túnica se estava ventando; dar uma voltinha rápida na bicicleta de um amigo só para experimentar uma sensação diferente.

O discurso de abertura da Cerimônia de Doze era feito pelo Ancião-Chefe, o líder da comunidade, eleito a cada 10 anos. O discurso era mais ou menos o mesmo todos os anos: recordar o tempo da infância e o período de preparação, as futuras responsabilidades da vida adulta, a profunda importância da Atribuição, a seriedade do treinamento que os esperava.

A Anciã-Chefe deu prosseguimento ao seu discurso.

– Esta é a ocasião – começou ela, olhando direto para eles – em que reconhecemos as diferenças. Vocês, Onzes, passaram todos os anos até agora aprendendo a adaptar-se, a padronizar seus comportamentos, a controlar todo impulso que pudesse separá-los do grupo. Hoje, porém, nós acatamos suas diferenças. Elas determinaram o futuro de cada um de vocês.

Em seguida começou a descrever o grupo daquele ano e sua variedade de personalidades, apesar de não citar o nome de nenhum deles. Disse que havia um com grandes habilidades para Curador, outro que adorava crianças-novas, outro com uma capacidade científica incomum e um quarto para quem o trabalho físico era um prazer evidente. Jonas se remexeu em seu assento, tentando associar cada uma dessas referências a um de seus companheiros de grupo. As habilidades de Curador eram sem dúvida as de Fiona, à sua esquerda; havia reparado como ela era carinhosa ao dar banho nos Idosos. Provavelmente, o da capacidade científica era Benjamim, que inventara o novo e importante equipamento para o Centro de Reabilitação.

Nada do que ouviu adaptava-se a ele próprio, Jonas.

Por fim, a Anciã-Chefe rendeu homenagem ao árduo trabalho do seu comitê, que se dedicara às observações de modo tão meticuloso naquele ano. O Comitê dos Anciãos se levantou e foi agraciado com aplausos. Jonas notou que Asher dava um pequeno bocejo, cobrindo a boca educadamente com a mão.

Então, encerrando a sua fala, a Anciã-Chefe chamou o número Um ao palco e começaram as Atribuições.

Cada participação era prolongada, acompanhada de um discurso dirigido especialmente ao novo Doze. Jonas tentou prestar atenção quando a número Um, sorrindo feliz, recebeu sua Atribuição de Encarregada de Criação de Peixes, junto com palavras de louvor pelas muitas horas de voluntariado de sua infância passadas naquele local e seu visível interesse no importante processo de fornecer alimento para a comunidade.

A número Um – seu nome era Madeline – voltou finalmente para o seu lugar, sob

aplausos, usando o novo crachá que a designava como Encarregada de Criação de Peixes. Jonas ficou feliz por *aquela* Atribuição já ter dono; ele certamente não gostaria de recebê-la, mas deu um sorriso de felicitações para Madeline.

Quando a Dois, uma menina chamada Inger, recebeu sua Atribuição de Mãe-biológica, Jonas se lembrou que sua mãe considerava aquela Atribuição pouco nobre. No entanto, achou que o Comitê escolhera bem. Inger era uma boa menina, mas um tanto preguiçosa, e seu corpo era forte. Apreciaria os três anos de mimos que se seguiriam a seu breve treinamento; daria à luz bem, com facilidade; e, mais tarde, a função de Operária iria utilizar sua força, mantê-la saudável e impor-lhe autodisciplina. Inger sorria quando voltou ao seu lugar. Mãe-biológica era uma função importante, ainda que desprovida de prestígio.

Jonas percebeu que Asher parecia nervoso. Não parava de virar a cabeça e olhar para trás, em direção a Jonas, o que fez o líder do grupo lhe dar uma punição silenciosa, um gesto para ficar sentado quieto e olhando para a frente.

O Três, Isaac, recebeu a Atribuição de Instrutor de Seis, o que visivelmente o agradou e era bem merecido. Agora havia três Atribuições a menos, nenhuma das quais Jonas teria gostado de receber – não que pudesse ser Mãe-biológica, divertindo-se em seu íntimo. Tentou rever mentalmente a lista das possíveis Atribuições que restavam. Havia tantas, contudo, que ele desistiu; de qualquer forma, era a vez de Asher. Concentrou sua atenção enquanto o amigo se dirigia para o palco e se postava ao lado da Anciã-Chefe, com ar inibido.

– Todos nós na comunidade conhecemos e gostamos de Asher – a Anciã-Chefe começou a falar. Asher sorriu de orelha a orelha e esfregou uma perna com o outro pé. A plateia riu baixinho.

– Quando o comitê começou a considerar a Atribuição de Asher – prosseguiu ela – havia certas possibilidades que foram imediatamente descartadas. Possibilidades estas que claramente não serviriam para ele. Por exemplo – disse, sorrindo –, nem por um instante cogitamos em designá-lo Instrutor dos Três.

A plateia caiu na gargalhada. Asher riu também, encabulado, mas parecendo satisfeito com a atenção especial. Os Instrutores dos Três eram incumbidos da correção da língua.

– Na realidade – continuou a Anciã-Chefe, rindo um pouco também –, chegamos a pensar numa punição retroativa para aquele que foi o Instrutor dos Três *de Asher* tanto tempo atrás. Na reunião em que debatemos o seu caso, recontamos muitas histórias de que todos nos lembrávamos dos tempos dele de aquisição linguística. Principalmente – ela riu de novo – a da diferença entre mastigar e castigar. Lembra, Asher?

Asher sacudiu a cabeça, pesaroso, e a plateia riu alto. Jonas também. Lembrava-se bem, apesar de ser somente um Três naquela época.

O castigo usado para crianças pequenas era um sistema oficial de varadas com a vara disciplinar: uma arma fina e flexível que, quando utilizada, causava uma dor aguda na criança. Os especialistas em Cuidados à Infância eram zelosamente treinados para praticar os métodos disciplinares: uma varada rápida nas mãos no caso de um pequeno deslize de comportamento; três varadas mais fortes nas pernas nuas no caso de um segundo delito.

E, coitado do Asher, sempre falava depressa demais e confundia as palavras desde pequenino! Quando era um Três, ansioso para receber logo seu suco e suas bolachas, ele certo dia falou “castigar” em vez de “mastigar” na fila para o lanche da manhã. Jonas se lembrava claramente. Via o pequeno Asher contorcendo-se de impaciência. Ouvia a voz alegre exclamando: “Está na hora de castigar!” Os outros Três, inclusive Jonas, deram risadinhas nervosas. “Mastigar!”, corrigiram eles. “Você quis dizer mastigar, Asher!” Mas o erro havia sido cometido e precisão de linguagem era uma das tarefas mais importantes das crianças pequenas. Asher praticamente pedira um castigo.

A vara disciplinar, na mão do funcionário responsável pelos Cuidados à Infância, sibilou ao descer nas mãos de Asher. O menino choramingou, encolheu-se de dor e corrigiu-se no mesmo instante: “Mastigar”, sussurrou.

Na manhã seguinte, porém, ele repetiu o erro. E repetiu outra vez na semana seguinte. Parecia que não iria parar nunca de errar, embora para cada lapso a vara disciplinar entrasse em ação, sua atividade aumentando progressivamente até uma sucessão de golpes dolorosos deixarem marcas nas suas pernas. Afinal, por um espaço de tempo, Asher parou completamente de falar quando era um Três.

– Durante um certo período – disse a Anciã-Chefe, contando a história –, tivemos um Asher mudo! Mas ele aprendeu.

Virou-se para ele com um sorriso.

– E, quando recomeçou a falar, ele o fez com maior precisão. Agora comete pouquíssimos lapsos. Suas correções e desculpas são imediatas. E seu bom humor é inabalável.

A plateia murmurou, confirmando. O temperamento alegre de Asher era conhecido em toda a comunidade.

– Asher – ela alteou a voz para fazer a proclamação oficial. – Demos a você a Atribuição de Diretor-Assistente de Recreação.

E prendeu na roupa dele o novo crachá enquanto ele sorria, radiante, ao seu lado. Então Asher se virou e saiu do palco sob os vivas da plateia. Quando retomou seu lugar, a Anciã-Chefe baixou os olhos para ele e disse as palavras que já havia pronunciado quatro vezes até aquele momento e que dirigiria a cada novo Doze. De alguma forma, sempre dava à frase um significado especial quando a dizia a cada um:

– Asher, obrigada por sua infância.



A concessão de Atribuições prosseguiu. Jonas assistia atento, aliviado agora por seu melhor amigo ter recebido uma Atribuição maravilhosa. Mas ia ficando cada vez mais apreensivo à medida que a sua se aproximava. Todos os novos Dozes da fileira à sua frente já tinham recebido seus crachás. Tocavam-nos a todo instante e Jonas sabia que estavam pensando no treinamento que os esperava. Para alguns – um menino estudioso fora escolhido como Médico, uma menina como Engenheira e outra para o setor de Lei e Justiça – significava anos e anos de estudo e muito esforço. Outros, como os Operários e as Mães-biológicas, teriam um período de treinamento muito mais curto.

Número Dezoito, Fiona, à sua esquerda, foi chamada. Jonas sabia que ela devia estar nervosa, mas Fiona era bastante calma. Durante toda a Cerimônia mantivera-se quieta e serena em seu lugar.

Até os aplausos, embora entusiasmados, pareceram também serenos quando ela recebeu a importante Atribuição de Curadora de Idosos. Era a atividade perfeita para aquela menina tão sensível e meiga; seu sorriso transparecia satisfação e prazer quando voltou a sentar-se ao lado dele.

Jonas se preparou para andar até o palco quando cessaram os aplausos, a Anciã-Chefe pegou a pasta seguinte e olhou para o grupo a fim de chamar o Doze seguinte. Ele estava calmo, agora que chegara a sua vez. Respirou fundo e alisou o cabelo com a mão.

– Vinte – ele a ouviu dizer com toda a clareza. – Pierre.

Ela me pulou, pensou Jonas, aturdido. Será que não ouvira direito? Não. Fez-se um repentino silêncio na multidão, e ele teve certeza de que a comunidade inteira havia percebido que a Anciã-Chefe passara do Dezoito para o Vinte, saltando um número. À sua direita, Pierre, com uma expressão espantada, levantou-se de sua cadeira e encaminhou-se de maneira irresoluta para o palco.

Fora um engano. Ela se enganara. Mas, ao mesmo tempo que lhe vinha esse pensamento, Jonas sabia que não, que não havia engano algum. A Anciã-Chefe não cometia erros. Não na Cerimônia de Doze.

Sentiu uma tonteira, não conseguia concentrar sua atenção. Não ouviu qual Atribuição Pierre recebeu e só se conscientizou vagamente dos aplausos quando o menino voltou para sua cadeira usando seu novo crachá. Em seguida, Vinte e um. Vinte e dois.

Os números continuaram em sua ordem. Jonas assistiu, atordoado, chegarem aos Trinta e depois aos Quarenta, quase no fim. A cada vez, a cada chamada, seu

coração dava um pequeno salto e loucos pensamentos tomavam conta dele. Talvez agora ela chamasse o seu nome. E se ele tivesse esquecido seu número? Não. Sempre fora Dezenove. Estava sentado na cadeira marcada com o número Dezenove.

Mas ela *pulara* seu número. Viu os outros de seu grupo olhando-o de soslaio, embaraçados e desviando depressa o olhar. Viu uma expressão preocupada no rosto de seu líder de grupo.

Curvou os ombros e tentou parecer menor em sua cadeira. Gostaria de desaparecer, de sumir, de não existir. Não se atrevia a virar e procurar seus pais no meio da multidão. Não suportaria ver os rostos deles sombrios de vergonha.

Jonas baixou a cabeça e vasculhou sua mente. *O que fizera de errado?*

A plateia estava inegavelmente constrangida. Aplaudiram o último a receber a Atribuição, mas o aplauso veio esparsamente, não mais num crescendo de entusiasmo geral. Ouviam-se murmúrios de confusão.

Jonas juntou as mãos e aplaudiu, mas foi um gesto automático, sem sentido, do qual nem teve consciência. Sua mente bloqueou todas as emoções anteriores: expectativa, excitação, orgulho, até o coleguismo feliz com seus amigos. Agora só sentia humilhação e terror.

A Anciã-Chefe esperou até os aplausos forçados terminarem. Então falou de novo, a voz vibrante, amistosa.

– Sei que estão todos preocupados. Açam que cometi um engano.

E sorriu. A comunidade, ligeiramente aliviada em seu desconforto pelo tom bondoso da declaração, pareceu respirar com mais facilidade. Todos estavam muito silenciosos.

Jonas levantou os olhos.

– Causei-lhes ansiedade – disse ela – e peço à minha comunidade que me desculpe por isso. – Sua voz fluiu por toda a multidão.

– Aceitamos suas desculpas – disseram todos em uníssono.

– Jonas – disse ela, baixando os olhos para ele –, peço desculpas a você em especial. Causei-lhe angústia.

– Aceito suas desculpas – respondeu Jonas, trêmulo.

– Por favor, suba ao palco agora.

Naquela manhã, ao se vestir em sua residência, ele treinara aquele andar lépido e confiante com que iria até o palco quando chegasse a sua vez. Foi tudo esquecido. Simplesmente se forçou a levantar-se, a mover os pés, que sentia pesados e desajeitados, para ir adiante, subir os degraus e atravessar o palco até se postar ao lado dela.

Para acalmá-lo, ela colocou o braço em seus ombros tensos.

– Jonas não foi indicado para uma atribuição, ele foi *escolhido*.

Ele piscou. O que ela queria dizer com aquilo? Sentiu uma movimentação na plateia, uma interrogação no ar. Eles também estavam intrigados.

Com voz firme e imponente ela anunciou:

– Jonas foi escolhido para ser o nosso próximo Recebedor de Memória.

Então Jonas ouviu a exclamação, o assombro – todos os cidadãos ali sentados prendendo a respiração de repente, juntos. Viu a expressão de seus rostos, os olhos arregalados, admirados, reverentes – e continuava sem compreender.

– Uma escolha dessas é muito, muito rara – disse a Anciã-Chefe para a plateia. – Nossa comunidade tem apenas um Recebedor. É ele quem treina seu sucessor. Já faz muito tempo que temos nosso Recebedor – continuou.

Jonas seguiu seu olhar e viu que se dirigia para um dos Anciãos. Os representantes do Comitê de Anciãos estavam sentados todos juntos, em grupo; e os olhos da Anciã-Chefe pousaram num deles, sentado no meio, mas parecendo estranhamente isolado dos outros. Jonas nunca havia reparado nele antes, naquele homem barbudo de olhos claros. Ele fitava Jonas com grande atenção.

– Fracassamos em nossa última escolha – declarou solenemente a Anciã-Chefe. – Foi há 10 anos, quando Jonas apenas começava a andar. Não vou me estender na experiência porque o fato deixa todos nós terrivelmente constrangidos.

Jonas não sabia a que ela se referia, mas notava o constrangimento da plateia. As pessoas se agitavam nas cadeiras, pouco à vontade.

– Desta vez não nos apressamos – prosseguiu. – Não podíamos nos permitir fracassar outra vez.

E continuou falando, agora num tom mais leve, para relaxar a tensão no Auditório:

– Às vezes não nos sentimos inteiramente seguros ao decidir sobre as Atribuições, mesmo depois de uma observação escrupulosa. Às vezes existe a preocupação de que uma ou outra pessoa não desenvolva, com o treinamento, todos os atributos necessários para aquela função. Os Onzes ainda são crianças, afinal de contas. O que consideramos jovialidade e paciência – as qualidades que se exigem de um Criador –, com a maturidade, pode se revelar apenas tolice e indolência. Por isso, continuamos a observação durante o treinamento, para modificar certos comportamentos quando necessário. Mas o Recebedor-aprendiz não pode ser observado, não pode ser modificado. Isso está explícito nas regras. Ele deve ficar sozinho, isolado, enquanto é preparado pelo atual Recebedor para a função de maior honra em nossa comunidade.

Sozinho? Isolado? Jonas escutava com apreensão crescente.

– Consequentemente, a escolha deve ser estudada. A decisão do Comitê precisa ser unânime. Eles não podem ter dúvidas nem sombras de dúvidas. Se, durante o processo, um Ancião relata um sonho que revela incerteza, aquele sonho tem o poder de afastar instantaneamente um candidato. Jonas foi identificado como possível

Recebedor muitos anos atrás. Nós o observamos meticulosamente. Não houve sonhos sobre incertezas. Ele demonstrou possuir todas as qualidades indispensáveis a um Recebedor.

Com a mão ainda firmemente pousada no ombro de Jonas, a Anciã-Chefe enumerou suas qualidades.

– *Inteligência* – disse ela. – Todos estamos cientes de que Jonas tem sido um excelente aluno durante a sua vida escolar.

Fez uma pequena pausa e citou em seguida:

– *Integridade*. Jonas, como todos nós, cometeu pequenas transgressões. – Sorriu para ele. – Já esperávamos por isso. Esperávamos, também, que se apresentasse prontamente para receber punição, o que ele sempre fez.

E prosseguiu:

– *Coragem*. Apenas um de nós aqui hoje passou pelo rigoroso treinamento que a função de Recebedor exige. Essa pessoa é, inegavelmente, o membro mais importante do Comitê: o atual Recebedor. Foi ele quem nos lembrou repetidamente da necessidade da coragem. Jonas – disse ela, virando-se para ele, mas falando numa voz que a comunidade inteira podia ouvir –, o treinamento exigido de você envolve dor. Dor física.

Jonas sentiu o medo palpitar dentro dele.

– Você nunca teve essa experiência. Sim, é verdade que arranhou os joelhos em quedas de bicicleta. Sim, é verdade que esmagou um dedo numa porta no ano passado.

Jonas balançou a cabeça, concordando, enquanto recordava o incidente e o sofrimento que o acompanhara.

– O que você vai enfrentar agora, porém – explicou ela com brandura –, será dor de tal magnitude que nenhum de nós pode compreender, porque está além de nossa experiência. O próprio Recebedor não foi capaz de descrevê-la, só nos lembrou que você teria de enfrentá-la, que precisaria ter imensa coragem. Não podemos prepará-lo para isso. Mas temos certeza de que você é corajoso.

Ele não se sentia nada corajoso. Não naquele momento.

– O quarto atributo essencial – disse a Anciã-Chefe – é a *sabedoria*. Jonas ainda não a adquiriu. A aquisição de sabedoria virá através de seu treinamento. Estamos convencidos de que tem capacidade para adquiri-la. Isso era o que estávamos procurando. Finalmente, o Recebedor precisa ter mais uma qualidade, e essa posso apenas citar mas não descrever. Não a compreendo. Vocês, membros da comunidade, também não a compreenderão. Talvez Jonas compreenda, porque o atual Recebedor contou-nos que Jonas já possui essa qualidade. Ele a denomina Capacidade de Ver Além.

A Anciã-Chefe fitou Jonas com uma pergunta no olhar. A plateia o observava

também. Todos em silêncio.

Por um momento ele ficou paralisado, entregue ao desespero. Ele *não tinha* aquela coisa, aquele negócio que ela havia falado. Nem sabia o que era. Agora chegara o momento em que teria de confessar, teria de dizer “Não, não tenho. *Não consigo* fazer isso” e colocar-se à mercê deles, pedir que o perdoassem e explicar que a sua escolha fora um erro, que não era de jeito algum a pessoa certa para aquele cargo.

No entanto, quando olhou para a multidão, para o mar de rostos, a coisa aconteceu outra vez. A mesma coisa que acontecera com a maçã.

Eles *mudaram*.

Ele piscou e acabou-se. Seus ombros se aprumaram ligeiramente. Pela primeira vez e por um breve instante, ele sentiu um pingo de segurança.

Ela ainda o olhava. Como todos os outros.

– Acho que é verdade – disse à Anciã-Chefe e à comunidade. – Ainda não compreendo bem, não sei o que é. Mas às vezes vejo algo. E talvez isso seja o “ver além”.

Ela tirou o braço dos seus ombros.

– Jonas – disse, dirigindo-se não apenas a ele mas a toda a comunidade à qual pertencia –, você será treinado para se tornar nosso próximo Recebedor de Memória. Nós lhe agradecemos por sua infância.

Então ela se virou e saiu do palco, deixando-o ali sozinho, de pé diante da multidão, que começou espontaneamente o murmúrio coletivo de seu nome.

– Jonas – um murmúrio, primeiro, baixinho, quase inaudível. – Jonas, Jonas.

Depois, mais alto, mais rápido:

– JONAS. JONAS. JONAS.

Com a invocação, Jonas sabia, a comunidade o estava aceitando, assim como seu novo papel, dando-lhe vida, da mesma forma como tinham feito com a criança-nova Caleb. Seu coração se encheu de gratidão e orgulho.

Mas, ao mesmo tempo, também se encheu de medo. Não sabia o que significava aquela escolha. Não sabia o que estava por vir.

Ou o que seria dele.

Pela primeira vez em seus 12 anos de vida, Jonas se sentiu deslocado, diferente. Lembrou o que a Anciã-Chefe dissera: faria seu treinamento sozinho e isolado dos outros.

Mas seu treinamento nem começara e, saindo do Auditório, ele já sentia o distanciamento. Segurando a pasta que ela lhe dera, abriu caminho através da multidão, procurando por sua unidade familiar e por Asher. As pessoas se afastavam para deixá-lo passar. Acompanhavam-no com os olhos. Pensou ouvir cochichos.

– Ash! – chamou, avistando o amigo perto das bicicletas enfileiradas. – Vamos voltar juntos?

– Claro. – Asher deu seu sorriso de sempre, familiar e amigável. Mas Jonas captou um momento de hesitação em seu amigo, uma incerteza.

– Parabéns! – disse Asher.

– Para você também – replicou Jonas. – Foi engraçado quando ela falou da troca de palavras. Você foi praticamente o mais aplaudido de todos.

Os outros novos Dozes estavam reunidos ali por perto, guardando com cuidado suas pastas no bagageiro das bicicletas. Naquela noite, em todas as residências, as instruções para o início do treinamento seriam estudadas. A cada noite, durante anos, as crianças memorizariam as lições da escola, muitas vezes bocejando de tédio. Nessa, porém, elas começariam diligentemente a memorizar as regras de suas Atribuições adultas.

– Parabéns, Asher! – alguém disse. E em seguida, com aquela mesma hesitação outra vez: – Para você também, Jonas!

Asher e Jonas parabenizaram, em retorno, seus companheiros de grupo. Jonas viu seus pais olhando para ele do local onde tinham deixado suas bicicletas. Lily já havia sido instalada em sua cadeirinha.

Ele acenou. Os pais acenaram de volta, sorrindo, mas ele reparou que Lily o observava com ar sério, o dedo polegar enfiado na boca.

Jonas pedalou direto para casa, trocando apenas piadinhas e observações sem

importância com Asher.

– Até amanhã, Diretor de Recreação! – despediu-se, parando a bicicleta diante de sua porta.

– Combinado! Até amanhã! – respondeu Asher. E mais uma vez houve um breve instante em que as coisas não foram bem as mesmas, não foram como sempre tinham sido durante a longa amizade. Talvez fosse imaginação. Nada podia mudar com relação a Asher.

A refeição da noite foi mais silenciosa do que de costume. Lily tagarelou sobre seus planos para o trabalho voluntário: pretendia começar, contou ela, no Centro de Criação, pois já se tornara uma especialista em dar comida a Gabriel.

– Já sei – acrescentou Lily mais do que depressa quando seu pai lhe lançou um olhar de advertência –, não vou mencionar o nome dele. Para todos os efeitos, não sei como ele se chama. Mal posso esperar pelo dia de amanhã – disse em seguida, feliz da vida.

Jonas suspirou, inquieto.

– Pois eu posso – murmurou.

– Você recebeu uma grande honraria – comentou sua mãe. – Seu pai e eu estamos muito orgulhosos.

– É o cargo mais importante da comunidade – reforçou seu pai.

– Mas, no outro dia mesmo, você disse que o cargo de quem escolhe as Atribuições era o mais importante!

A Mãe assentiu.

– Esse é diferente. Não se trata de um *cargo*, de fato. Nunca pensei, nunca imaginei... – ela fez uma pausa. – Existe apenas um Recebedor.

– Mas a Anciã-Chefe disse que tinham escolhido uma pessoa antes e que a escolha foi um fracasso. O que aconteceu?

Os pais hesitaram. Então seu pai contou como havia sido a escolha anterior.

– Foi muito parecida com a de hoje, Jonas. O mesmo suspense, quando ela pulou um Onze ao dar as Atribuições. Por fim houve a proclamação oficial, quando indicaram a pessoa...

Jonas o interrompeu:

– Como ele se chamava?

A Mãe respondeu:

– Ela, não ele. Era uma menina. Mas nunca mais podemos pronunciar seu nome nem usá-lo outra vez numa criança-nova.

Jonas ficou muito impressionado. Um nome designado como Impronunciável constituía uma desonra do mais alto grau.

– O que aconteceu com ela? – perguntou ele, nervoso.

Mas seus pais o olharam com ar inexpressivo.

– Não sabemos – disse o Pai, embaraçado. – Nunca mais a vimos.

Um pesado silêncio tomou conta do ambiente. Eles se entreolharam. Por fim, sua mãe se levantou da mesa e repetiu:

– Você recebeu uma grande honraria, Jonas. Uma grande honraria.



Sozinho em seu dormitório, pronto para se deitar, Jonas abriu finalmente sua pasta. Notara que alguns dos outros Dozes haviam recebido pastas recheadas de papéis impressos. Visualizava Benjamim, o cientista de seu grupo, começando a ler, deliciado, páginas de regras e instruções. Imaginou Fiona sorrindo seu sorriso meigo, curvada sobre as listas de obrigações e métodos que precisaria aprender dali em diante.

Mas sua pasta, espantosamente, estava quase vazia. Dentro dela havia apenas uma única folha de papel impressa. Ele a leu duas vezes seguidas.

JONAS RECEBEDOR DE MEMÓRIA

1. Todos os dias, ao final do horário escolar, dirija-se à entrada do prédio Anexo atrás da Casa dos Idosos e apresente-se ao atendente.
2. Volte imediatamente para a sua residência após a conclusão do Horário de Treinamento, todos os dias.
3. A partir deste momento você está isento da obediência às regras referentes à descortesia. Poderá fazer qualquer pergunta a qualquer cidadão e receberá respostas.
4. Não converse sobre seu treinamento com nenhum outro membro da comunidade, inclusive pais e Anciãos.
5. A partir deste momento você está proibido de relatar seus sonhos.
6. Com exceção de casos de doença ou ferimentos não relacionados com seu treinamento, não solicite nenhum remédio.
7. Você está proibido de solicitar dispensa.
8. Você pode mentir.

Jonas ficou perplexo. O que aconteceria com suas amizades? Com suas horas despreocupadas jogando bola, andando de bicicleta ao longo do rio? Aqueles haviam sido momentos felizes e vitais para ele. Seriam completamente tirados dele agora? As instruções logísticas simples – aonde ir e quando – eram esperadas. Todos os Dozes tinham de ser informados, é claro, sobre o local e a hora em que deveriam se apresentar para o treinamento. O que o desanimava era o seu programa

aparentemente não deixar nenhum tempo livre para recreação.

A desobrigação da cortesia o deixou pasmo. Lendo-a outra vez, porém, percebeu que a instrução não o impelia a ser descortês, simplesmente lhe permitia optar. Tinha quase certeza de que jamais se aproveitaria daquilo. Estava de tal maneira acostumado à cortesia dentro da comunidade que a ideia de fazer uma pergunta indiscreta a um cidadão ou de chamar a atenção de alguém para um assunto embaraçoso era assustadora.

A proibição de relatar os sonhos, refletiu, não seria problema. Sonhava tão raramente que o processo de contar sonhos não costumava ser fácil para ele; ficou contente por estar liberado daquela necessidade. Por alguns instantes, entretanto, ponderou como agir durante a refeição da manhã. E se por acaso *sonhasse*? Deveria dizer à sua unidade familiar, como fazia com frequência, que não tinha sonhado? Isso constituiria uma mentira. De qualquer forma, a regra final dizia... bem, ainda não estava preparado para pensar na última regra da página.

A restrição aos remédios o aborreceu. Os cidadãos sempre tinham remédios à disposição; até as crianças, através dos pais. Quando esmagara o dedo na porta, mais que depressa avisara à Mãe, a voz arquejando no alto-falante; ela requisitara depressa um medicamento de alívio à dor, que fora prontamente entregue em sua residência. Num instante, a dor excruciante em sua mão reduzira-se a um mero latejar, a única coisa de que ele se recordava da experiência. Relendo a regra número 6, deu-se conta de que um dedo esmagado caía na categoria de “não relacionados com o treinamento”. Portanto, se acontecesse outra vez – o que ele tinha quase certeza de que não aconteceria, pois passara a ter muito cuidado com portas pesadas desde o acidente! –, ele poderia ser medicado.

A pílula que tomava agora todas as manhãs também não estava relacionada ao treinamento. De modo que continuaria a recebê-la.

Mas lembrou com apreensão o que a Anciã-Chefe dissera sobre a dor que sentiria durante o treinamento. Ela a definira como sendo indescritível.

Jonas engoliu em seco, tentando sem sucesso imaginar como poderia ser uma dor assim, sem tomar remédio nenhum. Aquilo, porém, estava além de sua compreensão.

A regra número 7 não lhe causou nenhuma reação. Jamais lhe ocorrera que, sob qualquer circunstância, qualquer que fosse, ele pudesse solicitar dispensa.

Finalmente encheu-se de coragem para ler de novo a última regra. Havia sido treinado desde a mais tenra infância, desde que começara a aprender a falar, a nunca mentir. Isso era parte integrante do aprendizado da precisão da linguagem. Certa vez, quando era um Quatro, dissera, pouco antes da refeição do meio-dia na escola: “Estou morrendo de fome.”

Imediatamente fora chamado a um canto para uma breve aula particular de precisão da fala. Ele não estava morrendo de fome, explicaram-lhe. Ele estava *com*

fome. Ninguém na comunidade morria de fome, nunca estava morrendo de fome, jamais morreria de fome. Dizer “morrer de fome” era falar uma mentira. Mentira involuntária, claro. Mas a razão da exigência de precisão de linguagem era garantir que mentiras involuntárias jamais fossem ditas. Entendeu isso? – perguntaram-lhe. E ele entendera.

Nunca na vida, que se lembrasse, tivera a tentação de mentir. Asher não mentia. Lily não mentia. Seus pais não mentiam. Ninguém mentia. A não ser que...

E naquele momento veio à cabeça de Jonas um pensamento que jamais lhe ocorrera antes. Esse pensamento novo era assustador. E se *os outros* – *os adultos* –, ao se tornarem Dozes, recebessem nas instruções *deles* a mesma frase apavorante? E se todos tivessem recebido a instrução *Você pode mentir*?

Sua mente girou. Agora, autorizado a fazer perguntas da maior descortesia – e receber respostas –, ele *poderia*, supostamente (embora fosse algo quase inimaginável), perguntar a alguém, a algum adulto, seu pai, talvez: “Você mente?”

Mas não teria como saber se a resposta seria verdade.

– Eu fico aqui, Jonas – disse-lhe Fiona quando chegaram à porta da frente da Casa dos Idosos, depois de estacionarem suas bicicletas no local designado. – Não sei por que estou tão nervosa – confessou ela. – Já vim aqui antes tantas vezes. – E revirou sua pasta nas mãos.

– Bem, agora tudo é diferente – lembrou-lhe Jonas.

– Até as plaquinhas com nossos nomes nas bicicletas – riu Fiona.

Durante a noite, a plaquinha com o nome nas bicicletas de todos os novos Dozes havia sido removida pela Equipe de Manutenção e substituída por outra, cujo estilo indicava um cidadão-em-treinamento.

– Não quero me atrasar – disse ela, apressada, e começou a subir os degraus. – Se terminarmos na mesma hora, volto com você para casa.

Jonas fez que sim com a cabeça, acenou para ela e rodeou o prédio, encaminhando-se para o Anexo, uma pequena ala nos fundos. Ele também não queria chegar atrasado em seu primeiro dia de treinamento.

O Anexo era uma construção que nada tinha de especial, sua porta era bastante comum. Jonas estendeu a mão para a pesada maçaneta, depois reparou numa campainha na parede. Então apertou, em vez de girar a maçaneta.

– Quem é? – a voz saiu de um pequeno alto-falante acima da campainha.

– Sou eu, Jonas, hum..., o novo...

– Pode entrar.

Um clique indicou que a porta havia sido destrancada.

O vestíbulo era muito pequeno e continha apenas uma escrivaninha, atrás da qual uma Atendente estava sentada trabalhando com alguns documentos. Ela ergueu a cabeça quando ele entrou; então, para surpresa de Jonas, levantou-se. Era uma coisa pequena, mas nunca ninguém se levantara automaticamente antes por reconhecer a sua presença.

– Seja bem-vindo, Recebedor de Memória – disse, respeitosamente.

– Ah, por favor – replicou ele, encabulado. – Prefiro que me chame de Jonas.

A moça sorriu e apertou um botão que destrancou a porta à esquerda dela.

– Pode entrar e ir em frente – disse ela.

Então percebeu o estranhamento dele e compreendeu o motivo. Não se trancavam portas na comunidade, jamais. Não que Jonas soubesse.

– As trancas servem simplesmente para garantir a privacidade do Recebedor porque ele precisa de concentração – explicou ela. – Seria difícil se os cidadãos perambulassem por aqui procurando pelo Departamento de Conserto de Bicicletas, por exemplo.

Jonas riu e relaxou um pouco. A mulher parecia muito simpática, e era verdade – aliás, tratava-se de uma piada na comunidade – que transferiam o Departamento de Conserto de Bicicletas, um pequeno escritório sem importância, de um lugar para outro com tanta frequência que ninguém jamais sabia onde ficava.

– Não há nada de perigoso aqui – ela afirmou. – Mas – acrescentou, olhando para o relógio da parede – ele não gosta de esperar.

Jonas entrou depressa e viu-se num ambiente residencial confortavelmente mobiliado. Não era muito diferente da residência de sua unidade familiar. Os móveis da comunidade eram padronizados: práticos, fortes e resistentes, com a função de cada peça claramente definida. Uma cama para dormir. Uma mesa para comer. Uma escrivaninha para estudar.

Havia todas essas coisas naquele aposento espaçoso, mas todas ligeiramente diferentes das que havia na casa de Jonas. Os tecidos dos estofamentos das cadeiras e do sofá eram um pouco mais espessos e luxuosos; as pernas da mesa não eram retas como as de sua casa, mas esguias e curvadas, com um pequeno entalhe enfeitando os pés. A cama, numa alcova situada na extremidade do aposento, estava envolta num cortinado feito com um esplêndido tecido, bordado em toda a sua superfície com motivos intrincados.

A diferença mais notável eram os livros. Na residência de Jonas havia obras de referência iguais às que se encontravam em todas as casas: um dicionário e o grosso catálogo da comunidade contendo descrições de todos os escritórios, fábricas, construções e comitês. E o Livro de Regras, é claro.

Os livros de sua casa eram os únicos que ele já tinha visto. Nunca soubera que existiam outros.

Mas naquele lugar as paredes estavam completamente cobertas de estantes repletas, do chão ao teto. Devia haver ali centenas, talvez milhares de livros, seus títulos gravados nas lombadas em letras brilhantes.

Jonas não tirava os olhos deles. Não podia imaginar o que tantas páginas poderiam guardar. Existiriam mais regras além das que governavam a comunidade? Ou mais descrições de escritórios, fábricas e comitês?

Teve apenas um segundo para olhar em volta porque viu que o homem sentado

numa cadeira ao lado da mesa o observava. Adiantou-se depressa, parou diante do sujeito, inclinou levemente a cabeça e disse:

– Sou Jonas.

– Eu sei. Seja bem-vindo, Recebedor de Memória.

Jonas o reconheceu. Era o Ancião que lhe parecera isolado dos outros durante a Cerimônia, apesar de estar vestido com a mesma roupa especial que somente os Anciãos usavam.

Jonas fitou, acanhado, os olhos claros iguais aos seus.

– Senhor, peço desculpas por minha incompreensão...

Esperou, mas o homem não deu a resposta-padrão de aceitação de desculpas.

Depois de um momento, Jonas continuou a falar:

– Mas achei... isto é, eu *acho* – corrigiu-se, lembrando a si mesmo que, se a precisão da linguagem era importante *naquele momento*, na presença daquele homem era sem dúvida indispensável – que é *o senhor* o Recebedor de Memória. Sou apenas, bem, fui apenas incumbido, quer dizer, escolhido, ontem. Não sou coisa alguma. Ainda.

O homem o contemplou, pensativo, calado. No seu olhar havia uma mistura de interesse, curiosidade, preocupação e talvez também um pouco de simpatia.

Por fim, falou:

– A partir de hoje, deste momento, ao menos para mim, você é o Recebedor. Tenho sido o Recebedor há muito tempo. Muito, muito tempo. Dá para ver, não dá?

Jonas aquiesceu. O homem era enrugado, e seus olhos, apesar de penetrantes, com sua clareza incomum, pareciam cansados. A pele em torno deles estava escurecida, formando círculos sombrios.

– Estou vendo que o senhor é muito velho – respondeu Jonas com respeito. Os Idosos sempre recebiam o maior respeito.

O sujeito sorriu. Tocou a pele flácida de seu rosto com uma expressão divertida.

– Na realidade, não sou tão velho quanto pareço – disse o homem. – Esse cargo me envelheceu. Sei que minha aparência leva a crer que devo ser em breve programado para a dispensa. Mas ainda me resta um bocado de tempo. Fiquei satisfeito, porém, quando você foi escolhido. O comitê levou muito tempo para fazer a escolha. O fracasso da escolha anterior foi há 10 anos e minha energia está começando a diminuir. Preciso de toda a força de que ainda disponho para o seu treinamento. Você e eu temos um trabalho árduo e doloroso pela frente. Por favor, sente-se – disse, apontando para uma cadeira próxima. Jonas se acomodou na almofada macia do assento.

O homem fechou os olhos e continuou a falar.

– Quando me tornei um Doze, fui escolhido, assim como você. Fiquei assustado, como tenho certeza de que você também está. – Ele abriu os olhos um instante e

encarou Jonas, que balançou a cabeça, concordando.

Os olhos se fecharam outra vez.

– Vim para este mesmo lugar a fim de começar meu treinamento. Faz tanto tempo! O Recebedor anterior pareceu-me tão velho quanto eu pareço a você. Estava tão cansado quanto estou hoje.

Sentou-se de repente, aprumou o corpo, abriu os olhos e disse:

– Você pode fazer perguntas. Tenho muito pouca experiência em explicar este processo. É proibido falar sobre o assunto.

– Eu sei, senhor. Li as instruções – disse Jonas.

– Quer dizer então que não preciso me esforçar muito para tornar as coisas tão claras quanto deveria – o homem deu uma risadinha. – Meu trabalho é importante e de grande honra. Mas isso não significa que eu seja perfeito; quando tentei treinar um sucessor antes, fracassei. Por favor, faça qualquer pergunta que possa ajudá-lo.

Jonas tinha muitas perguntas na cabeça. Milhares. *Milhões*. Tantas quantos eram os livros que cobriam as paredes. Mas não fez nenhuma, não de imediato.

O homem suspirou parecendo pôr seus pensamentos em ordem. E voltou a falar.

– Em poucas e simples palavras, embora não seja nada simples, meu trabalho é transmitir-lhe todas as lembranças que tenho dentro de mim. Lembranças do passado.

– Senhor – disse Jonas, experimentando uma abordagem –, tenho grande interesse em escutar a história de sua vida e suas lembranças. – Em seguida acrescentou depressa: – Desculpe-me por interrompê-lo.

O homem abanou a mão, impaciente.

– Nada de desculpas neste quarto. Não temos tempo para isso.

– Bem – continuou Jonas, sem conseguir controlar a sensação de estar interrompendo outra vez –, estou realmente interessado, não vou negar. Mas não entendo bem por que é tão importante. Eu poderia realizar algum trabalho adulto na comunidade e, na hora da minha recreação, viria aqui escutar as histórias de sua infância. Ficaria contente com isso. Para ser franco – acrescentou –, já fiz isso antes na Casa dos Idosos. Os Idosos gostam de falar sobre a infância deles e é sempre divertido escutá-los.

O homem sacudiu a cabeça.

– Não, não – disse. – Não me expressei com clareza. Não é o meu passado, a minha infância, que preciso transmitir a você.

Recostou-se, apoiando a cabeça no encosto da cadeira estofada.

– São lembranças do mundo inteiro – disse, dando um suspiro. – Antes de você, antes de mim, antes do Recebedor Anterior, gerações antes dele.

Jonas franziu a testa.

– Do mundo inteiro? – perguntou. – Não compreendo. Quer dizer, não só nossas?

Não só da comunidade? Até de Alhures? – Sua mente tentou assimilar o conceito. – Desculpe, senhor. Não estou compreendendo. Talvez eu não seja inteligente o bastante. Não sei o que quer dizer quando diz “o mundo inteiro” nem “gerações antes dele”. Pensei que só nós existíssemos. Achei que só existisse o agora.

– Há muito mais. Há tudo que está além, tudo que é Alhures, e tudo que ficou para trás, e atrás do atrás, e atrás desse atrás. Recebi todas essas lembranças quando fui escolhido. E aqui neste quarto, completamente sozinho, eu as revivi inúmeras vezes seguidas. É assim que se adquire sabedoria. E é assim que damos forma ao nosso futuro.

Descansou um pouco, respirando fundo.

– Estou tão sobrecarregado delas – queixou-se.

Jonas sentiu uma súbita e imensa preocupação por ele.

– É como se... – O homem fez uma pausa, esquadrinhando a mente à procura das palavras certas para uma descrição. – É como descer uma colina num trenó no meio da neve alta – disse finalmente. – No início é empolgante: a velocidade, o ar cortante, limpo; mas depois a neve se acumula, enche os trilhos do trenó, você perde velocidade, precisa de um impulso forte para continuar andando e...

Ele parou e sacudiu a cabeça, olhando para Jonas.

– Nada disso faz sentido para você, não é?

Jonas estava confuso.

– Não compreendi nada, senhor.

– Claro que não, nem poderia. Não sabe o que é neve, não é?

Jonas fez que não com a cabeça.

– Nem trenó? Nem trilhos?

– Não, senhor – disse Jonas.

– Descer uma *colina*? Esta palavra não significa nada para você?

– Nada, senhor.

– Bom, é um ponto de partida. Eu estava em dúvida sobre onde começar. Vá para a cama e deite-se com o rosto virado para baixo. Tire primeiro a sua túnica.

Jonas obedeceu, um tanto apreensivo. Em contato com seu peito nu, sentiu as dobras macias do magnífico tecido que cobria a cama. Viu o homem se levantar e dirigir-se antes para a parede onde estava o alto-falante. Este era igual aos que existiam em todas as residências, com uma única diferença: possuía um botão que o homem habilmente girou para a extremidade onde estava escrito DESLIGA.

Jonas teve um sobressalto quase audível. Ter o poder de *desligar* o alto-falante! Era uma coisa assombrosa.

Em seguida, com uma ligeireza surpreendente, o homem se aproximou do canto onde estava a cama. Sentou-se numa cadeira ao lado de Jonas, que permanecia imóvel, esperando pelo que iria acontecer.

– Feche os olhos. Relaxe. Não vai ser doloroso.

Jonas se lembrou que tinha autorização, que fora até incentivado a formular perguntas.

– O que o senhor vai fazer? – perguntou, torcendo para que a voz não traísse seu nervosismo.

– Vou lhe transmitir a lembrança da neve – disse o velho. E pousou as mãos nas costas nuas de Jonas.

Jonas não sentiu nada de estranho no princípio. Só o leve toque das mãos do velho nas suas costas.

Procurou relaxar, respirar regularmente. O aposento estava mergulhado em absoluto silêncio, e, por um instante, Jonas receou pegar no sono e desmoralizar-se logo no seu primeiro dia de treinamento.

Então sentiu um calafrio. Percebeu que as mãos do velho de repente tinham ficado frias. Ao mesmo tempo, ao inalar, sentiu o ar mudar, sua própria respiração esfriou. Umedeceu os lábios com a língua, e, ao fazê-lo, a língua ficou exposta ao ar subitamente gelado.

Era muito impressionante, mas agora não sentia medo algum. Estava cheio de energia e respirou de novo, o ar frio e cortante entrando em seus pulmões. Sentia, também, o ar frio rodopiar em torno de seu corpo todo, soprando em suas mãos, estendidas ao lado do corpo, e nas costas.

O toque das mãos do homem parecia ter desaparecido.

Agora estava consciente de uma sensação inteiramente nova: alfinetadas? Não, porque eram macias e não doíam. Sensações diminutas, frias, leves como plumas, pareciam pinicar seu corpo e seu rosto. Pôs a língua de fora outra vez e apanhou um dos salpicos de frio. O salpico desapareceu instantaneamente de sua consciência; mas ele apanhou outro, e mais outro. A sensação o fez sorrir.

Uma parte de sua consciência sabia que ainda estava deitado ali, na cama, no quarto do Anexo. Outra parte de seu ser, no entanto, agora estava na vertical, sentada, não em cima da colcha macia e enfeitada, mas sobre uma superfície plana e dura. Suas mãos seguravam (apesar de ainda imóveis ao lado de seu corpo) uma corda áspera e molhada.

E ele *enxergava*, apesar de seus olhos estarem fechados. Um turbilhão brilhante de cristais rodopiava no ar ao seu redor. Esses cristais se acumulavam no dorso de suas mãos, como um pelo frio.

Sua respiração era visível.

Mais além, através do torvelinho do que agora percebia ser o que o velho falara – *neve* –, avistava uma grande distância adiante e abaixo. Encontrava-se no alto de algum lugar. O solo estava coberto de uma espessa camada de neve fofa, mas ele estava sentado num objeto achatado e duro, um pouco acima dela.

Trenó, a palavra veio-lhe abruptamente à cabeça. O objeto sobre o qual estava sentado chamava-se *trenó*. E o trenó, por sua vez, encontrava-se no alto de um monte comprido, esparramado, que se elevava da própria terra onde ele estava. No mesmo instante em que pensou na palavra “monte”, sua nova consciência lhe disse *colina*.

Então o trenó, com Jonas em cima, começou a deslocar-se no meio da neve que caía e ele compreendeu instantaneamente que iria descer a colina. Nenhuma voz deu qualquer explicação. A experiência por si só se explicava para ele.

O ar gelado foi de encontro ao seu rosto quando iniciou a descida, movendo-se pela substância chamada neve, no veículo chamado trenó, que deslizava sobre o que agora sabia serem *trilhos*, sem dúvida.

Tendo compreendido todas essas coisas enquanto descia ligeiro, pôde afinal desfrutar o júbilo arrebatador que se apoderou dele: a velocidade, o ar frio e limpo, o silêncio absoluto, a sensação de equilíbrio, excitação e paz.

Depois, à medida que o ângulo de inclinação diminuiu, conforme o monte – a *colina* – foi se achatando, aproximando-se da base, o movimento do trenó diminuiu, a neve se acumulou a seu redor e Jonas deu impulso com o corpo, fazendo o trenó ir à frente, sem querer que terminasse a empolgante corrida.

No fim, a obstrução da neve acumulada foi demais para os finos trilhos do trenó e ele parou. Jonas ficou imóvel um momento, ofegante, segurando a corda nas mãos frias. Abriu os olhos aos poucos – não seus olhos de neve-colina-trenó, pois esses tinham estado abertos durante toda a estranha corrida. Abriu seus olhos de sempre e viu que ainda se encontrava na cama, que não saíra do lugar.

O velho o observava, ainda sentado a seu lado.

– Como está se sentindo? – perguntou.

Jonas sentou-se e tentou responder com franqueza.

– Surpreso – respondeu, depois de um momento.

O velho enxugou a testa na manga da veste.

– Ufa – disse –, foi exaustivo. Mas, sabe, só por ter transmitido essa pequenina lembrança para você, já me sinto um pouco mais leve.

– Quer dizer que... posso mesmo fazer perguntas?

O homem assentiu, incentivando-o a perguntar.

– Quer dizer que agora o senhor não tem mais a lembrança daquilo, daquela corrida no trenó?

– Isso mesmo. Um pequeno peso a menos neste velho corpo.

– Mas foi tão divertido! E agora o senhor não tem mais essa lembrança! Eu a *tirei*

do senhor!

Mas o velho riu.

– Eu lhe dei apenas um único passeio, num único trenó, numa nevasca, numa única colina. Tenho uma porção deles em minha memória. Posso dar um por um a você, mais de mil vezes, e ainda sobram muitos.

– Está dizendo que eu, ou seja, que nós podemos fazer isso de novo? – perguntou Jonas. – Eu gostaria muito. Acho que poderia ter guiado o trenó, puxando a corda. Não tentei dessa vez porque era tudo novidade.

O velho riu e sacudiu a cabeça.

– Quem sabe, numa outra ocasião, por prazer. Mas não temos tempo, realmente, só para brincar. Queria apenas começar mostrando a você como tudo funciona. Agora – disse ele, mudando de tom, tornando-se prático – deite-se. Quero...

Jonas deitou-se. Estava ansioso para viver qualquer experiência que viesse em seguida. Mas de repente ocorriam-lhe mil perguntas.

– Por que não temos mais neve, trenós, colinas? – perguntou. – E quando foi que tivemos, no passado? Meus pais tinham trenós quando eram crianças? O senhor tinha?

O velho encolheu os ombros e deu uma risadinha curta.

– Não – respondeu –, é uma lembrança muito distante. Por isso foi tão exaustiva para mim. Precisei ir longe para buscá-la, muitas gerações atrás. Recebi-a quando ainda era novo, e o Recebedor anterior também precisou trazê-la através de um longo período de tempo.

– Mas o que aconteceu com essas coisas? Com a neve e o resto?

– Foi o Controle Climático. A neve dificultava a produção de alimentos, limitando os períodos agrícolas. E as condições imprevisíveis de tempo às vezes tornavam o transporte quase impossível. Não era prático viver assim, de modo que tudo isso se tornou obsoleto quando adotamos a Mesmice. As colinas também – acrescentou. – Dificultavam o transporte de produtos. Faziam os caminhões e ônibus se deslocarem mais devagar. Sendo assim... – E gesticulou com a mão, como se o gesto fizesse as colinas desaparecerem.

Jonas franziu a testa:

– Gostaria que ainda tivéssemos essas coisas. Só de vez em quando.

O velho sorriu.

– Eu também – admitiu. – Mas não cabe a nós decidir.

– Mas já que o senhor tem tanto poder... – sugeriu Jonas.

O homem corrigiu-o.

– Honra – disse ele em tom firme. – O que me concederam, o que possuo, é uma grande honra. Como você. Mas vai descobrir que isso não é o mesmo que ter poder. Fique deitado quieto agora. Já que abordamos esse tópico do clima, vou lhe dar uma

outra coisa relacionada. E dessa vez não vou dizer o nome dela antes porque quero testar o recebimento. Você tem de descobri-lo sem que eu precise dizer. Eu lhe dei neve, trenó, colina e trilhos, dizendo-lhe de antemão os nomes dessas coisas.

Sem que o velho pedisse, Jonas fechou os olhos novamente. Sentiu as mãos em suas costas. Esperou.

Dessa vez as sensações vieram mais depressa. Suas mãos não esfriaram, muito pelo contrário, ficaram quentes, até um pouco úmidas. O calor se espalhou, estendendo-se por seus ombros, subindo-lhe pelo pescoço, para os lados de seu rosto. Sentiu-o através da parte vestida de seu corpo também. Uma sensação agradável, que parecia estar em toda parte. E, quando umedeceu os lábios com a língua, o ar estava quente e pesado.

Não se mexeu. Não havia trenó nenhum. Sua posição não mudou. Estava simplesmente sozinho em algum lugar, ao ar livre, deitado, e o calor vinha de cima e de longe. Não era empolgante como a corrida pelo meio da neve; mas era agradável e revigorante.

Súbito, percebeu a palavra para tudo aquilo: *luz do sol*. Percebeu que vinha do céu.

Então terminou.

– Luz do sol – disse ele em voz alta, abrindo os olhos.

– Muito bem. Você captou a palavra. Isto torna meu trabalho mais fácil. Poupa muitas explicações.

– E vinha do céu.

– Isso mesmo – concordou o velho. – Como era antes.

– Antes da Mesmice. Antes do Controle Climático – acrescentou Jonas.

O homem riu.

– Você recebe bem e aprende depressa. Estou muito satisfeito com você. Acho que basta por hoje. Começamos bem.

Havia uma dúvida incomodando Jonas.

– Senhor – começou ele –, a Anciã-Chefe me disse, ou melhor, disse para todo mundo, e o senhor também me falou, que eu iria sentir dor. Fiquei meio assustado. Mas não senti dor nenhuma. Até gostei bastante – e olhou para o velho com ar intrigado e divertido ao mesmo tempo.

O homem suspirou.

– Fiz você começar pelas lembranças prazerosas. Meu fracasso anterior me ensinou a agir assim. – Respirou fundo algumas vezes seguidas. – Jonas, *vai ser* doloroso. Mas não precisa ser logo.

– Sou corajoso. De verdade – Jonas aprumou um pouco mais o corpo.

O velho observou-o por uns instantes. Depois sorriu.

– Estou vendo – disse. – Bem, já que você perguntou, acho que ainda tenho

energia suficiente para mais uma transmissão. Deite-se novamente. Vai ser a última de hoje.

Jonas obedeceu de bom grado. Fechou os olhos, esperando, e sentiu as mãos; depois sentiu o calor novamente, o calor da luz do sol vindo do céu e dessa outra consciência tão nova para ele. Dessa vez, enquanto estava deitado tomando banho de sol naquele calor maravilhoso, sentiu a passagem do tempo. Seu eu verdadeiro percebia que apenas um ou dois minutos transcorriam; mas seu outro eu, o que recebia as lembranças, sentia as horas passarem sob o sol. Sua pele começou a arder. Inquieto, mexeu um dos braços, dobrando-o, e sentiu uma dor aguda na sua dobra interna.

– Ui – disse em voz alta e mexeu-se na cama. – Aaai! – exclamou, contraindo-se com o movimento. Até abrir a boca para falar fazia seu rosto doer.

Sabia que existia uma palavra para aquilo, mas a dor o impedia de encontrá-la.

Então acabou. Abriu os olhos, encolhendo-se com o desconforto.

– Doe – contou ao homem –, e não consegui encontrar a palavra para definir a sensação.

– Foi queimadura de sol – ele explicou.

– Doe MUITO – repetiu Jonas –, mas estou contente por ter recebido a lembrança disso. Foi interessante. E agora compreendo melhor o que queria dizer, que haveria dor.

O homem ficou calado. Permaneceu sentado um segundo. Finalmente disse a Jonas:

– Levante-se agora. Está na hora de você ir para casa.

Ambos andaram até o centro do quarto. Jonas vestiu sua túnica.

– Até logo, senhor – disse ele. – Obrigado pelo meu primeiro dia.

O velho balançou a cabeça para ele. Parecia esgotado e um pouco triste também.

– Senhor? – disse Jonas timidamente.

– Sim, você quer saber mais alguma coisa?

– É que não sei seu nome. Pensei que fosse o Recebedor, mas o senhor disse que agora *sou eu* o Recebedor. Então não sei como chamá-lo.

O homem voltara a sentar-se na confortável cadeira estofada. Fez um movimento circular com os ombros, como se quisesse aliviar uma dor. Parecia terrivelmente cansado.

– Pode me chamar de Doador – disse o homem.

– Dormiu bem, Jonas? – perguntou sua mãe na refeição da manhã. – Não sonhou?

Jonas limitou-se a sorrir e balançar a cabeça, ainda não preparado para mentir, sem vontade de falar a verdade.

– Dormi muito bem – respondeu.

– Gostaria que este aqui também dormisse assim – disse seu pai, inclinando-se para tocar a mãozinha fechada de Gabriel, que se agitava. O cesto fora colocado no chão ao lado dele; num canto, ao lado da cabeça do menino, o hipopótamo de pano estava sentado, com seus olhos fixos e inexpressivos.

– Eu também – disse a Mãe, revirando os olhos. – Ele é tão agitado à noite.

Jonas não escutara a criança-nova durante a noite porque, como sempre, dormira *de fato* um sono profundo. Mas não era verdade que não sonhara.

Inúmeras vezes, enquanto dormia, descera deslizando por aquela colina coberta de neve. No sonho, sempre lhe parecia que havia um destino: *algo* – não sabia o que – que se encontrava além do lugar onde a neve espessa obrigava o trenó a parar.

Ao acordar, permanecia em seu íntimo a sensação de que ele queria, até de alguma forma precisava, alcançar aquilo que o esperava à distância. Que aquilo era bom. Que seria bem-vindo. Que era algo importante, significativo.

Mas não sabia como chegar lá.

Procurou tirar da cabeça o resquício do sonho enquanto guardava suas tarefas escolares e preparava-se para o dia.

A escola parecia um pouco diferente. As aulas eram as mesmas: língua e comunicações; ciência e tecnologia; procedimentos civis e governo. No entanto, durante os intervalos para a recreação e para a refeição do meio-dia, os outros novos Dozes tagarelaram sem parar sobre seu primeiro dia de treinamento. Todos falavam ao mesmo tempo, interrompendo-se uns aos outros, pedindo apressadamente as devidas desculpas pela interrupção, depois esquecendo e interrompendo de novo, na excitação de contar as novas experiências.

Jonas escutava, bem alerta para a recomendação que recebera de não conversar

sobre seu treinamento; o que, de qualquer forma, teria sido impossível. Não havia como descrever para seus amigos o que experimentara no quarto do Anexo. Como descrever um trenó sem descrever colina e neve; e como descrever colina e neve para alguém que nunca experimentou a altura nem o vento, nem aquele mágico toque de pluma da neve na pele?

Mesmo com a prática geral de muitos anos de precisão de linguagem, que palavras usar para transmitir a outra pessoa a experiência do calor da luz do sol?

Sendo assim, foi fácil para Jonas ficar quieto e escutar.

Depois da escola, pedalou mais uma vez ao lado de Fiona rumo à Casa dos Idosos.

– Procurei por você ontem – contou ela – para voltarmos juntos para casa. Sua bicicleta ainda estava aqui e esperei um pouco. Mas foi ficando tarde e resolvi ir para casa.

– Desculpe tê-la feito esperar – disse Jonas.

– Aceito suas desculpas – respondeu ela automaticamente.

– Demorei um pouco mais do que pensava – explicou Jonas.

Fiona seguiu em silêncio, e Jonas sabia que ela esperava que lhe contasse por quê. Esperava que lhe contasse sobre seu primeiro dia de treinamento. Mas perguntar seria entrar na categoria de grosseria.

– Você trabalhou tanto com os Idosos em suas horas de voluntariado – observou Jonas, mudando de assunto – que deve haver pouca coisa que ainda não saiba.

– Ah, ainda tenho muito o que aprender – replicou Fiona. – Há o trabalho administrativo, as regras dietéticas, as punições por desobediência... Aliás, sabia que se usa uma vara disciplinar nos Idosos igual à das crianças pequenas? E existe a terapia ocupacional, e as atividades de recreação, e a medicação, e...

Os dois chegaram ao prédio e pararam as bicicletas.

– Acho realmente que gosto mais disso do que da escola – confessou Fiona.

– Eu também – concordou Jonas, conduzindo sua bicicleta para o lugar onde a deixava.

Ela parou um segundo, como se mais uma vez esperasse que ele fosse continuar a falar. Então, olhou para o relógio, acenou e correu para a entrada.

Jonas permaneceu um instante ao lado da bicicleta, atônito. Acontecera novamente aquilo que ele agora definia como “ver além”. Dessa vez tinha sido Fiona que passara por aquela indescritível mudança fugaz. Ao acompanhá-la com o olhar enquanto subia e entrava pela porta, aconteceu; ela mudou. Na verdade, refletiu Jonas, tentando recriar a cena em sua mente, Fiona não mudara por inteiro. Parecia ter sido apenas o cabelo dela.

Recapitulou os fatos. O fenômeno estava inegavelmente começando a acontecer com maior frequência. Primeiro, a maçã há algumas semanas. Depois, os rostos na

plateia no Auditório, dois dias atrás. Agora, o cabelo de Fiona.

De semblante fechado, Jonas se encaminhou para o Anexo. *Vou perguntar ao Doador*, decidiu.

O velho levantou os olhos, sorrindo, quando Jonas entrou no aposento. Ele já estava sentado ao lado da cama e parecia estar melhor naquele dia, com a energia levemente renovada e a fisionomia contente por ver Jonas.

– Seja bem-vindo – cumprimentou-o. – Precisamos começar. Você está um minuto atrasado.

– Peço des... – Jonas começou a desculpar-se, mas se deteve, perturbado, lembrando que não deveria fazê-lo.

Tirou a túnica e foi para a cama.

– Estou um minuto atrasado porque aconteceu algo – explicou. – E gostaria de perguntar-lhe a respeito, se não se incomodar.

– Pode me perguntar qualquer coisa.

Jonas procurou definir a situação em seu íntimo para poder explicá-la com clareza.

– Acho que é o que o senhor chama de “ver além” – disse.

O Doador balançou a cabeça.

– Descreva o que acontece – pediu ele.

Jonas contou-lhe a experiência com a maçã. Depois, o momento no palco, quando olhara para a plateia e vira o mesmo fenômeno nos rostos das pessoas ali reunidas.

– Então, hoje, agora mesmo, lá fora, aconteceu com minha amiga Fiona. Ela própria não mudou exatamente. Mas alguma coisa nela mudou por um segundo. Seu cabelo parecia diferente; não no formato nem no comprimento. Não consigo explicar bem... – Jonas se calou, frustrado por sua incapacidade de captar e descrever com precisão o que ocorrera.

Por fim, limitou-se a dizer:

– O cabelo dela mudou. Não sei como nem por quê. Por isso cheguei um minuto atrasado – concluiu, olhando com ar interrogativo para o Doador.

Para sua surpresa, o velho lhe fez uma pergunta que parecia não ter qualquer relação com o “ver além”.

– Quando lhe dei aquela lembrança ontem, a primeira, a corrida no trenó, você olhou em torno de si?

Jonas assentiu:

– Sim, mas aquilo, quero dizer, a neve espalhada no ar não me deixava enxergar bem.

– Olhou para o trenó?

Jonas lembrou a cena.

– Não. Só senti que estava sentado nele. Sonhei com ele na noite passada

também. Mas não me recordo tampouco de *ver* o trenó em meu sonho. Só de senti-lo.

O Doador refletia.

– Enquanto eu o observava, antes da escolha, percebi que provavelmente teria essa capacidade, e o que você descreve confirma isso. Comigo aconteceu de modo um pouco diferente – explicou-lhe o Doador. – Quando eu tinha a sua idade e estava prestes a me tornar o novo Recebedor, comecei a ter essas experiências, embora sob outra forma. Comigo foi... bem, não vou comentar sobre isso agora; você ainda não conseguiria compreender. Mas acho que posso presumir o que está se passando com você. Vamos fazer um pequeno teste para confirmar minha suposição. Deite-se.

Jonas deitou-se outra vez na cama com os braços estendidos ao lado do corpo. Agora sentia-se confortável ali.

Fechou os olhos e aguardou a sensação familiar das mãos do Doador nas suas costas.

Mas a sensação não veio. Em vez disso, ouviu as instruções do Doador:

– Traga de volta à memória a corrida de trenó. Mas somente o *início* dela, quando você estava no alto da colina, antes de começar a descer. E, desta vez, olhe para baixo, para o trenó.

Jonas ficou intrigado, abriu os olhos.

– Desculpe – perguntou com delicadeza –, mas não é *o senhor* que tem de me dar a lembrança?

– Agora ela é sua, não me pertence mais, eu a passei adiante.

– Mas como posso trazê-la de volta?

– Consegue lembrar o que aconteceu com você no ano passado, ou no ano em que era um Sete, ou um Cinco, não é?

– É claro.

– É quase igual. Todo mundo na comunidade tem lembranças como essas, de uma única geração. Só que agora você vai poder recuar mais. Tente. É só se concentrar.

Jonas voltou a fechar os olhos. Respirou fundo e buscou em sua consciência o trenó, a colina e a neve.

Lá estavam os três, sem qualquer esforço. Ele se encontrava outra vez sentado no alto da colina, no meio daquele mundo de flocos de neve em turbilhão.

Jonas deu um largo sorriso, deliciado, e soprou o ar quente de sua própria respiração, vendo-o converter-se em vapor. Depois, como lhe fora dito que fizesse, olhou para baixo. Viu então as suas mãos, novamente cobertas de neve, segurando a corda. Viu suas pernas e afastou-as para o lado, para enxergar o trenó embaixo delas.

Boquiaberto, fitou-o. Dessa vez não era uma impressão passageira. Dessa vez o trenó tinha – e continuava a ter, enquanto ele piscava e focalizava os olhos nele –

aquela mesma misteriosa qualidade que a maçã exibira tão rapidamente; assim como o cabelo de Fiona. Mas o trenó não mudou. Ele simplesmente era... sabe-se lá o quê.

Jonas abriu os olhos e ainda estava na cama. O Doador o observava com curiosidade.

– Sim – disse Jonas devagar –, eu vi. No trenó.

– Vamos tentar mais uma coisa. Olhe para lá, para a estante. Está vendo a fileira de livros mais alta, os que estão atrás da mesa, na prateleira de cima?

Jonas os procurou com os olhos. Olhou fixo para eles e eles mudaram. Mas a mudança foi fugidia. Passou num instante.

– Aconteceu – disse Jonas. – Aconteceu com os livros, mas sumiu outra vez.

– Estou certo, então – disse o Doador. – Você está começando a enxergar a cor vermelha.

– Enxergar o quê?

O Doador suspirou.

– Como vou explicar isso? Antigamente, na época das lembranças, tudo possuía uma forma e um tamanho, como todas as coisas ainda têm hoje, mas também possuíam mais uma qualidade chamada *cor*. Havia uma porção de cores, e uma delas se chamava *vermelho*. É a que você está começando a ver. Sua amiga Fiona tem cabelo vermelho – e bem característico, na verdade; eu já havia notado. Quando você mencionou o cabelo dela, foi um indício para mim de que provavelmente estaria começando a distinguir a cor vermelha.

– E os rostos das pessoas? Os que vi na Cerimônia?

O Doador sacudiu a cabeça.

– Não, a pele não é vermelha. Mas tem tonalidades avermelhadas. Houve um tempo, aliás, e você verá isso mais tarde nas lembranças, em que a pele tinha muitas cores diferentes. Mas isso foi antes de irmos para a Mesmice. Hoje em dia a pele de todos é a mesma, e o que você viu foram as tonalidades vermelhas. Suponho que, quando viu cor nos rostos, essa cor não era tão intensa ou viva quanto a da maçã ou a do cabelo de sua amiga.

O Doador deu uma risada inesperadamente.

– Nunca obtivemos domínio completo sobre a Mesmice. Imagino que os cientistas da Genética devam ainda estar trabalhando para eliminar certos nós. Um cabelo como o de Fiona deve deixá-los malucos.

Jonas escutava, fazendo força para compreender.

– E o trenó? – perguntou. – Tinha aquela mesma coisa: a cor vermelha. Mas não *mudou*, Doador. Simplesmente *era* assim.

– Porque se trata de uma lembrança de quando a cor *era*.

– Achei tão... ah, gostaria que a língua fosse mais precisa! O vermelho era tão bonito!

O Doador concordou.

– É, sim.

– O senhor vê essa cor o tempo todo?

– Vejo todas elas. Todas as cores.

– Eu também vou ver um dia?

– Claro. Quando receber as lembranças. Você tem a capacidade de ver além. Vai adquirir sabedoria, então, junto com as cores. E muito mais.

Jonas não estava interessado em sabedoria naquele exato momento. As cores o fascinavam.

– Por que todo mundo não pode ver as cores? Por que as cores desapareceram?

O Doador encolheu os ombros.

– Nosso povo fez essa opção, a opção de ir para a Mesmice. Antes do meu tempo, antes do tempo anterior ao meu, muito tempo atrás. Desistimos das cores quando desistimos do sol e acabamos com as diferenças. – Calou-se e ficou pensando um instante. – Adquirimos controle sobre muitas coisas. Mas tivemos de abrir mão de outras.

– Não deveríamos! – exclamou Jonas, exaltado.

O Doador surpreendeu-se com a segurança da reação de Jonas. Depois deu um sorriso irônico.

– Você chegou muito depressa a essa conclusão – disse. – Levei vários anos para isso. Talvez adquira sabedoria muito mais rápido do que eu.

Ele olhou para o relógio na parede.

– Deite-se agora. Temos muito o que fazer.

– Doador – perguntou Jonas enquanto se acomodava de novo na cama –, como aconteceu com o senhor quando estava se tornando o Recebedor? O senhor disse que “o ver além” lhe aconteceu também, mas não da mesma maneira.

As mãos voltaram para suas costas.

– Num outro dia – disse o Doador com voz bondosa. – Conto para você num outro dia. Agora precisamos trabalhar. E acho que sei como ajudá-lo com o conceito de cor. Feche os olhos e fique parado. Vou lhe transmitir a lembrança de um arco-íris.

Passaram-se dias, passaram-se semanas. Jonas aprendeu, através das lembranças, os nomes das cores e começou a enxergar todas elas em sua vida comum (embora ele soubesse que nada mais era comum e que nunca mais seria). Mas não duravam. Numa hora era um lampejo de verde – o gramado no jardim em torno da Praça Central, um arbusto na margem do rio –, noutra, o alaranjado forte das abóboras sendo trazidas de caminhão das lavouras situadas além dos limites da comunidade, vistas, num instante, como um clarão de cor viva que desaparecia em seguida, quando voltavam à tonalidade uniforme e descolorida de antes.

O Doador lhe disse que ainda levaria muito tempo até que ele conseguisse manter a visão das cores.

– Mas eu quero vê-las! – exclamou Jonas, zangado. – Não é justo nada ter cor!

– Não é justo? – indagou o Doador, curioso. – Explique o que quer dizer com isso.

– Bom... – Jonas parou para refletir. – Se tudo é sempre o mesmo, então não há escolhas! Quero acordar de manhã e *decidir* coisas! Hoje vou vestir uma túnica azul ou uma vermelha. – Baixou os olhos para si, para o tecido sem cor de sua roupa. – Mas é tudo igual, sempre.

Então riu um pouco.

– Sei que não importa o que a gente veste. Não faz diferença. Mas...

– Poder escolher é que é importante, não é? – perguntou o Doador.

Jonas concordou.

– Meu irmãozinho – começou ele, depois se corrigiu. – Não, estou me expressando errado. Ele não é meu irmãozinho de verdade. Mas essa criança-nova de que minha família está cuidando, o nome dele é Gabriel...

– Sim, sei sobre o Gabriel.

– Bem, ele está numa idade em que aprende muito, o tempo todo. Agarra os brinquedos que seguramos na frente dele; meu pai diz que ele está treinando o controle dos músculos pequenos. E ele é realmente muito engraçadinho.

O Doador concordou.

– Mas agora que consigo ver cores, pelo menos de vez em quando, andei pensando: e se pudéssemos mostrar a ele coisas de cores vivas, vermelhas, amarelas, e ele pudesse *escolher*? Em vez da Mesmice.

– Ele poderia fazer escolhas erradas.

– Ah – Jonas ficou em silêncio um minuto. – Ah, estou entendendo o que quer dizer. Não teria importância quando se referisse a um brinquedo de criança-nova. *Mais tarde*, porém, teria importância, não é? Não nos atrevemos a deixar as pessoas fazerem escolhas próprias.

– Não é seguro? – sugeriu o Doador.

– Decididamente, não é – afirmou Jonas, cheio de convicção. – Imagine se pudessem escolher seu cônjuge? E escolhessem *errado*? – E prosseguiu, quase rindo da ideia absurda: – Ou se pudessem escolher o próprio *cargo*?

– Seria assustador, não é? – disse o Doador.

Jonas deu uma risadinha.

– Muito assustador. Nem consigo imaginar. Temos realmente de proteger as pessoas das escolhas erradas.

– É mais seguro.

– É – concordou Jonas. – Muito mais seguro.

Entretanto, quando a conversa se desviou para outros assuntos, Jonas ainda guardava uma sensação de frustração que não compreendia.

Verificou que agora estava sempre irritado: seus companheiros de grupo despertavam nele uma irritação sem razão, por estarem satisfeitos com suas vidas, que não tinham nem um pouco da vibração que a sua estava adquirindo. E sentia irritação contra si mesmo por não poder mudar isso para eles.

Mas tentou. Sem pedir autorização ao Doador, porque receava – ou sabia com certeza – que lhe seria negada, tentou transmitir sua nova consciência a seus amigos.

– Asher – disse Jonas certa manhã –, olhe para essas flores com atenção. – Os dois estavam junto a um canteiro de gerânios plantado perto da Seção dos Registros Abertos. Pôs as mãos nos ombros de Asher e concentrou-se no vermelho das pétalas, tentando mantê-lo o máximo possível em sua mente e ao mesmo tempo procurando transmitir a consciência do vermelho a seu amigo.

– O que houve? – perguntou Asher, incomodado. – Tem alguma coisa errada? – E se desvencilhou das mãos de Jonas. Era considerado extremamente descortês um cidadão tocar o outro fora das unidades familiares.

– Não, nada. Achei que estavam murchando e que teríamos de informar à Equipe de Jardinagem que precisavam ser regadas – suspirou Jonas, afastando-se.

Certa noite, ao voltar de seu treinamento, chegou em casa oprimido por um novo conhecimento. O Doador escolhera uma lembrança perturbadora e aterrorizante

naquele dia. Sob o toque de suas mãos, ele se vira de repente num lugar completamente estranho: quente, varrido pelos ventos, sob um vasto céu azul. Havia tufos de capim esparsos, alguns arbustos e pedras e, nos arredores, ele avistava uma área de vegetação mais cerrada: árvores baixas e largas se delineavam contra o céu. Ouviu ruídos: o estampido seco de armas – veio-lhe a expressão *fuzil* – e depois gritos e um imenso baque surdo como se algo caísse, arrancando os galhos das árvores no caminho.

Ouviu vozes de homens chamando uns aos outros. Espiando do local onde se encontrava, escondido atrás de moitas, lembrou que o Doador lhe contara que houvera um tempo em que a pele das pessoas tinha cores diferentes. Dois desses homens tinham a pele marrom-escura. Os outros eram claros. Ao aproximar-se, viu-os cortar as presas de um elefante que estava caído no chão, imóvel, e arrastá-las para longe dali, respingadas de sangue. Sentiu-se assoberbado pela nova percepção da cor que agora conhecia como sendo o vermelho.

Em seguida os homens partiram apressados na direção do horizonte num veículo que cuspiu pedregulhos de seus pneus em movimento. Um dos pedregulhos atingiu sua testa, ferindo-o. Mas a lembrança persistiu, apesar de Jonas já estar ansioso para que chegasse ao fim.

Então viu outro elefante surgir do meio das árvores. Muito lentamente, o elefante se aproximou do corpo mutilado do outro e contemplou-o. Com sua tromba sinuosa, acariciou o enorme cadáver, depois levantou-a e, de um golpe, arrancou das árvores alguns galhos cobertos de folhas e estendeu-os por cima da densa massa de carne retorcida.

Finalmente inclinou sua grande cabeça para o alto, ergueu a tromba e lançou um urro para a paisagem vazia. Jonas nunca ouvira um som semelhante. Era um som de raiva e sofrimento, e parecia nunca acabar.

O ruído ainda soava em seus ouvidos quando abriu os olhos, angustiado, deitado na cama onde recebia as lembranças. E continuou a ecoar em sua consciência enquanto pedalava devagar na volta para casa.

– Lily – disse à irmã naquela noite, quando ela apanhou seu objeto reconfortante na prateleira: o elefantinho de pano acolchoado –, sabia que antigamente existiam elefantes de verdade? Vivos?

Ela olhou para seu objeto reconfortante esfarrapado e deu um sorriso forçado.

– É claro – respondeu, cética. – Com certeza, Jonas.

Enquanto seu pai desatava as fitas do cabelo de Lily e a penteava, Jonas foi sentar-se perto deles. Colocou uma mão no ombro de cada um. Com toda a sua vontade, tentou dar-lhes um pouco da lembrança: não o grito torturado do animal, mas a *existência* do elefante, da exuberante, imensa criatura, e do gesto de cuidado extremo que dispensara ao amigo no final.

Mas seu pai continuou a pentear o cabelo comprido de Lily e a menina, impaciente, acabou por menear o corpo para se livrar do irmão.

– Jonas, você está me *machucando* com sua mão.

– Peço desculpas por machucá-la, Lily – balbuciou Jonas, tirando a mão.

– Aceito suas desculpas – respondeu Lily, indiferente, afagando o elefante inanimado.



– Doador – Jonas perguntou uma vez, quando se preparavam para o trabalho do dia –, o senhor não tem cônjuge? Não tem permissão para requerer isso? – Apesar de estar desobrigado das leis contra a descortesia, percebia que aquela era uma pergunta muito descortês. Mas o Doador incentivava-o a fazer todas as perguntas que quisesse, não demonstrando estar constrangido ou ofendido nem mesmo pelas mais pessoais.

O velho achou graça.

– Não, não há nenhuma regra contra isso. E eu já tive. Está esquecendo como sou velho, Jonas. Ela hoje vive com os Adultos Sem Filhos.

– Ah, é claro.

Jonas *esquecera* a idade evidente do Doador. Quando os adultos da comunidade envelheciam, suas vidas mudavam. Não eram mais necessários para criar unidades familiares. Os próprios pais de Jonas, quando ele e Lily crescessem, iriam morar com os Adultos Sem Filhos.

– Você poderá requerer um cônjuge se quiser, Jonas. Tenho de preveni-lo, porém, que vai ser difícil. Sua maneira de viver terá de ser diferente da que é adotada pela maioria das unidades familiares porque os livros são proibidos aos cidadãos. Você e eu somos os únicos a ter acesso a eles.

Jonas correu os olhos pela assombrosa coleção de volumes. Agora, de tempos em tempos, conseguia ver as cores deles. Em todas as horas que haviam passado juntos, ele e o Doador envolvidos na conversa e na transmissão da memória, Jonas ainda não abria nenhum dos livros. Mas lia os títulos aqui e ali e sabia que continham todo o conhecimento de séculos. Um dia, os livros lhe pertenceriam.

– Quer dizer que, se eu tiver um cônjuge, e talvez filhos, vou ter de esconder os livros deles?

O Doador assentiu.

– Eu não tinha permissão para partilhar os livros com meu cônjuge, é isso mesmo. E ainda há outras dificuldades. Lembra-se da regra que diz que o novo Recebedor não pode falar sobre seu treinamento?

Jonas fez que sim com a cabeça. Claro que lembrava. Acabara sendo de longe a

regra mais frustrante a que ele tinha de obedecer.

– Ao se tornar o Recebedor oficial, quando terminarmos, você receberá um conjunto de regras inteiramente novo. É a essas regras que obedeco. E acho que não vai ser surpresa para você saber que estou proibido de conversar sobre meu trabalho com quem quer que seja, exceto com o novo Recebedor, que é você, claro. Portanto, haverá uma grande parte de sua vida que você não poderá partilhar com uma família. É duro, Jonas. Foi muito duro para mim. Compreende que *isto* é a minha vida? As lembranças?

Jonas balançou a cabeça outra vez, mas estava intrigado. A vida não consistia nas coisas que se faziam a cada dia? Não havia nada mais além disso realmente.

– Já o vi fazendo caminhadas – disse.

O Doador suspirou.

– Eu caminho. Alimento-me nas horas das refeições. E, quando sou convocado pelo Comitê de Anciãos, apresento-me a eles para dar-lhes conselhos e opiniões.

– Costuma aconselhá-los com frequência? – Jonas estava um pouco assustado com a ideia de um dia ser quem daria conselhos aos governantes.

Mas o Doador disse que não.

– Raramente. Só quando estão enfrentando algo que não vivenciaram antes. Então convocam-me para utilizar as lembranças e aconselhá-los. Mas isso acontece muito pouco. Às vezes gostaria que me pedissem para usar minha sabedoria mais vezes: há tantas coisas que eu poderia lhes dizer, coisas que seria bom que modificassem! Mas eles não querem mudanças. A vida aqui é tão ordenada, tão previsível. Tão indolor. É como eles escolheram.

– Não sei por que *precisam* de um Recebedor então, se nunca recorrem a ele – comentou Jonas.

– Eles precisam de mim, sim. E de você – replicou o Doador, sem, contudo, explicar. – Dez anos atrás, eles lembraram como somos indispensáveis.

– O que aconteceu há 10 anos? – Jonas perguntou. – Ah, sei que o senhor tentou treinar um sucessor e fracassou. Por quê? Por que isso os fez lembrar que é preciso haver um Recebedor?

O Doador esboçou um sorriso melancólico.

– Quando a nova Recebedora fracassou, as lembranças que ela recebeu foram liberadas. Não voltaram para mim. Foram para... – Ele fez uma pausa, parecia estar fazendo um esforço para se expressar. – Não sei exatamente para onde. Foram para o lugar onde as lembranças existiam antes de os Recebedores serem criados. Lá para fora – e fez um gesto vago com o braço. – E daí as pessoas tiveram acesso a elas. Parece que antigamente era assim. Todo mundo tinha acesso às lembranças. E foi um caos – continuou. – Todos realmente sofreram durante um tempo. Afinal, à medida que as lembranças eram assimiladas, as pessoas se acalmaram. Mas tomaram

consciência de como realmente precisavam de um Recebedor para conter todo aquele sofrimento. E todo aquele conhecimento.

– Mas o senhor tem de sofrer desse jeito o tempo todo – observou Jonas.

O Doador concordou.

– E com você será igual. É a minha vida. E vai ser a sua.

Jonas pensou a respeito, imaginou como seria a sua vida.

– Além de caminhar e de se alimentar e – ele correu os olhos pelas paredes cheias de livros – de ler? É isso?

O Doador assentiu:

– São apenas essas as coisas que *faço*. Minha *vida* está aqui.

– Neste quarto?

O Doador sacudiu a cabeça. Levou as mãos à cabeça, ao peito.

– Não. Aqui, na minha pessoa. Onde está a memória.

– Meus instrutores de ciência e de tecnologia nos ensinaram como o cérebro funciona – contou-lhe Jonas, animadamente. – É cheio de impulsos elétricos. Igual a um computador. Se uma parte do cérebro for estimulada com um eletrodo... – Jonas parou de falar. Notou uma expressão esquisita no rosto do Doador.

– Eles não sabem nada – disse, em tom amargo.

A afirmação foi um choque para Jonas. Desde o primeiro dia no aposento do Anexo ambos tinham deixado de lado as regras sobre a descortesia e àquela altura Jonas já se sentia à vontade a respeito disso. Mas aquilo era diferente, era muito mais do que uma descortesia. Era uma acusação terrível. E se alguém tivesse escutado?

Lançou um rápido olhar para o alto-falante da parede, apavorado com a possibilidade de o Comitê estar ouvindo, como podia fazer em qualquer ocasião. Mas, como sempre, durante as sessões deles, o botão apontava para DESLIGADO.

– Nada? – Jonas cochichou, nervoso. – Mas meus instrutores...

O Doador abanou a mão como se tirasse alguma coisa da sua frente.

– Ah, seus instrutores são bem treinados. Conhecem os fatos científicos. *Todo mundo* é bem treinado para o seu respectivo cargo. A questão é que, sem a memória, nada disso tem sentido. Entregaram esse fardo a mim. E ao Recebedor anterior. E ao que havia antes dele.

– E ao anterior do anterior do anterior – completou Jonas, repetindo a frase que ouvia sempre.

O Doador sorriu, embora sua fisionomia parecesse estranhamente ríspida.

– Isso mesmo. E o próximo vai ser você. Uma grande honra.

– É, sim, senhor. Foi o que me disseram na Cerimônia. A maior honra de todas.



Havia tardes em que o Doador mandava-o embora sem treinamento. Nos dias em que, ao chegar, o encontrava curvado sobre si mesmo e balançando o corpo de leve para a frente e para trás, o rosto pálido, Jonas sabia que seria mandado de volta.

– Pode ir – dizia-lhe o Doador, tenso. – Estou com dor hoje. Volte amanhã.

Nesses dias, preocupado e decepcionado, Jonas ia andar sozinho na beira do rio. Os caminhos ali costumavam estar desertos àquela hora, à exceção de umas poucas Equipes de Entregas e de Funcionários de Paisagismo. As crianças pequenas ficavam todas no Centro de Cuidados à Infância depois da escola e os mais velhos estavam ocupados com o trabalho voluntário ou o treinamento.

Sem companhia, testava sua memória em desenvolvimento. Observava a paisagem procurando lampejos do verde, que sabia estar entranhado nas moitas de arbustos; quando algum clarão momentâneo de cor chegava à sua consciência, ele se concentrava naquele ponto, mantendo-o no lugar, intensificando-o, segurando-o em sua visão tanto quanto possível até sua cabeça começar a doer e ele o deixar extinguir-se.

Fitava o céu sem cor, sem contrastes, trazendo-lhe o azul e a lembrança da luz do sol até que, finalmente, por um instante, pudesse sentir o calor.

Parava ao pé da ponte sobre o rio, que os cidadãos só podiam atravessar em caráter oficial. Jonas cruzara a ponte em excursões escolares para visitar as comunidades dos arredores e sabia que as terras além dela eram praticamente iguais, planas e bem organizadas, com campos para agricultura. As outras comunidades que vira nas visitas eram em essência iguais à sua; as únicas diferenças eram os estilos de residências ligeiramente modificados ou os calendários escolares um pouco diferentes.

Perguntava-se o que haveria mais ao longe, aonde nunca fora. As terras não *terminavam* além daquelas comunidades vizinhas. Existiriam *colinas* em Alhures? Haveria vastas regiões castigadas pelos ventos como o lugar que ele vira na lembrança, o lugar onde o elefante morrera?



Numa tarde seguinte a um dos dias em que fora mandado embora, Jonas perguntou:

– O que o faz sentir dor?

Como o Doador ficou calado, Jonas continuou.

– A Anciã-Chefe me disse, antes de começar, que receber lembranças causa uma dor terrível. E o senhor me contou que o fracasso da última nova Recebedora liberou lembranças dolorosas para a comunidade. Mas eu não sofri, Doador, não para valer. – Jonas sorriu. – Ah, lembro a queimadura de sol que o senhor me deu logo no primeiro dia. Mas não foi tão terrível assim. O que o faz sofrer tanto? Se desse um

pouco para mim, talvez sua dor fosse menor.

O Doador assentiu.

– Deite-se – disse. – Acho que chegou a hora. Não posso protegê-lo para sempre. Vai ter que assumir tudo mesmo um dia. Deixe-me pensar – continuou, quando Jonas já se deitara, esperando meio temeroso. Depois de um momento, disse: – Muito bem, já decidi. Vamos começar com alguma coisa conhecida. Vamos novamente para o alto de uma colina com um trenó.

E pousou as mãos nas costas de Jonas.

Essa lembrança era quase igual à anterior, embora a colina parecesse ser diferente, mais íngreme, e a neve não caísse tão intensamente quanto da outra vez.

Também fazia mais frio, Jonas percebeu. Sentado no alto da colina, ele via que a neve sob o trenó não era espessa e macia como antes, mas dura, revestida de gelo azulado.

O trenó se deslocou para a frente e Jonas riu, deliciado, na expectativa da empolgante descida em meio ao ar revigorante.

Dessa vez, porém, os trilhos do trenó não podiam cortar a superfície congelada do chão como da anterior, na outra colina acolchoada pela neve. O trenó resvalou para um lado e ganhou impulso. Jonas puxou a corda, tentando guiá-lo, mas o declive muito acentuado e a velocidade tiraram-lhe o controle das mãos e, em vez da sensação de liberdade, veio o terror de se ver à mercê da louca aceleração para baixo sobre o gelo deslizante.

Rodopiando de lado, o trenó bateu num monte e, com a sacudida, Jonas soltou-se e foi arremessado violentamente para o alto. Caiu em cima de sua perna torcida e ouviu um osso estalar. Arrastou o rosto pelo gelo cheio de arestas pontiagudas e, quando finalmente parou, ficou imóvel, em choque, sem sentir nada no início; apenas medo.

Então veio a primeira onda de dor. Ele arquejou. Era como se tivesse um machado enfiado em sua perna, cortando cada nervo, com a lâmina em brasa. Em sua agonia, percebeu a palavra “fogo” e sentiu labaredas devorando-lhe o osso e a carne dilacerados. Tentou mexer-se e não conseguiu. A dor aumentou.

Ele gritou. Não teve resposta.

Soluçando, virou a cabeça e vomitou na neve congelada. Pingou sangue dos cortes de seu rosto no vômito.

– Nããão! – berrou, e o som desapareceu na paisagem deserta, no vento.

Então, subitamente, estava de volta no quarto do Anexo, contorcendo-se na cama, o rosto molhado de lágrimas.

Agora, já podendo se mexer, balançou o corpo para a frente e para trás, respirando fundo para se livrar da lembrança da dor.

Sentou-se e olhou para a perna estendida na cama, intacta. A parte dilacerante da dor se fora. Mas a perna ainda doía horivelmente e sentia o rosto arder.

– Pode me dar um alívio para a dor, por favor? – suplicou. Na vida diária, o remédio era sempre fornecido para contusões e ferimentos, para um dedo imprensado, uma dor de estômago, um joelho ralado em uma queda de bicicleta. Havia sempre à disposição uma dose de pomada anestésica ou um comprimido; e, nos casos mais graves, uma injeção que proporcionava alívio completo e instantâneo.

Mas o Doador disse que não e desviou o rosto.

Mancando, Jonas foi a pé para casa naquela noite, empurrando a bicicleta. A queimadura de sol tinha sido insignificante, em comparação, e não permanecera nele. Mas aquela dor não passava.

Não era insuportável, como havia sido a dor na colina. Jonas procurou ser corajoso. Relembrou que a Anciã-Chefe dissera que ele era corajoso.

– Algum problema, Jonas? – perguntou seu pai na hora da refeição da noite. – Você está tão calado hoje. Não está se sentindo bem? Quer tomar algum remédio?

Mas Jonas lembrou-se das regras. Nada de remédio para qualquer coisa relacionada ao seu treinamento. E nada de comentar sobre o treinamento. Na hora da partilha de sentimentos, disse simplesmente que estava cansado, que suas aulas na escola tinham sido puxadas demais naquele dia.

Foi cedo para seu dormitório e, através da porta fechada, ouviu seus pais e sua irmã rindo enquanto davam banho em Gabriel.

Eles nunca experimentaram a dor, pensou. Sentiu uma solidão desesperada ao se dar conta daquilo e friccionou a perna que latejava. Acabou dormindo. Sonhou várias vezes seguidas com a angústia e o isolamento que sentira na colina deserta.



O treinamento diário continuou e agora sempre incluía a dor. A agonia da perna fraturada começou a parecer um leve incômodo à medida que o Doador conduzia Jonas firmemente, pouco a pouco, para o profundo e terrível sofrimento do passado. A cada vez, em sua bondade, o Doador encerrava a tarde com uma lembrança prazerosa e colorida: um ágil barco à vela singrando um lago azul-esverdeado; uma campina salpicada de flores silvestres amarelas; um pôr do sol alaranjado por trás de montanhas. Mas nada era suficiente para amenizar a dor que Jonas agora estava começando a conhecer.

– *Por quê?* – perguntou Jonas depois de receber uma lembrança torturante na qual

fora negligenciado e não recebera alimento; a fome causara espasmos lancinantes em seu estômago vazio, distendido. Jazia na cama, cheio de dores. – Por que o senhor e eu temos de conservar essas lembranças?

– Elas nos dão sabedoria – respondeu o Doador. – Sem sabedoria, não poderia desempenhar a minha função de aconselhar o Comitê dos Anciãos quando eles me convocassem.

– Mas qual é a sabedoria que se adquire por meio da fome? – gemeu Jonas. Seu estômago ainda doía, embora a lembrança já tivesse terminado.

– Há muitos anos, antes do seu nascimento – contou-lhe o Doador –, um grupo de cidadãos encaminhou uma petição ao Comitê dos Anciãos. Queriam aumentar a taxa de nascimentos. Sugeriam que cada Mãe-biológica fosse incumbida de quatro nascimentos em vez de três, a fim de que a população crescesse e houvesse mais Operários disponíveis.

Jonas assentiu, escutando.

– Faz sentido – disse.

– A ideia era a de que determinadas unidades familiares podiam incluir mais um filho.

Jonas balançou a cabeça de novo.

– A minha poderia – observou. – Gabriel está conosco este ano, e é divertido ter uma terceira criança em casa.

– O Comitê dos Anciãos pediu a minha opinião – disse o Doador. – Também fazia sentido para eles, mas era uma ideia nova e vieram a mim em busca de sabedoria.

– E o senhor usou suas lembranças?

O Doador disse que sim.

– E a lembrança mais forte que me ocorreu foi a da fome. Vinha há muitas gerações. De *séculos* atrás. A população cresceu tanto que havia fome em toda parte. Uma fome torturante, devastadora. E em seguida veio a guerra.

Guerra? Jonas não conhecia aquele conceito. Mas a fome já era sua conhecida a essa altura. Inconscientemente, esfregou a barriga, rememorando como era doloroso não satisfazer suas necessidades.

– E aí o senhor explicou isso a eles?

– Eles não querem saber o que é dor. Buscam apenas meus conselhos. Limitei-me a aconselhá-los a não aumentar a população.

– Mas o senhor disse que isso foi antes de eu nascer. Eles quase não o procuram para se aconselharem. Só quando... o que o senhor disse mesmo? Quando surge um problema que eles nunca enfrentaram antes. Quando foi a última vez que isso aconteceu?

– Lembra-se do dia em que o avião sobrevoou a comunidade?

– Lembro. Fiquei com medo.

– Eles também. Prepararam-se para abatê-lo a tiros. Mas vieram me pedir conselho. Eu disse para esperarem.

– Mas como o senhor sabia? Como sabia que o piloto estava perdido?

– Eu não sabia. Usei minha sabedoria, obtida através das lembranças. Sabia que houve ocasiões no passado, em épocas terríveis, em que as pessoas destruíram outras apressadamente, por medo, e isso resultou na sua própria destruição.

Jonas se deu conta de algo:

– Isso significa – disse ele devagar – que o senhor tem lembranças de destruição. E também que precisa transmiti-las para mim, porque preciso adquirir sabedoria.

O Doador balançou a cabeça.

– Mas isso vai ser doloroso – constatou Jonas. Não era uma pergunta.

– Extremamente doloroso – confirmou o Doador.

– Mas por que *todo mundo* não pode ter as lembranças? Acho que seria um pouco mais fácil se as lembranças fossem partilhadas. O senhor e eu não teríamos de suportar tanta coisa sozinhos se todas as outras pessoas assumissem uma parte disso.

O Doador suspirou.

– Tem razão – disse. – Mas nesse caso seria pesado e doloroso para todos. Eles não querem isso. E é esta a verdadeira razão por que o Recebedor é tão vital para eles e tão reverenciado. Eles me escolheram, e escolheram você, para tirar deles esse fardo.

– Quando foi que decidiram isso? – perguntou Jonas, irritado. – Não foi uma decisão justa. Vamos mudar isso!

– E qual é a sua sugestão para fazer a mudança? Nunca encontrei uma saída, e olhe que presumivelmente sou eu o detentor de toda a sabedoria.

– Agora somos dois – retrucou Jonas, veemente. – *Juntos*, podemos pensar em alguma coisa.

O Doador fitou-o com ar irônico.

– Por que simplesmente não requeremos uma mudança das regras? – sugeriu Jonas.

O Doador deu uma risada; então, relutantemente, Jonas também riu.

– A decisão foi tomada muito antes do meu tempo ou do seu – disse o Doador –, e antes do Recebedor anterior, e... – ele esperou.

– E antes do anterior do anterior do anterior – Jonas repetiu a frase conhecida. Achara graça nela algumas vezes. Em outras, parecera-lhe significativa e importante.

Agora soava ameaçadora. Queria dizer, ele sabia, que nada podia ser mudado.



Gabriel, a criança-nova, estava crescendo e passara com sucesso pelos exames de maturidade que os Criadores faziam todo mês; já se sentava sozinho, estendia a mão para pegar pequenos objetos de brincar e tinha seis dentes. Durante o dia, relatou o Pai, ele era alegre e demonstrava ter uma inteligência normal. Mas ficava inquieto à noite, choramingando muitas vezes e necessitando de atenção frequente.

– Depois de todo esse tempo adicional que dediquei a ele – disse o Pai numa noite, quando acabou de dar banho em Gabriel que, naquele momento, abraçava placidamente seu hipopótamo, deitado no pequeno berço que viera substituir o cesto. – Tomara que não resolvam dispensá-lo.

– Talvez fosse melhor – sugeriu a Mãe. – Sei que você não se importa em levantar à noite por causa dele, mas a falta de sono é muito incômoda para mim.

– Se eles dispensarem Gabriel, será que podemos ter outra criança-nova como visitante? – perguntou Lily, ajoelhada ao lado do berço e fazendo caretas engraçadas para o pequeno, que sorria para ela.

A mãe de Jonas revirou os olhos, desanimada.

– Não – disse o Pai, sorrindo e arrepiando o cabelo de Lily. – É muito raro, de qualquer forma, que a situação legal de uma criança-nova seja tão incerta quanto a de Gabriel. Não deve acontecer outra vez tão cedo. Seja como for – suspirou ele –, vai levar algum tempo até decidirem. No momento estamos todos nos preparando para uma dispensa que provavelmente vamos ter de fazer muito em breve. Uma Mãe-biológica vai ter meninos gêmeos no próximo mês.

– Oh, céus – disse a Mãe, sacudindo a cabeça. – Se forem idênticos, espero que não seja você o encarregado...

– Sou eu mesmo. Sou o seguinte na lista. Terei de escolher o que vai ser criado e o que vai ser dispensado. Não costuma ser difícil, porém. Em geral, é só uma questão de peso. Dispensamos o menor dos dois.

Jonas, que estava escutando, pensou de repente no que lhe viera à mente naquele dia junto da ponte, no que haveria em Alhures. Haveria alguém lá, esperando, que receberia o pequenino gêmeo dispensado? E será que ele cresceria em Alhures sem jamais saber que naquela comunidade vivia uma pessoa exatamente igual a ele?

Por um instante sentiu um fio tênue de esperança, que sabia ser uma bela de uma tolice: esperou que pudesse ser Larissa a receber o pequeno. Larissa, a mulher idosa em quem ele dera banho. Lembrou-se do brilho de seus olhos, de sua voz suave, de sua risadinha abafada. Fiona lhe dissera recentemente que Larissa havia sido dispensada com uma cerimônia maravilhosa.

Mas ele sabia que os Idosos não recebiam crianças para cuidar. A vida de Larissa em Alhures seria tranquila e serena como convinha aos Idosos; não lhe agradaria a responsabilidade de criar uma criança-nova, que precisava ser alimentada e tratada e que, certamente, choraria à noite.

– Mãe? Pai? – disse ele, ocorrendo-lhe inesperadamente uma ideia. – Por que não botamos o berço de Gabriel no meu dormitório esta noite? Sei como alimentá-lo e acalmá-lo, e assim ele deixaria vocês dormirem um pouco.

O Pai ficou indeciso.

– Você tem um sono tão pesado, Jonas. E se você não acordar com a agitação dele?

Foi Lily quem respondeu.

– Quando ninguém dá atenção a Gabriel, ele grita muito alto – salientou ela. – Ele vai acordar *nós todos* se Jonas, ainda assim, continuar dormindo.

O Pai riu.

– Tem razão, Lilyzinha. Está bem, Jonas, vamos tentar só por esta noite. Vou tirar uma folga e a Mãe também vai poder dormir.



Gabriel dormiu direto na primeira parte da noite. Jonas, em sua cama, ainda ficou um pouco acordado; de vez em quando erguia o corpo apoiando-se no cotovelo e dava uma espiada no berço.

A criança-nova estava de bruços, os braços relaxados ao lado da cabeça, os olhos fechados, a respiração regular e serena. Finalmente Jonas também adormeceu.

Lá pelo meio da noite, porém, o ruído de Gabriel se agitando acordou Jonas. O menino se remexia debaixo da coberta, batia com os braços e começava a choramingar.

Jonas levantou-se e foi até o berço. Com delicadeza, deu tapinhas leves nas costas de Gabriel. Às vezes era o que bastava para fazê-lo voltar a adormecer. Mas a criança-nova continuou a se contorcer, desassossegada, sob sua mão.

Mantendo os tapinhas ritmados, Jonas lembrou a maravilhosa cena do barco a vela que o Doador lhe transmitira pouco tempo antes: um dia luminoso, a brisa soprando, o lago de água clara, cor de turquesa, e a vela branca do barco ondulando, enquanto ele se deslocava na superfície com o vento ligeiro.

Não teve consciência de estar transmitindo a lembrança, mas logo percebeu que ela se apagava aos poucos, que descia através de sua mão para a existência da criança-nova. Gabriel se aquietou. Sobressaltado, Jonas recolheu com esforço o que lhe restava da lembrança. Tirou a mão das costas pequeninas e ficou parado em silêncio ao lado do berço.

Evocou para si próprio a mesma lembrança do barco velejando. Ela ainda permanecia, mas o céu estava menos azul, o movimento suave do barco tornara-se mais lento, a água do lago turvara-se um pouco, parecendo menos clara. Manteve-a em sua mente um pouco para acalmar o próprio nervosismo com o que acontecera,

depois a deixou ir e voltou para sua cama.

Perto do amanhecer, mais uma vez a criança-nova acordou e chorou. Novamente Jonas se aproximou. Dessa vez foi com determinação que pousou firmemente a mão nas costas de Gabriel e transmitiu-lhe o resto da lembrança do dia calmo no lago. Mais uma vez Gabriel adormeceu.

Jonas, entretanto, ficou acordado pensando. Restou-lhe apenas uma partícula daquela lembrança, da qual sentia uma certa falta. Sabia que poderia pedir ao Doador uma outra cena de barco a vela. Quem sabe no mar, da próxima vez, pois agora Jonas possuía a memória do mar, sabia o que era; sabia que lá também havia barcos a vela, em lembranças ainda a serem adquiridas.

Ponderou, contudo, se deveria confessar ao Doador que passara uma lembrança adiante. Ainda não tinha competência para ser um Doador; e muito menos Gabriel fora escolhido para ser Recebedor.

O fato de ter esse poder assustava-o. Decidiu que não contaria nada.

Jonas entrou no aposento do Anexo e imediatamente percebeu que naquele dia seria mandado embora. O Doador estava sentado rigidamente na cadeira com o rosto nas mãos.

– Volto amanhã, senhor – disse logo. Depois, hesitou. – A não ser que possa fazer alguma coisa para ajudá-lo.

O Doador levantou a cabeça e olhou para ele, o rosto contorcido de sofrimento.

– Por favor – murmurou, a voz entrecortada –, tire de mim um pouco dessa dor.

Jonas o ajudou a sentar-se na cadeira ao lado da cama. Despiu depressa a túnica e deitou-se com o rosto para baixo.

– Ponha suas mãos em mim – disse, supondo que o Doador, em sua angústia, precisasse de orientação.

As mãos vieram e a dor veio com elas e através delas. Jonas se encheu de coragem e mergulhou na lembrança que estava torturando o Doador.

Encontrou-se num lugar confuso, barulhento, fétido. Era dia claro, de manhã cedo, e o ar estava denso, impregnado de uma fumaça amarelada e escura que pairava, baixa. Por toda parte, em torno dele, muito além da extensão do que parecia ser um campo, havia homens gemendo. Um cavalo de olhar esgazeado, com os arreios arrebitados balançando, trotava frenético em meio aos homens amontoados, sacudindo a cabeça, relinchando, em pânico. Tropeçou, por fim, caiu e não se levantou mais.

Jonas escutou uma voz perto dele.

– Água – dizia a voz num sussurro rouco, seco.

Virou a cabeça para o ponto de onde vinha a voz e deu com os olhos semicerrados de um rapazinho que não parecia ser muito mais velho do que ele. O rosto e o cabelo louro emaranhado estavam cobertos de sujeira. Jazia estatelado, e no uniforme cinzento reluzia o sangue úmido, fresco.

As cores da carnificina eram grotescamente vivas: o líquido carmesim no tecido grosseiro e empoeirado, os tufos arrancados do capim, de um verde espantoso, no

cabelo amarelo do rapaz.

Ele olhou para Jonas.

– Água – implorou outra vez. Quando falou, um novo jorro de sangue encharcou o tecido áspero que lhe cobria o peito e o braço.

Um dos braços de Jonas estava imobilizado pela dor; através da manga rasgada enxergava o que parecia ser sua carne despedaçada e um osso quebrado. Experimentou mexer o outro braço e conseguiu. Devagar, levou a mão ao quadril, sentiu ali o recipiente de metal e removeu sua tampa, interrompendo de vez em quando o gesto vagaroso da mão para esperar a onda de dor se abrandar. Por fim, quando conseguiu abrir o cantil, esticou a mão lentamente por cima da terra encharcada de sangue, centímetro por centímetro, e levou-o aos lábios do rapaz. A água correu para dentro da boca suplicante, desceu-lhe pelo queixo encardido.

O rapaz suspirou. Sua cabeça pendeu para trás, a mandíbula soltou-se como se algo o surpreendesse. Um véu de inexpressão desceu aos poucos sobre seus olhos. Ele se manteve em silêncio.

Mas o barulho ao redor continuou: gritos dos homens feridos, gritos que pediam água, que chamavam as mães, que pediam a morte. Os cavalos caídos no chão davam relinchos estridentes, levantavam as cabeças e golpeavam o ar ao acaso com os cascos.

À distância, Jonas ouvia os tiros surdos dos canhões. Prostrado pela dor, ficou caído ali por horas, em meio ao fedor atroz, escutando homens e animais morrerem; e aprendeu o significado da guerra.

Finalmente, quando achou que não seria capaz de aguentar mais, que a morte seria bem-vinda, abriu os olhos e viu-se de novo na cama.

O Doador desviou o olhar, como se não suportasse ver o que fizera a Jonas.

– Perdoe-me – disse.

Jonas não queria voltar. Não queria as lembranças, não queria a honra nem a sabedoria, não queria mais a dor. Queria sua infância de volta, seus joelhos esfolados, queria jogar bola. Ficava sozinho em sua residência olhando pela janela, vendo crianças brincando, cidadãos voltando de bicicleta para casa depois de um dia rotineiro de trabalho, vidas comuns livres de angústia, porque ele havia sido escolhido, como outros antes dele, para carregar nos ombros o fardo de todos.

Mas não lhe cabia escolher. Voltava todos os dias ao aposento do Anexo.

O Doador foi bondoso com ele durante muitos dias depois de compartilharem a terrível lembrança da guerra.

– Há muitas lembranças boas também – o Doador lembrou a Jonas. E era verdade. Até então, Jonas já tinha vivenciado muitos momentos de felicidade, coisas de cuja existência nunca soubera antes.

Assistira a uma festa de aniversário, vira uma criança em destaque sendo homenageada em seu dia, de modo que agora compreendia a alegria de ser um indivíduo, especial, único e orgulhoso disso. Visitara museus e contemplara pinturas repletas de todas as cores que ele passara a reconhecer e dar nome.

Numa fascinante lembrança, montara um reluzente cavalo castanho num campo que cheirava a capim molhado e desmontara junto a um pequeno riacho em que ele e o cavalo beberam água, uma água fria e cristalina. Agora sabia sobre animais; e quando o cavalo acabou de beber e empurrou de leve o ombro de Jonas com a cabeça, ele entendeu como eram os laços que ligavam os homens aos animais.

Caminhara através de bosques e sentara-se diante de uma fogueira de acampamento à noite. Embora, através das lembranças, tivesse aprendido sobre a dor da perda e sobre a solidão, agora também compreendia o isolamento e seus prazeres.

– Qual é a sua lembrança favorita? – Jonas perguntou ao Doador. – Não precisa se desfazer dela ainda – acrescentou depressa. – Basta me falar a respeito para que eu possa ter prazer em esperá-la, já que um dia terei de recebê-la mesmo, quando

seu trabalho terminar.

O Doador sorriu.

– Deite-se – disse. – Fico feliz em dá-la a você.

Jonas sentiu alegria assim que a lembrança começou. Às vezes levava um certo tempo até ele se situar, encontrar seu lugar. Mas, naquela vez, fez parte da cena imediatamente e percebeu a felicidade que permeava aquela lembrança.

Encontrava-se numa sala cheia de gente, bem aquecida pelo fogo que brilhava na lareira. Por uma janela, via que era noite e nevava. Havia luzes coloridas – vermelhas, verdes e amarelas – cintilando numa árvore que, estranhamente, estava dentro da sala. Em cima de uma mesa, velas acesas num reluzente suporte dourado produziam uma claridade suave que tremeluzia. Pairava um aroma de coisas cozinhando e ele escutou uma leve risada. Um cachorro de pelo amarelo dormia no chão. Espalhados por perto havia pacotes embrulhados em papel de cores vivas e amarrados com fitas brilhantes. Jonas viu uma criança pequena começar a pegar os embrulhos e distribuí-los pela sala: para outras crianças, para adultos, que obviamente eram os pais, e para um casal mais velho e sossegado, um homem e uma mulher, sentados juntos num sofá, sorridentes.

Enquanto Jonas assistia, as pessoas começaram a desatar as fitas dos pacotes, tirar os papéis de embrulho coloridos e abrir caixas que continham brinquedos, roupas e livros. Ouviam-se exclamações de prazer. Eles se abraçavam uns aos outros.

A criança pequena foi sentar-se no colo da mulher idosa, que a acalentou e encostou sua face na dela.

Jonas abriu os olhos e permaneceu deitado na cama, satisfeito, ainda se deliciando com a calorosa e reconfortante lembrança. Estavam todas juntas lá, todas as coisas que ele aprendera a prezar.

– O que você apreendeu? – perguntou o Doador.

– Calor humano – respondeu Jonas – e felicidade. E... deixe ver... *família*. Era uma comemoração qualquer, uma festa. E mais alguma coisa... mas não sei a palavra certa para definir o que é.

– Vai lhe ocorrer.

– Quem eram as pessoas idosas? Por que estavam lá?

Jonas ficara intrigado com a presença deles na sala. Os Idosos da comunidade nunca saíam de seu lugar específico, a Casa dos Idosos, onde eram muito bem tratados e respeitados.

– Eram chamados de Avós.

– Avós?

– Avós. Num outro tempo significava pais dos pais.

– Muito tempo atrás? E atrás do atrás, e atrás desse atrás? – Jonas pôs-se a rir. –

Então quer dizer que poderia haver pais dos pais dos pais dos pais?

O Doador também riu.

– Isso mesmo. Mais ou menos como olhar a si mesmo olhando-se num espelho, olhando para si, olhando-se num espelho.

Jonas franziu a testa.

– Sendo assim, meus pais deviam ter pais! Nunca pensei nisso antes. Quem são os pais dos meus pais? *Onde* estão eles?

– Você pode ir procurar na Seção dos Registros Abertos. Encontraria os nomes deles. Mas pense bem, filho. Se você requerer filhos, quem serão os pais dos pais deles? Quem serão os avós deles?

– Minha mãe e meu pai, é claro.

– E onde estarão eles?

Jonas refletiu.

– Ah – disse ele lentamente. – Quando eu terminar meu treinamento e me tornar um adulto formado, vou ganhar minha própria residência. E quando chegar a vez de Lily, alguns anos mais tarde, ela *também* vai ter sua residência e talvez um cônjuge, e filhos, se os requerer, e aí a Mãe e o Pai...

– Pois é.

– Enquanto estiverem trabalhando e contribuindo para a comunidade, irão morar com os outros Adultos Sem Filhos. Daí em diante não farão mais parte da minha vida. E, depois disso, quando chegar a hora, irão para a Casa dos Idosos – prosseguiu Jonas, pensando em voz alta. – E serão bem tratados, respeitados, e quando forem dispensados haverá uma celebração.

– À qual você não estará presente – assinalou o Doador.

– Não, claro que não, porque nem vou saber a respeito. Na ocasião, já vou estar ocupado com minha própria vida. E Lily também. Portanto, nossos filhos, se os tivermos, também não vão saber quem eram os pais dos pais deles. E funciona muito bem desse jeito, não é? Do jeito de nossa comunidade? – perguntou Jonas. – A questão é que eu não imaginava que pudesse haver uma outra maneira até receber aquela lembrança.

– É, funciona – concordou o Doador.

Jonas hesitou.

– É certo que, no entanto, gostei muito da lembrança. Dá para entender por que é a sua favorita. Não consegui encontrar uma palavra para definir a sensação predominante de tudo, o sentimento tão forte que havia no ambiente.

– Amor – disse o Doador.

Jonas repetiu:

– Amor – a palavra e o conceito eram novos para ele.

Ambos ficaram em silêncio por um minuto. Então Jonas falou:

– Doador?
– Sim?
– Eu me sinto muito bobo dizendo isso. Muito, muito bobo mesmo.
– Não ligue para isso. Nada é bobo aqui. Confie nas lembranças e no que elas fazem você sentir.

– Bem – começou Jonas, baixando os olhos –, sei que o senhor não tem mais a lembrança porque a passou para mim, portanto é capaz de não compreender...

– Vou compreender, sim. Tenho uma vaga recordação dela; e ainda me restam muitas outras lembranças de famílias, de festas e de felicidade. De amor.

Num impulso, Jonas expressou abruptamente o que estava sentindo.

– O que eu pensei foi... bem, claro que sei que não era a forma mais prática de viver, com os Idosos lá, todos juntos no mesmo lugar, onde pode ser que não fossem tão bem cuidados como são hoje em dia, e que temos um jeito mais organizado de fazer as coisas. Mas, de qualquer maneira, o que eu pensei, quer dizer, o que senti, na verdade, foi que de certo modo aquilo era bom. E que eu gostaria que pudéssemos ser daquele jeito e que o senhor fosse meu avô. A família da lembrança parecia um pouco mais... – e ele gaguejou, incapaz de encontrar a palavra desejada.

– Um pouco mais completa – sugeriu o Doador.

Jonas fez que sim.

– Gostei do sentimento do amor – confessou. Em seguida, olhou rapidamente para o alto-falante na parede, nervoso, certificando-se de que ninguém estaria escutando.

– Gostaria que ainda tivéssemos isso – murmurou. – Ah, é claro – acrescentou depressa –, concordo que não funcionaria muito bem. E que é muito melhor estarmos organizados do modo como estamos agora. Deu para notar que aquele modo de viver era *perigoso*.

– O que quer dizer com isso?

Jonas hesitou. Não tinha realmente muita certeza do que quisera dizer. Pressentia que havia um *risco* qualquer envolvido, embora não soubesse bem qual.

– Bem – disse afinal, tentando encontrar uma explicação –, eles tinham *fogo* dentro daquela sala. Havia fogo aceso na lareira. E velas em cima da mesa. Entendo muito bem por que essas coisas foram banidas. Mas, ainda assim – completou ele, falando devagar, quase para si mesmo –, gostei muito da claridade que produziam. E do calor.



– Pai? Mãe? – Jonas perguntou, relutante, depois da refeição da noite. – Queria fazer uma pergunta a vocês.

– O que é, Jonas? – perguntou seu pai.

Jonas se forçou a pronunciar as palavras, embora sentisse que enrubescia de constrangimento. Ensaíara a frase em sua cabeça durante todo o percurso de volta do Anexo.

– Vocês me amam?

Seguiu-se um silêncio embaraçoso por um momento. Então o Pai deu uma risadinha.

– *Jonas*, logo você! Precisão de linguagem, *por favor!*

– Como assim? – perguntou Jonas. Risadas não eram absolutamente o que havia esperado.

– Seu pai está querendo dizer que você se expressou de forma muito generalizada, com uma palavra tão sem sentido que já se tornou quase obsoleta – explicou-lhe sua mãe em tom cuidadoso.

Jonas os fitou. Sem sentido? Ele nunca havia vivenciado nada mais significativo e tão cheio de sentido do que aquela lembrança.

– E é claro que nossa comunidade não pode funcionar direito se as pessoas não usarem uma linguagem precisa. Você poderia perguntar: “Vocês gostam de mim?” A resposta é “Sim” – disse sua mãe.

– Ou, então – sugeriu o seu pai –, “Vocês se orgulham dos meus talentos?”. E a resposta é, com toda a convicção, “Sim”.

– Compreende por que é inconveniente usar uma palavra como “amor”? – perguntou a Mãe.

Jonas balançou a cabeça.

– Sim, obrigado, compreendo – respondeu lentamente.

Foi sua primeira mentira para os pais.



– Gabriel? – cochichou Jonas naquela noite para a criança-nova.

O berço estava mais uma vez no seu quarto. Depois de Gabriel dormir ali profundamente por quatro noites seguidas, os pais de Jonas declararam que a experiência havia sido um sucesso e que Jonas era um herói. A criança crescia rapidamente, ria e engatinhava pelo quarto, tentando ficar de pé. Poderia ser promovida no Centro de Criação, afirmou o Pai todo contente, agora que dormia a noite toda; poderia ser oficialmente nomeada e entregue à sua família em dezembro, dali a dois meses.

Quando foi levada para lá, porém, voltou a ficar acordada à noite e a chorar.

Por isso foi devolvida ao quarto de Jonas. Dariam um pouco mais de tempo, decidiram. Já que Gabe parecia gostar do seu quarto, dormiria lá à noite por mais uns dias, até o hábito do sono ininterrupto se formar por completo. Os Criadores

estavam muito otimistas com relação ao futuro de Gabriel.

O cochicho de Jonas ficou sem resposta. Gabriel dormia profundamente.

– As coisas podiam mudar, Gabe – Jonas continuou a falar. – Podiam ser diferentes. Não sei como, mas deve haver um jeito qualquer para fazê-las ficar diferentes. Poderia haver cores. E avós – acrescentou, fitando o teto de seu dormitório através da penumbra. – E todo mundo teria as lembranças. Você sabe das lembranças – murmurou, virando-se para o berço.

A respiração de Gabriel soava regular e profunda. Jonas gostava de tê-lo ali, apesar de se sentir culpado por causa do segredo. Toda noite dava lembranças a Gabriel: lembranças de passeios de barco e piqueniques ao sol; de chuva caindo suave nas vidraças; de dançar descalço na grama úmida.

– Gabe?

A criança-nova se mexeu ligeiramente. Jonas olhou na direção dela.

– Poderia haver amor – sussurrou Jonas.



Na manhã seguinte, pela primeira vez, Jonas não tomou sua pílula. Algo em seu íntimo, algo que crescera dentro dele através das lembranças, disse-lhe para jogá-la fora.

DECLARA-SE QUE HOJE É FERIADO NÃO PROGRAMADO.

Jonas, seus pais e Lily, todos se viraram surpresos para o alto-falante da parede, de onde saía o aviso. Um feriado daqueles acontecia muito raramente e era um deleite para a comunidade inteira quando acontecia. Os adultos ficavam desobrigados do dia de trabalho; as crianças, da escola, do treinamento e das horas de trabalho voluntário. Os Operários teriam um outro dia de feriado e, como substitutos, assumiam naquele dia as tarefas indispensáveis: cuidar das crianças-novas e dos Idosos, entregar alimentos; e a comunidade ficava livre.

Jonas deu vivas e pôs de lado sua pasta do dever de casa. Estivera prestes a sair para a escola. Para ele, agora a escola se tornara menos importante e logo seu aprendizado formal estaria encerrado, não faltava muito tempo. Os Dozes, entretanto, apesar de já terem iniciado seu treinamento adulto, ainda precisavam decorar as intermináveis listas de regras e dominar a tecnologia de ponta.

Desejou aos pais, à irmã e a Gabe um dia feliz e saiu pedalando pela ciclovias à procura de Asher.

Fazia quatro semanas que não tomava as pílulas. Os Atiçamentos tinham voltado, e ele se sentia um tanto culpado e encabulado com os sonhos prazerosos que tinha quando dormia. Mas sabia que não podia mais voltar para o mundo de ausência de sentimentos em que vivera por tantos anos.

Além do mais, seus novos sentimentos intensificados permeavam uma esfera muito maior do que seus sonhos apenas. Mesmo sabendo que o seu estado de espírito se devia em parte ao fato de não estar tomando as pílulas, achava que o que sentia vinha também das lembranças. Já enxergava todas as cores e conseguia *mantê-las* também, de modo que as árvores, o capim e os arbustos permaneciam verdes em sua visão. As faces rosadas de Gabriel continuavam rosadas, mesmo quando ele dormia. E as maçãs eram sempre, sempre vermelhas.

Nas lembranças, vira mares, lagos nas montanhas e rios que corriam pelos bosques; passara a enxergar de maneira diferente o rio largo que o caminho

margeava. Via toda a luminosidade, cor e história que ele continha e carregava em suas águas que seguiam lentamente e sabia que havia um Alhures de onde vinha e um outro Alhures para onde ia.

Nesse feriado inesperado, aleatório, sentia-se feliz, como sempre que havia um feriado; mas a felicidade era mais profunda do que jamais fora. Pensando na precisão da linguagem, como sempre fazia, Jonas percebeu que experimentava uma nova *intensidade* de sentimentos. De certa forma, não eram iguais aos sentimentos que todas as noites, em todas as residências, todos os cidadãos analisavam em conversas infundáveis.

“Fiquei zangada porque alguém desobedeceu às regras da área de recreação”, Lily dissera um dia, fechando o pequeno punho para indicar que estava furiosa. Sua família, Jonas inclusive, tinha conversado sobre as possíveis razões para o descumprimento das regras, sobre a necessidade de compreensão e paciência, até Lily relaxar o punho cerrado e sua raiva se dissipar.

Lily, porém, não sentira raiva, agora Jonas sabia. Impaciência e exasperação superficiais, nada mais do que isso, fora o que sentira. Tinha certeza disso porque sabia o que era raiva de fato. Nas lembranças, vivenciara a injustiça e a crueldade e reagira com uma raiva que subira com tamanha força dentro de si que a ideia de discuti-la calmamente na hora da refeição da noite seria impensável.

“Eu me senti triste hoje”, ouvira sua mãe dizer, e eles a consolaram.

Mas Jonas experimentara tristeza de verdade. Sentira um grande pesar. E sabia que não havia consolo rápido para emoções assim.

Eram mais profundas e não precisavam ser expressadas. Eram *sentidas*.

Hoje, ele se sentia feliz.

– Asher!

Jonas avistou a bicicleta de seu amigo encostada numa árvore, na beira do campo de jogos. Outras bicicletas estavam espalhadas pelo chão nas proximidades. Num feriado, as regras habituais de ordem podiam ser negligenciadas.

Parou com uma derrapada intencional e deixou sua bicicleta caída ao lado das outras.

– Ei, Ash! – gritou, olhando em torno. Aparentemente não havia ninguém na área de recreação. – Onde você está?

– Tchiiiiiuu! – Uma voz de criança vinda do arbusto mais próximo produzira o barulho. – Pou! Pou! Pou!

Uma Onze chamada Tanya saiu cambaleando de seu esconderijo. Dramaticamente, apertou o estômago com os braços e andou em zigue-zague, trôpega, gemendo.

– Você me acertou! – exclamou e caiu no chão fazendo uma careta.

– Blam!

Jonas, parado num dos lados do campo, reconheceu a voz de Asher. Viu seu

amigo correr de trás de uma árvore para trás de outra, fazendo mira com uma arma imaginária na mão.

– Blam! Você está na minha linha de emboscada, Jonas! Cuidado!

Jonas recuou. Passou pela bicicleta de Asher e ajoelhou-se para não ser visto. Já tinha brincado muitas vezes daquilo com outras crianças, uma brincadeira de “gente do bem” contra “gente do mal”, um passatempo inofensivo em que gastavam o excesso de energia e que só terminava quando todos estavam caídos no chão, em poses esquisitas.

Nunca o conhecera antes como um jogo de guerra.

– Atacar! – O grito veio dos fundos do pequeno depósito onde eram guardados os apetrechos dos jogos. Três crianças irromperam de lá, suas armas imaginárias em posição de atirar.

Do lado oposto do campo veio um grito contrário:

– Contra-atacar!

De seus esconderijos, um bando de crianças – e Jonas reconheceu Fiona no grupo – saiu correndo, todas abaixadas, atirando para o outro lado do campo. Muitas se detiveram e, agarrando os próprios ombros e peitos com gestos exagerados, fingiram que tinham sido atingidas. Caíram no chão e lá ficaram, reprimindo as risadas.

Jonas foi tomado por ondas de sentimentos. Deu por si andando para dentro do campo.

– Você foi atingido, Jonas! – berrou Asher detrás da árvore. – Pou! Acertei você outra vez!

Jonas ficou parado sozinho no meio do campo. Várias crianças levantaram as cabeças e olharam para ele, embaraçadas. Os atacantes diminuíram a marcha, aprumaram o corpo para ver o que ele estava fazendo.

Em sua mente, Jonas viu de novo o rosto do rapaz que estava morrendo no campo de batalha e que lhe pedira água. Sentiu uma sufocação repentina, como se fosse difícil respirar.

Uma das crianças ergueu um rifle imaginário e simulou uma tentativa de destruí-lo, emitindo um ruído de tiro.

– Tchiiiiiuu!

Então todos se calaram, parados, constrangidos, e o único som que se ouvia era o da respiração arquejante de Jonas, que fazia um esforço enorme para não chorar.

Aos poucos, quando nada aconteceu, nada mudou, as crianças se entreolharam, nervosas, e foram embora. Ele ouviu-as endireitarem as bicicletas e começarem a percorrer o caminho que saía do campo.

Só Asher e Fiona ficaram.

– O que houve, Jonas? Era só uma brincadeira – disse Fiona.

– Você estragou tudo – reclamou Asher com voz irritada.

– Não brinquem mais disso – suplicou ele.

– Sou eu quem está em treinamento para Diretor-Assistente de Recreação – salientou Asher, zangado. – Brincadeiras não pertencem à sua área de *contepência*.

– Competência – Jonas corrigiu-o automaticamente.

– Isso aí. Você não pode vir aqui nos dizer do que brincar ou não brincar, mesmo que vá ser o novo Recebedor. – Asher lançou-lhe um olhar cauteloso. – Peço desculpas por não respeitá-lo como merece – murmurou.

– Asher – disse Jonas, tentando falar com cuidado e com delicadeza para dizer exatamente o que queria. – Você não tinha como saber. Eu mesmo só soube recentemente. Mas essa brincadeira é cruel. No passado houve...

– Já pedi desculpas, Jonas.

Jonas suspirou. Não adiantava. Claro que Asher não podia compreender.

– Aceito suas desculpas, Asher – disse ele, esgotado.

– Quer dar um passeio na beira do rio, Jonas? – perguntou Fiona, mordendo o lábio, aflita.

Jonas virou-se para ela. Era tão bonita! Por um breve instante pensou que nada lhe agradaria mais do que passear tranquilamente de bicicleta pelo caminho da margem do rio, rindo e conversando com sua doce amiga. Mas tinham tirado dele aquelas oportunidades. Sacudiu a cabeça. Logo depois seus dois amigos lhe deram as costas e foram apanhar suas bicicletas. Ele os acompanhou com os olhos enquanto se afastavam.

Jonas, desalentado, foi sentar-se num banco ao lado do Depósito, atormentado por sentimentos de perda. Sua infância, suas amizades, sua despreocupada sensação de segurança – parecia que tudo lhe fugia. Com sua nova e mais aguçada capacidade de sentir as coisas, uma tristeza esmagadora se apossara dele ao ver os outros rirem e gritarem brincando de guerra. Tinha consciência de que não poderiam compreender o motivo daquela tristeza sem as lembranças. Sentia um amor tão grande por Asher e Fiona! Mas os dois não podiam sentir o mesmo por ele sem as lembranças. E Jonas não podia transmiti-las. Ele se convenceu de que não podia mudar nada.



Em sua residência, naquela noite, Lily tagarelou, toda alegre, sobre o feriado maravilhoso que tivera brincando com seus amigos, fazendo a refeição do meio-dia ao ar livre e, confessou ela, experimentando um pouquinho a bicicleta de seu pai.

– Mal posso esperar para ter a minha própria bicicleta no mês que vem. A do Pai é grande demais para mim. Eu caí – explicou, sem rodeios. – Ainda bem que o Gabe não estava na cadeirinha!

– Ainda bem mesmo – concordou a Mãe, fazendo uma cara feia ao pensar na

possibilidade.

Gabriel agitou os braços ao ouvir pronunciarem seu nome. Começara a andar na semana anterior. Os primeiros passos de uma criança-nova eram sempre uma ocasião muito comemorada no Centro de Criação, o Pai comentou, mas também assinalavam o início da utilização de uma vara disciplinar. Agora, toda noite, o Pai trazia para casa o fino instrumento para a eventualidade de Gabriel se comportar mal.

O pequeno, porém, era bem-humorado e tranquilo. No momento, cruzava a sala com seu andar vacilante, rindo.

– Ga! – gorjeava ele. – Ga! – Era a maneira como pronunciava o próprio nome.

Jonas se reanimou. Havia sido um dia deprimente para ele, depois de um começo tão promissor. Pôs de lado os pensamentos sombrios. Pensou em começar a ensinar Lily a andar de bicicleta para que ela pudesse sair pedalando orgulhosa depois de sua Cerimônia dos Nove, que se aproximava. Custava a acreditar que estavam quase em dezembro outra vez, que quase um ano se passara desde que se tornara um Doze.

Sorriu vendo a criança-nova apoiar no chão um pequenino pé depois do outro, rindo deliciada da tentativa de dar seus próprios passos.

– Quero dormir cedo hoje – disse o Pai. – Amanhã vou ter um dia cheio. Os gêmeos vão nascer e os exames mostraram que são idênticos.

– Um para cá, outro para Alhures – cantarolou Lily. – Um para cá, outro para A...

– Vocês o levam *realmente* para Alhures, Pai? – perguntou Jonas.

– Não, só tenho de fazer a escolha. Eu os peso, entrego o maior para um Criador que está à espera, depois limpo e arrumo o menorzinho para que se sinta confortável. Então realizo uma pequena Cerimônia de Dispensa e... – baixou os olhos para Gabriel, sorrindo – ... dou um adeusinho para ele – disse, no tom de voz carinhoso que usava para falar com a criança-nova, a mão fazendo o aceno familiar.

Gabriel deu sua risadinha e acenou de volta para ele.

– E alguém vem buscá-lo? Alguém de Alhures?

– Isso mesmo, Jonas-boinas.

Jonas revirou os olhos, encabulado com o uso daquele apelido bobo.

Lily estava imersa em seus pensamentos.

– E se em Alhures derem ao gemeozinho um nome, hum, deixe-me ver, como Jonathan, por exemplo? E aqui, em nossa comunidade, na Nomeação, o gêmeo que ficar também receber o nome de Jonathan e existirem duas crianças com o mesmo nome e serem *exatamente* iguais e, um dia, quem sabe quando forem Seis, um grupo de Seis for de ônibus visitar outra comunidade e lá, nessa outra comunidade, no *outro* grupo de Seis, existir um Jonathan *exatamente* igual ao outro Jonathan e, aí, talvez eles se confundam e tragam para casa o Jonathan errado e pode ser que os

pais não percebiam e aí...

Ela parou para respirar.

– Lily – disse a Mãe –, tive uma ideia maravilhosa. Que tal, quando você for uma Doze, receber a Atribuição de Contadora de Histórias? Acredito que faz um tempo enorme que não temos uma Contadora de Histórias na comunidade. Se eu estivesse no Comitê, com toda certeza escolheria você para esse cargo!

Lily abriu um sorriso radiante:

– Tenho uma ideia *melhor ainda* para outra história – anunciou. – E se na realidade *todos nós* fôssemos gêmeos e não soubéssemos, e em Alhures tivesse outra Lily, outro Jonas, outro Pai, outro Asher, outra Anciã-Chefe, outra...

O Pai deu um gemido.

– Lily, está na hora de dormir...

– Doador – perguntou Jonas na tarde seguinte –, o senhor costuma pensar na dispensa?

– Você quer dizer na minha própria ou na dispensa de modo geral?

– As duas, acho. Peço des... Bem, eu deveria ter sido mais preciso. Mas não sei exatamente o que quero dizer.

– Sente-se. Não precisa ficar deitado enquanto conversamos.

Jonas, que já havia se estendido na cama quando a pergunta lhe veio à cabeça, voltou a sentar-se.

– De fato, penso nisso de vez em quando – disse o Doador. – Penso na minha própria dispensa quando estou sofrendo muita dor. Gostaria de requerê-la às vezes. Mas estou impedido de fazê-lo antes que o novo Recebedor esteja treinado.

– Eu – disse Jonas com uma voz desanimada. Ele não via com bons olhos o fim do treinamento, quando se tornaria o novo Recebedor. Percebia claramente que, apesar da honra, teria uma vida terrivelmente difícil e solitária.

– Também não posso requerer dispensa – observou Jonas. – Consta da minha lista de regras.

O Doador deu uma risada amarga.

– Sei disso. Insistiram em incluir essa regra depois do fracasso de 10 anos atrás.

Jonas àquela altura já escutara inúmeras referências ao fracasso do Recebedor anterior, mas ainda não sabia o que acontecera de fato na ocasião.

– Doador – pediu –, conte o que houve. Por favor.

O Doador deu de ombros.

– À primeira vista foi bastante simples. Um futuro Recebedor foi selecionado, como você foi. O processo de seleção transcorreu sem problemas. Realizou-se a Cerimônia, a escolha foi feita. A multidão aplaudiu, como fizeram com você. O novo Recebedor ficou perplexo e um pouco assustado, como você também ficou.

– Meus pais me disseram que era uma menina.

O Doador confirmou.

Jonas pensou em sua menina favorita, Fiona, e sentiu um arrepio. Não gostaria que sua doce amiga sofresse como ele havia sofrido, recebendo as lembranças.

– Como era ela? – perguntou.

O Doador pareceu entristecer-se pensando a respeito.

– Era uma mocinha extraordinária. Muito segura e serena. Inteligente, ávida por aprender. – Ele sacudiu a cabeça e deu um suspiro fundo. – Sabe, Jonas, quando ela veio ao meu encontro neste aposento, quando se apresentou para iniciar seu treinamento...

Jonas o interrompeu com uma pergunta:

– Não pode me dizer o nome dela? Meus pais disseram que não deveria mais ser pronunciado na comunidade. Mas o senhor não poderia contar só para mim?

O Doador hesitou penosamente, como se pronunciar o nome em voz alta lhe causasse um sofrimento excruciante.

– Ela se chamava Rosemary – disse, por fim.

– Rosemary. Gosto desse nome.

O Doador continuou:

– Quando ela veio aqui pela primeira vez, sentou-se ali, naquela cadeira onde você também se sentou no primeiro dia. Estava ansiosa, agitada e um pouco amedrontada. Nós conversamos. Tentei explicar-lhe as coisas da melhor maneira que pude.

– Como fez comigo.

O Doador esboçou um riso melancólico.

– As explicações são difíceis. A coisa toda está tão além da experiência de qualquer um... mas eu tentei. E ela escutou com toda a atenção. Seus olhos eram muito luminosos, eu lembro. – Levantou a cabeça de repente. – Jonas, dei a você uma lembrança que disse ser a minha favorita. Ainda me resta um fragmento dela. A sala com a família e os avós, sabe?

Jonas fez que sim. É claro que se lembrava.

– Sei. – disse – Na qual se distinguia aquele sentimento maravilhoso. O senhor me disse que era amor.

– Vai poder entender então. Era o que eu sentia por Rosemary – explicou o Doador. – Eu a amava. – E acrescentou. – Também sinto isso por você.

– O que aconteceu com ela? – perguntou Jonas.

– O treinamento dela começou. Ela recebia bem as lembranças, como você. Era tão entusiasmada! Ficava encantada com as novas experiências. Lembro-me da sua risada...

A voz dele falhou e se extinguiu.

– O que houve? – Jonas indagou novamente depois de um instante. – Por favor, conte.

O Doador fechou os olhos.

– Partiu meu coração, Jonas, ter de transferir sofrimento para ela. Mas era minha função. Era o que eu tinha de fazer, da maneira como tive de fazer com você.

O quarto ficou mergulhado em silêncio. Enfim, o Doador continuou com seu relato.

– Cinco semanas. Foi só. Dei a ela lembranças felizes: um passeio de carrossel; um gatinho para brincar; um piquenique. Às vezes escolhia alguma só porque sabia que a faria rir, e eu adorava o som daquela risada neste quarto que sempre foi tão silencioso. Mas ela era como você, Jonas. Queria experimentar tudo. Sabia que era sua responsabilidade. E por isso pediu que lhe transmisse lembranças mais difíceis.

Jonas prendeu a respiração um momento.

– O senhor não deu *a guerra* a ela, não é? Depois de somente cinco semanas de treinamento?

O Doador sacudiu a cabeça e suspirou.

– Não. Muito menos dor física. Mas dei-lhe solidão. E perda também. Transferi para ela a lembrança de uma criança tirada de seus pais. Essa foi a primeira. Ela parecia aturdida quando terminou.

Jonas engoliu em seco. Rosemary e seu riso começavam a parecer reais e ele a imaginava na cama de lembranças olhando para o alto, abismada.

O Doador continuou seu relato.

– Eu voltei atrás, proporcionei-lhe outros pequenos prazeres. Mas tudo mudou a partir do momento em que ela conheceu a dor. Dava para ver em seus olhos.

– Ela não era corajosa o suficiente? – sugeriu Jonas.

O Doador não respondeu à pergunta.

– Ela insistiu para que eu continuasse, que não a poupasse. Dizia que era seu dever. E eu sabia, evidentemente, que Rosemary tinha razão. Não consegui me obrigar a infligir-lhe dor física. Mas dei-lhe angústia de muitos tipos. Pobreza, fome, terror. *Tinha* de fazer isso, Jonas, era meu trabalho. E ela fora escolhida para isso. – O Doador olhou para ele suplicante. Jonas acariciou-lhe as mãos.

– Por fim, numa tarde, terminamos uma sessão que havia sido muito pesada. Procurei encerrar, como faço com você, transferindo-lhe alguma coisa feliz e alegre. Mas, àquela altura, o tempo das risadas se acabara. Ela se levantou, muito calada, a testa franzida, como se estivesse tomando uma decisão. Então aproximou-se de mim e abraçou-me. Beijou meu rosto.

Jonas viu o Doador afagar a própria face, rememorando o toque dos lábios de Rosemary ali, 10 anos antes.

– Ela saiu daqui naquele dia, saiu daqui deste quarto e não voltou para sua residência. Fui notificado pelo Locutor, através do alto-falante, que ela fora

diretamente à Anciã-Chefe e pedira para ser dispensada.

– Mas é contra as regras! O Recebedor-em-treinamento não pode requerer dispen...

– Isso está escrito nas *suas* regras, Jonas. Não estava nas dela. Ela requereu dispensa e eles tiveram de dar. Nunca mais a vi.

Então o fracasso fora esse, pensou Jonas. Obviamente, era algo que entristecia profundamente o Doador. Mas não parecia uma coisa tão terrível assim, afinal de contas. E ele, Jonas, nunca teria feito o mesmo – nunca teria requerido dispensa, por mais difícil que seu treinamento se tornasse. O Doador necessitava de um sucessor e ele fora escolhido.

Ocorreu-lhe um pensamento. Rosemary fora dispensada logo no início de seu treinamento. E se algo acontecesse com ele – Jonas –, que já possuía um ano inteiro de lembranças?

– Doador, não posso requerer dispensa, sei disso. Mas, e se alguma coisa acontecesse comigo, um acidente, por exemplo? E se eu caísse no rio como o pequeno Quatro, o Caleb? Bem, isso não faz muito sentido porque sei nadar bem. Mas, e se eu não soubesse nadar, caísse no rio e sumisse? Então não haveria um novo Recebedor, mas o senhor já teria passado adiante uma porção de lembranças importantes e, portanto, mesmo depois que eles escolhessem um Recebedor novo, as lembranças teriam se perdido, com exceção dos fragmentos delas que o senhor ainda conserva. E aí, se... – Jonas caiu na risada de repente. – Estou parecendo a minha irmã Lily quando começa a falar – explicou, achando graça de si mesmo.

O Doador olhou para ele com ar sério.

– Mantenha-se longe do rio, meu caro – disse. – A comunidade perdeu Rosemary depois de apenas cinco semanas e foi um desastre para todos. Não sei o que a comunidade faria se perdesse você.

– E se acontecesse uma desgraça, um acidente?

– Acho que já contei a você uma vez – lembrou o Doador – que, quando ela se foi, as lembranças voltaram para as pessoas. Se você se perdesse no rio, Jonas, suas lembranças não se perderiam com você. As lembranças existem *para sempre*. Rosemary teve apenas as que recebeu naquelas cinco semanas, e a maioria delas era boa. Mas havia aquelas poucas terríveis, as que a mortificaram. E, durante um certo tempo, essas lembranças mortificaram a comunidade. Todos aqueles *sentimentos*! Eles nunca tinham vivenciado nada igual antes. Fiquei tão abatido pela minha própria tristeza com a perda de Rosemary e a sensação de fracasso que nem sequer tentei ajudá-los a superar essa fase. Além disso, eu estava com muita raiva.

O Doador se calou um instante, obviamente envolvido em seus pensamentos.

– Sabe – disse, afinal –, se perdessem *você*, depois de todo esse treinamento que recebeu até agora, eles teriam todas essas lembranças outra vez.

Jonas fez uma careta.

– Eles iriam detestar.

– Com certeza. Não saberiam como lidar com elas, não conseguiriam aguentar.

– Eu *só* consigo aguentar porque o senhor está aqui para me ajudar – observou Jonas com um suspiro.

O Doador concordou, balançando a cabeça.

– Acho que eu poderia... – disse ele vagarosamente.

– Poderia o quê?

O Doador continuou imerso em pensamentos. Até que disse:

– Se você fosse levado pelo rio, imagino que eu pudesse ajudar a comunidade toda da maneira como ajudei você. É um conceito interessante. Preciso refletir sobre isso mais um pouco. Talvez conversemos a respeito outra vez um dia desses. Mas não agora. Ainda bem que você é bom nadador, Jonas. Mas fique longe do rio.

Riu um pouco, mas o riso não soou despreocupado. Seus pensamentos pareciam estar distantes e seu olhar, muito inquieto.

Jonas olhou rapidamente para o relógio. Havia sempre tanto trabalho a ser cumprido que ele e o Doador raramente paravam para conversar como tinham acabado de fazer.

– Desculpe-me por ter desperdiçado tanto tempo com minhas perguntas – disse Jonas. – Só perguntei sobre dispensa porque meu pai vai dispensar uma criança-nova hoje. Um gêmeo. Ele tem de escolher um e dispensar o outro. Isso é feito pelo peso. – E olhou de novo para o relógio. – Aliás, ele já deve ter acabado. Acho que ia ser esta manhã.

A fisionomia do Doador ficou séria.

– Gostaria que não fizessem mais isso – disse ele em voz baixa, quase para si mesmo.

– Ora, eles não podem ter duas pessoas idênticas andando por aí! Imagine só que confusão não seria! – riu Jonas. – Tinha vontade de poder assistir – acrescentou, depois de refletir. Agradava-lhe a ideia de ver seu pai realizar a cerimônia, de deixar o pequeno gêmeo limpo e confortável. Seu pai era um homem tão bondoso!

– Você *pode* – disse o Doador.

– Não – objetou Jonas –, as crianças nunca participam. É muito particular.

– Jonas, sei que você leu suas instruções de treinamento com cuidado. Esqueceu que tem autorização para pedir o que quiser a qualquer pessoa?

Jonas assentiu:

– Sim, mas...

– Jonas, quando o nosso período de treinamento terminar, você vai ser o novo Recebedor. Vai poder ler os livros; terá as lembranças. Terá acesso *a tudo*. É parte de seu treinamento. Se tem vontade de assistir a uma dispensa, é só pedir.

Jonas deu de ombros.

– Bem, já que é assim, eu quero. Mas não dá mais tempo de assistir a essa. Tenho certeza de que iria ser esta manhã.

O Doador lhe contou, então, algo que ele não sabia.

– Todas as cerimônias particulares são gravadas. Ficam guardadas na Seção dos Registros Fechados. Quer assistir à dispensa desta manhã?

Jonas hesitou. Receava que seu pai se aborrecesse, caso ele assistisse a algo tão particular.

– Acho que você deveria – disse-lhe o Doador com firmeza.

– Está bem, então – respondeu Jonas. – Diga-me como.

O Doador se levantou de sua cadeira, dirigiu-se ao equipamento na parede e virou o botão de DESLIGADO para LIGADO.

Uma voz falou imediatamente:

– Sim, Recebedor. Em que posso ajudá-lo?

– Gostaria de assistir à dispensa desta manhã, a do gêmeo.

– Um momento, Recebedor. Obrigada por suas instruções.

Jonas fitou a tela de vídeo acima da fileira de botões; viu surgirem linhas tremulantes em zigue-zague na superfície antes apagada; depois, alguns números, seguidos de data e de hora. Espantado e ao mesmo tempo encantado, surpreendia-se por não ter sabido antes que tinha acesso àquele recurso.

Num segundo viu um pequeno aposento sem janelas, vazio, a não ser por uma cama, uma mesa com um aparelho em cima – Jonas reconheceu uma balança, que já tinha visto antes, quando fizera trabalho voluntário no Centro de Criação – e um armário. Um tapete claro cobria o chão.

– É um quarto comum – comentou ele. – Acho que deviam usar o Auditório, para que todo mundo pudesse assistir. Todos os Idosos comparecem às Cerimônias de Dispensa. Mas imagino que quando se trata de um recém-nascido eles não...

– Psiu – disse o Doador, com os olhos fixos na tela.

O pai de Jonas, em seu uniforme de trabalho, entrou no quarto carregando nos braços uma criança-nova minúscula embrulhada num cobertor macio. Uma mulher uniformizada entrou atrás dele carregando uma segunda criança-nova envolta num cobertor parecido.

– É meu pai – Jonas deu por si sussurrando, como se pudesse acordar os pequenos se falasse em voz alta. – E a outra Criadora é a assistente dele. Ainda está em treinamento, mas vai terminar em breve.

Os dois Criadores tiraram os cobertores e deitaram os recém-nascidos idênticos na cama. Estavam nus. Jonas viu que eram meninos.

Jonas viu, fascinado, seu pai levá-los delicadamente para a balança e pesá-los.

Ouviu seu pai rir.

– Ótimo – disse ele para a mulher. – Quase cheguei a pensar que pudessem ter exatamente o mesmo peso. *Então* teríamos um problema. Mas este aqui – e entregou um deles à sua assistente, depois de voltar a embrulhá-lo – tem 2,7kg exatos. Portanto, pode limpá-lo, vesti-lo e levá-lo para o Centro.

A mulher pegou a criança-nova e saiu pela mesma porta por onde tinha entrado.

Jonas olhou seu pai curvar-se para o pequeno que esperneava na cama.

– Quanto a você, rapazinho, você tem apenas 2,3kg. Um *pinguinho!*

– Essa é a vozinha que ele usa para falar com Gabriel – observou Jonas sorrindo.

– Olhe – disse o Doador.

– Agora vai limpá-lo e deixá-lo confortável – disse-lhe Jonas. – Ele já me contou.

– Cale a boca, Jonas – ordenou o Doador. – *Olhe.*

Obediente, Jonas se concentrou na tela, esperando para ver o que aconteceria em seguida. Estava especialmente curioso para assistir à parte que se referia à cerimônia.

Seu pai se virou e abriu o armário. Tirou de lá uma seringa e um pequeno frasco. Com cuidado, enfiou a agulha no frasco e começou a encher a seringa com um líquido claro.

Jonas se encolheu, num gesto de compreensão e simpatia. Esquecera que as crianças-novas tinham de tomar injeções. Ele detestava injeções, apesar de saber que eram necessárias.

Para sua surpresa, seu pai direcionou a agulha cautelosamente para o alto da testa da criança, espetando o ponto onde se via uma pulsação sob a pele frágil. O recém-nascido se contorceu e choramingou fracamente.

– Por que ele...

– Psiu! – fez o Doador, áspero.

Seu pai estava falando, e Jonas se deu conta de que escutava a resposta para a pergunta que havia começado a fazer.

– Eu sei que dói, rapazinho. Mas tenho de pegar uma veia, e as dos seus braços ainda são muito miudinhas.

Pressionou o êmbolo bem devagar, injetando o líquido na veia da cabeça até esvaziar a seringa.

– Pronto. Até que não foi tão mal assim, hein? – Jonas escutou seu pai dizer em tom jovial e o viu virar-se de lado e jogar a seringa num recipiente de lixo.

Agora ele vai limpá-lo e deixá-lo confortável, disse Jonas para si mesmo, consciente de que o Doador não queria conversar durante a pequena cerimônia.

Enquanto ele continuava a olhar, a criança-nova, sem chorar mais, mexeu os braços e pernas num movimento convulsivo. Depois, seu corpo amoleceu. A cabeça tombou para um lado, com os olhos entreabertos. E ficou parado.

Com uma estranha sensação de choque, Jonas reconheceu os gestos, a pose, a expressão. Eram familiares. Já os vira antes. Só não se lembrava onde.

Jonas não tirava os olhos da tela, esperando que alguma coisa acontecesse. Mas nada aconteceu. O pequeno gêmeo jazia imóvel. Seu pai estava guardando coisas. Dobrando o cobertor. Fechando o armário.

Mais uma vez teve a sensação de sufocar, a mesma que o acometera no campo de jogos. De novo viu o rosto do soldado de cabelo claro, todo ensanguentado, enquanto a vida lhe fugia dos olhos. A lembrança voltou.

Ele o matou! Meu pai o matou!, Jonas disse em seu íntimo, atordoado com o que estava presenciando. Continuou com os olhos fixos na tela, entorpecido.

Seu pai arrumou o quarto. Depois apanhou uma pequena caixa de papelão que estava no chão, pousou-a em cima da cama e colocou o corpo inerte dentro dela. Fechou a tampa, ajustando-a bem.

Pegou a caixa e levou-a para o outro lado do quarto. Abriu uma portinhola na parede; Jonas viu escuridão por trás da abertura. Parecia uma calha de escoamento igual à de se jogar lixo na escola.

Seu pai pôs na calha a caixa que continha o corpo e deu-lhe um empurrão.

– Adeusinho, pequeno – Jonas ouviu seu pai dizer antes de sair do quarto. E a tela se apagou.

O Doador virou-se para ele. Com bastante calma, contou:

– Quando o Locutor me informou que Rosemary solicitara dispensa, eles ligaram a gravação para me mostrar o processo. Lá estava ela esperando. – Foi minha última visão daquela linda criança. Trouxeram a seringa e disseram-lhe para levantar a manga. Você insinuou, Jonas, que talvez ela não fosse corajosa o suficiente? Não entendo de coragem: o que é, o que significa. O que sei é que fiquei sentado aqui paralisado de horror. Miseravelmente infeliz de tanta impotência. E escutei Rosemary dizer a eles que preferia aplicar a injeção em si mesma. E assim o fez. Não olhei. Desviei o rosto.

O Doador olhou para Jonas.

– Muito bem, Jonas, aí está. Você estava conjecturando sobre dispensa – disse, a voz cheia de amargura.

Jonas sentiu que algo se dilacerava dentro dele, uma dor terrível que abria caminho com suas garras para emergir num grito.

– Não vou para casa! Não quero ir! Não pode me obrigar! – Jonas soluçava e gritava e socava a cama com os punhos.

– Sente-se, Jonas – disse o Doador num tom firme.

Jonas obedeceu. Chorando, tremendo, sentou-se na beirada da cama. Não conseguia encarar o Doador.

– Você pode ficar aqui esta noite. Quero conversar com você. Mas precisa ficar quieto agora enquanto notifico a sua unidade familiar. Ninguém pode ouvi-lo chorar.

Jonas levantou a cabeça, o semblante desvairado.

– Ninguém ouviu aquele gemeozinho chorar também! Ninguém, só meu pai! – e caiu em prantos novamente.

O Doador esperou em silêncio. Finalmente Jonas conseguiu acalmar-se e ficou sentado, encolhido, os ombros sacudindo.

O Doador se encaminhou para o equipamento na parede e virou o botão para a posição LIGADO.

– Pois não, Recebedor. Em que posso ajudá-lo?

– Comunique à unidade familiar do novo Recebedor que ele vai ficar comigo esta noite para receber treinamento suplementar.

– Vou cuidar disso agora mesmo, senhor. Obrigada por suas instruções.

– “Vou cuidar disso agora mesmo, senhor. Vou cuidar disso agora mesmo, senhor” – Jonas imitou com uma voz sarcástica, cruel. – “Farei o que o senhor quiser, senhor. Até matar pessoas, senhor. Pessoas idosas? Pessoas pequenas recém-nascidas? Será um prazer matá-las, senhor. Obrigada por suas instruções, senhor. Em que posso ajudar...” – E dava a impressão de que não iria parar de falar.

O Doador agarrou-o pelos ombros, severo.

– Escute aqui, Jonas, eles não podem agir de outro modo. *Eles não sabem de nada.*

– O senhor já me disse isso antes.

– Disse porque é verdade. É a maneira como vivem. É a vida que foi criada para

eles. A mesma que você teria se não tivesse sido escolhido para meu sucessor.

– Mas ele *mentiu* para mim! – disse Jonas, chorando.

– Foi o que lhe disseram para fazer e é só o que ele sabe.

– E quanto ao senhor? O *senhor* também mente para mim? – Jonas quase cuspiu a pergunta para o Doador.

– Tenho autorização para mentir. Mas nunca menti para você.

Jonas o fitou.

– A dispensa é sempre assim? Para as pessoas que desobedecem às regras três vezes? E para os *Idosos*? Eles matam os Idosos também?

– Sim, matam, é verdade.

– E quanto a Fiona? Ela adora os Idosos! Está sendo treinada para cuidar deles. Ela já sabe disso? O que vai fazer quando descobrir? Como vai se sentir? – Jonas enxugou as lágrimas da face com as costas da mão.

– Fiona já está recebendo treinamento para a refinada arte da dispensa – contou-lhe o Doador. – Ela é muito eficiente em seu trabalho, sua amiga de cabelos vermelhos. Sentimentos não fazem parte da vida que ela aprendeu a viver.

Jonas abraçou o próprio corpo e pôs-se a balançar para a frente e para trás.

– O que vou fazer agora? Não posso voltar, não posso!

O Doador se levantou.

– Primeiro vou mandar vir nossa refeição da noite. Depois vamos comê-la.

Jonas se viu usando a mesma voz sarcástica, maldosa, outra vez.

– E em seguida vamos ter uma partilha de sentimentos?

O Doador deu uma risada vazia, transparecendo seu pesar e sua angústia.

– Jonas, você e eu somos os únicos que *têm* sentimentos. E já faz quase um ano que os partilhamos.

– Desculpe, Doador – disse Jonas, desconsolado. – Não tive a intenção de ser tão detestável. Não com o senhor.

O Doador esfregou os ombros curvados de Jonas.

– Depois que comermos – prosseguiu –, vamos preparar um plano.

Jonas ergueu os olhos para ele, intrigado.

– Um plano para quê? Não há nada, nada que possamos fazer. Sempre foi desse jeito. Antes de mim, antes do senhor, antes dos que vieram antes do senhor. Antes dos anteriores dos anteriores dos anteriores. – Sua voz se arrastou ao pronunciar a frase de sempre.

– Jonas, é verdade que parece que tudo foi eternamente desse jeito. Mas as lembranças nos dizem que não foi *o tempo todo* assim. Antigamente as pessoas sentiam as coisas. Você e eu fizemos parte disso, portanto sabemos. Sabemos que antigamente as pessoas sentiam orgulho, tristeza e...

– E amor – acrescentou Jonas, lembrando a cena familiar que tanto o tinha

afetado. – E dor. – Ele pensou de novo no soldado.

– O pior de ser quem guarda as lembranças não é a dor que se sente. É a solidão. As lembranças precisam ser partilhadas.

– E eu comecei a partilhá-las com o senhor – disse Jonas, tentando animá-lo.

– É verdade. E o fato de ter você aqui comigo no decorrer deste ano me fez perceber que as coisas precisam mudar. Durante anos, achei que deveriam, mas tudo me parecia tão irremediável! Agora, pela primeira vez, acho que pode haver uma saída – disse o Doador pausadamente. – E você chamou a minha atenção para isso não faz... – deu uma olhadela no relógio – nem duas horas.

Jonas o observava e escutava.



Era tarde da noite. Os dois tinham conversado sem parar. Jonas estava embrulhado num manto que pertencia ao Doador, um manto comprido que só os Anciãos usavam.

Era factível o que tinham planejado. Havia uma pequena probabilidade de funcionar. Se não desse certo, ele muito provavelmente seria assassinado.

E daí? Se não funcionasse, sua vida não valia mais a pena ser vivida.

– Está bem – disse Jonas. – Vou fazer isso, acho que consigo. Vou tentar, de qualquer forma. Mas quero que venha comigo.

O Doador sacudiu a cabeça.

– Jonas, durante todas essas gerações, desde antes das de antes das de antes, a comunidade dependeu de um Recebedor residente a fim de conservar suas lembranças para eles. Transferi muitas para você nesse ano que passou e não posso pegá-las de volta. Não há como recuperá-las depois de tê-las dado. Portanto, se você fugir, depois que você se for... e, Jonas, você sabe que pode nunca mais voltar...

Jonas aquiesceu com ar solene. Essa era a parte apavorante do plano.

– Sim, eu sei – disse. – Mas se o senhor vier comigo...

O Doador sacudiu a cabeça e fez um gesto para que o outro se calasse. E continuou:

– Se você fugir, se for adiante, se chegar em Alhures, os membros da comunidade terão de carregar sozinhos esse fardo de lembranças que você vem conservando para eles. Acho que têm capacidade para isso e que irão adquirir alguma sabedoria. Mas vai ser extremamente difícil. Há 10 anos, quando perdemos Rosemary e as lembranças dela voltaram para as pessoas, elas entraram em pânico. E havia poucas lembranças, comparadas com as suas. Quando as suas lembranças voltarem, as pessoas vão precisar de ajuda. Lembra-se de como o ajudei no início quando o

processo de receber lembranças era novo para você?

Jonas assentiu.

– Era assustador no começo. E doía muito.

– Você precisou de mim então. E agora são os outros que vão precisar.

– Não, porque vão encontrar alguém para ocupar meu lugar. Vão escolher um novo Recebedor.

– No momento não há ninguém preparado para o treinamento, não de imediato. Ah, eles vão acelerar a escolha, com certeza. Mas não me ocorre nenhuma outra criança que possua as qualidades certas...

– Há uma pequena menina de olhos claros. Mas ainda é só uma Seis.

– Isso mesmo. Sei a quem se refere. O nome dela é Katharine. Só que é muito criança. Portanto, eles serão *forçados* a suportar essas lembranças.

– Quero que venha comigo, Doador – insistiu Jonas.

– Não. Tenho de ficar aqui – afirmou o Doador, determinado. – Quero ficar, Jonas. Se eu for com você e juntos levarmos embora *toda* a proteção deles contra as lembranças, os membros da comunidade não terão ninguém para ajudá-los, ficarão entregues ao caos. Destruirão a si mesmos. Não posso ir.

– Doador – insinuou Jonas –, o senhor e eu não precisamos nos *preocupar* com o resto das pessoas.

O Doador olhou para ele sorrindo, mas com um ar de interrogação. Jonas baixou a cabeça. Claro que precisavam se preocupar. Era o significado de tudo.

– E, de qualquer maneira, Jonas – suspirou o Doador –, eu não aguentaria. Estou muito fraco. Sabe que não enxergo mais as cores?

O coração de Jonas se apertou. Ele segurou a mão do velho.

– Você vê as cores e tem coragem – disse o Doador. – Isso vai ajudá-lo a também ter forças.

– Há um ano – lembrou Jonas –, quando eu tinha acabado de me tornar um Doze e comecei a ver a primeira cor, o senhor me contou que o seu início havia sido diferente, mas que eu não compreenderia.

O Doador se animou.

– É verdade. E sabe, Jonas, que com todos os seus conhecimentos de agora, com todas as suas lembranças, com tudo o que você aprendeu, *ainda assim* não vai compreender? Porque fui um pouco egoísta. Não dei nem um pouquinho para você. Queria guardar só para mim até o final.

– Guardar o quê?

– Quando eu era menino, mais novo do que você, algo começou a vir a mim. No meu caso, não houve o “ver além”. Foi diferente. Comigo aconteceu o “*ouvir* além”.

Jonas franziu o cenho, tentando imaginar como seria.

– O que o senhor ouvia? – perguntou ele.

– Música – respondeu o Doador, sorrindo. – Comecei a escutar uma coisa verdadeiramente extraordinária que se chama música. Vou dar um pouco a você antes de sua partida.

Jonas sacudiu a cabeça enfaticamente.

– Não, Doador. Quero que o senhor fique com isso, para ter consigo quando eu for embora.



Jonas voltou para casa na manhã seguinte, foi alegremente recebido por seus pais e mentiu com facilidade sobre a noite atarefada e agradável que tivera.

Seu pai sorriu e também mentiu com facilidade sobre seu atarefado e agradável dia anterior.

No decorrer do horário escolar, enquanto fazia suas lições, Jonas repassava o plano em sua cabeça. Achava-o de uma simplicidade surpreendente. Jonas e o Doador tinham-no examinado e reexaminado até tarde da noite.

Durante as duas semanas seguintes, até a data da Cerimônia de dezembro, o Doador iria transferir para Jonas todas as lembranças de coragem e força que pudesse. Ele precisaria delas para ajudá-lo a encontrar Alhures, de cuja existência ambos estavam certos. Sabiam que seria uma viagem muito difícil.

Então, no meio da noite anterior à Cerimônia, Jonas sairia secretamente de sua residência. Era provavelmente a parte mais perigosa, pois constituía uma violação a uma das regras máximas qualquer cidadão deixar sua residência à noite, exceto em função oficial.

– Vou sair à meia-noite – decidiu ele. – A essa hora, os Recolhedores de Alimentos já terão terminado de recolher as sobras da refeição da noite e a Equipe de Manutenção de Caminhos ainda não começou a trabalhar. Portanto, não haverá ninguém para me ver sair, a menos, evidentemente, que alguém esteja na rua por causa de alguma emergência.

– Não sei o que você pode fazer se for visto, Jonas – dissera o Doador. – Tenho lembranças, claro, de todos os tipos de fugas. De pessoas fugindo de coisas terríveis através da história. Mas cada situação é individual. Não existe nenhuma lembrança de uma fuga assim.

– Vou tomar cuidado – prometeu Jonas. – Ninguém vai me ver.

– Como Recebedor-em-treinamento, você já é altamente respeitado. Por isso, acho que não seria interrogado com muita insistência.

– Eu diria apenas que o Recebedor havia me encarregado de um serviço importante. Diria que a culpa era toda sua por eu estar fora de casa tão tarde – provocou-o Jonas.

Os dois riram um pouco nervosos. Mas Jonas tinha certeza de que poderia pegar uma muda extra de roupa e escapulir de casa sem ser visto. Silenciosamente, levaria sua bicicleta até a margem do rio, deixando-a escondida entre os arbustos, com a muda de roupa dobrada ao lado.

Depois, no escuro da noite, sem ruído, iria a pé para o Anexo.

– A atendente não vem à noite – explicou o Doador. – Vou deixar a porta destrancada. Você só precisa entrar sorrateiramente no quarto. Estarei esperando por você.

Seus pais descobririam, quando acordassem, que ele não estava em casa. Também encontrariam em cima da cama um bilhete bem-humorado de Jonas avisando-lhes que fora dar um passeio matinal de bicicleta pela margem do rio e que estaria de volta para a Cerimônia.

Os pais ficariam irritados, mas não alarmados. Considerariam a atitude dele uma falta de consideração e combinariam castigá-lo mais tarde.

Esperariam com crescente raiva e, finalmente, seriam obrigados a ir para a Cerimônia sem Jonas, levando Lily.

– Não dirão nada a ninguém, contudo – afirmou Jonas, com segurança. – Não vão querer chamar a atenção para a minha descortesia, porque isso se refletiria na sua competência de pais. E, seja como for, todos estarão de tal modo envolvidos com a Cerimônia que nem devem perceber minha ausência. Agora que sou um Doze e estou em treinamento, não preciso mais sentar junto com meu grupo de idade. Asher vai pensar que estou com meus pais ou com o senhor...

– E seus pais vão achar que você está com Asher ou comigo...

Jonas deu de ombros.

– Todos vão levar algum tempo até perceberem que não estou lá.

– E a essa altura você e eu já estaremos longe.

De manhã bem cedo, o Doador solicitaria um veículo e um motorista pelo aparelho de comunicação. Ele visitava com frequência outras comunidades para se reunir com seus Anciãos; suas responsabilidades se estendiam por todas as áreas circunvizinhas. Assim, não seria uma providência inusitada.

Em geral, o Doador não comparecia à Cerimônia de Dezembro. Estivera presente no ano anterior por causa da escolha de Jonas, com a qual estava muito envolvido. Mas sua vida era habitualmente bastante isolada da vida da comunidade. Ninguém faria comentários sobre sua ausência ou sobre o fato de ele ter escolhido aquele dia para ir a outro lugar.

Quando o veículo chegasse, o Doador incumbiria o motorista de alguma tarefa rápida. Durante a ausência dele, ajudaria Jonas a se esconder no bagageiro. Jonas estaria levando consigo um embrulho de alimentos que o Doador iria retirar aos poucos de suas próprias refeições nas duas semanas seguintes.

A Cerimônia teria início com toda a comunidade reunida e então Jonas e o Doador já estariam a caminho.

Por volta do meio-dia a ausência de Jonas já estaria evidente e causaria séria preocupação. A Cerimônia não seria interrompida – uma interrupção seria impensável. Mas enviariam equipes de busca para percorrer a comunidade.

Quando encontrassem sua bicicleta e sua roupa, o Doador já estaria voltando. Jonas já teria seguido sozinho sua viagem para Alhures.

Ao chegar, o Doador encontraria a comunidade mergulhada em confusão e pânico. Diante de uma situação nunca enfrentada antes e não dispondo de lembranças de onde tirar consolo ou sabedoria, não saberiam o que fazer e pediriam seus conselhos.

Ele se dirigiria para o Auditório, onde as pessoas ainda estariam reunidas. Subiria ao palco e pediria a atenção delas.

Comunicaria oficialmente a todos que Jonas se perdera no rio. Daria início imediato à Cerimônia da Perda.

– Jonas, Jonas – diriam eles em voz alta, como tinham feito um dia com o nome de Caleb.

O Doador lideraria a recitação monótona. Juntos, deixariam a presença de Jonas em suas vidas apagar-se aos poucos, enquanto pronunciavam seu nome em uníssono, cada vez mais devagar, cada vez mais baixo, até ele desaparecer aos poucos de seu meio, até não ser mais do que um murmúrio esparso e, ao fim daquele longo dia, ter sumido para sempre, sem nunca mais ser mencionado.

A atenção de todos se voltaria para a esmagadora obrigação de arcarem eles próprios com as lembranças. O Doador os ajudaria nessa fase.



– Sim, compreendo que eles vão precisar do senhor – dissera Jonas no fim da prolongada reunião para discutir e planejar a fuga. – Mas eu também vou. Por favor, venha comigo.

Ele já sabia, porém, qual seria a resposta, mesmo enquanto fazia o apelo final.

– Meu trabalho estará encerrado – replicara o Doador com doçura – quando eu tiver ajudado a comunidade a mudar e tornar-se inteira. Sou grato a você, Jonas, porque sem você eu jamais teria concebido um modo de efetuar a mudança. Mas o seu papel agora é escapar. E o meu é ficar.

– O senhor não *quer* ficar comigo, Doador? – perguntou Jonas, triste.

O Doador o abraçou.

– Tenho muito amor por você, Jonas – disse. – Mas existe outro lugar para onde quero ir. Quando meu trabalho aqui terminar, quero ficar com minha filha.

Jonas até então mantivera a cabeça baixa, os olhos fixos no chão. Ao ouvir isso, olhou para ele, estupefato.

– Não sabia que o senhor tinha uma filha, Doador! Contou-me que foi casado, mas nunca soube da existência da sua filha.

O Doador sorriu e balançou a cabeça. Era a primeira vez, em todos aqueles longos meses juntos, que Jonas o via parecer realmente feliz.

– O nome dela era Rosemary – disse o Doador.

Daria certo. Eles conseguiriam fazer tudo dar certo, Jonas disse a si mesmo uma porção de vezes naquele dia.

Mas à noite tudo mudou. Tudo – todas as coisas que eles tinham calculado tão meticulosamente – , tudo se desmantelou.



Naquela noite, Jonas foi obrigado a fugir. Deixou a residência logo depois que o céu escureceu e a comunidade se aquietou. Era extremamente perigoso, porque as equipes de trabalho ainda estavam circulando. Mas ele avançou furtivamente, em silêncio, mantendo-se nas sombras, passando pelas residências de luzes apagadas e a Praça Central vazia, seguindo na direção do rio. Além da Praça, avistou a Casa dos Idosos, com o Anexo atrás, desenhando-se contra o céu noturno. Mas não poderia parar ali. Não havia tempo. Cada minuto contava agora, e cada minuto precisava levá-lo para mais longe da comunidade.

Chegou à ponte, curvado sobre a bicicleta, pedalando sem interrupção. Via a água escura agitar-se lá embaixo.

Surpreendentemente, não sentia medo nem qualquer pena de deixar a comunidade para trás. No entanto, experimentava uma tristeza profunda ao abandonar seu amigo mais próximo. Sabia que o perigo de sua fuga impunha-lhe um silêncio absoluto; mas, com todo o seu coração e sua mente, chamava e esperava que o Doador, com sua capacidade de ouvir além, soubesse que Jonas dissera adeus.



Acontecera durante a refeição da noite. A unidade familiar estava reunida à mesa, como sempre: Lily tagarelando sem parar, a Mãe e o Pai fazendo seus comentários habituais (e contando mentiras, Jonas sabia) sobre o dia. Ali por perto, Gabriel

brincava no chão, contente, balbuciando sua conversinha de bebê, de vez em quando olhando radiante para Jonas, claramente encantado por vê-lo de volta depois da inesperada noite passada fora da residência.

O Pai lançou um olhar ligeiro para o pequeno.

– Aproveite bem, rapazinho – disse. – Esta é a sua última noite aqui como visitante.

– Como assim? – Jonas perguntou.

O Pai deu um suspiro de desapontamento.

– Bem, você deve ter visto que ele não estava aqui de manhã quando você voltou para casa porque o levamos para passar a noite no Centro de Criação. Achemos que seria uma boa oportunidade, com você ausente, para fazer uma tentativa, já que ele vinha dormindo tão bem.

– Não foi bem? – a Mãe perguntou, solidária.

O Pai deu uma risadinha amarga.

– Você nem imagina. Foi um desastre. Parece que ele chorou a noite inteira. A equipe noturna não conseguiu dar conta do problema. Quando cheguei para trabalhar, eles estavam *realmente* exauridos.

– Gabe, seu danadinho – disse Lily, e estalou a língua para repreender o pequenino, que sorriu para ela sentado no chão.

– Sendo assim – prosseguiu o Pai –, obviamente tivemos de tomar uma decisão. Até *eu* votei a favor da dispensa de Gabriel na reunião desta tarde.

Jonas pousou o garfo e olhou fixo para o Pai.

– Dispensa? – perguntou.

Seu pai fez que sim com a cabeça.

– Fizemos tudo o que podíamos, não fizemos?

– Ah, com toda certeza – concordou a Mãe, enfática.

Lily também balançou a cabeça, concordando.

Jonas se esforçou para manter a voz absolutamente calma.

– Quando? – perguntou. – Quando ele vai ser dispensado?

– Amanhã cedo. Temos de começar nossos preparativos para a Cerimônia de Nomeação, por isso achamos melhor cuidar disso de uma vez. – E, com a sua voz meiga, cantarolou: – Vamos dar adeusinho para você de manhã, Gabe.



Jonas alcançou o lado oposto do rio, parou um instante e olhou para trás. A comunidade onde vivera a sua vida inteira estava lá, dormindo. Ao amanhecer, a vida ordenada, disciplinada, que ele sempre conhecera, recomeçaria sem ele. A vida em que nada jamais era inesperado. Ou inconveniente. Ou fora do comum. A vida

sem cor, sem dor, sem passado.

Pisou com força no pedal e retomou seu percurso pela estrada. Não era seguro perder tempo olhando para trás. Pensou em todas as regras que infringira até aquele momento: tantas que, se fosse apanhado agora, seria condenado.

Primeiro, saíra da residência à noite. Uma transgressão das mais graves.

Segundo, roubara alimentos da comunidade: um crime muito sério, apesar de ele ter apanhado apenas as sobras deixadas nas portas das residências para serem recolhidas.

Terceiro, roubara a bicicleta de seu pai. Hesitara um pouco, parado junto ao bicicletário, no escuro, sem querer levar nada de seu pai, mas ao mesmo tempo em dúvida se seria ou não desconfortável andar na bicicleta maior quando estava tão acostumado com a sua.

Isso era necessário, porém, porque a bicicleta do pai tinha a cadeirinha presa atrás.

E ele havia trazido Gabriel também.



Sentia a cabecinha apoiada em suas costas, batendo de leve nele enquanto pedalava. Gabriel dormia um sono pesado, preso ao assento. Antes de sair da residência, Jonas pousara as mãos com firmeza nas costas de Gabe e lhe transmitira a lembrança mais calma possível: uma rede balançando devagar debaixo de palmeiras, numa ilha qualquer, à noite, com o som ritmado da água batendo preguiçosamente, hipnoticamente, numa praia próxima. À medida que a lembrança passava dele para a criança-nova, sentia o sono de Gabe ir ficando mais relaxado e profundo. O menino nem se mexeu quando Jonas o tirou do berço e o colocou delicadamente na cadeirinha.

Jonas sabia que dispunha do que ainda restava das horas noturnas antes que dessem por sua fuga. De modo que pedalou com força, com persistência, determinado a não se cansar à medida que os minutos e os quilômetros iam passando. Não houvera tempo para receber as lembranças que ele e o Doador tinham planejado, de força e de coragem. Assim, confiava no que possuía e esperava que fosse suficiente.

Contornou as comunidades dos arredores com suas residências às escuras. Gradualmente, a distância entre as comunidades se ampliou, e ele percorreu extensões mais longas de estrada deserta. No início, suas pernas doíam; com o correr do tempo ficaram dormentes.

Quando amanheceu, Gabriel começou a mexer-se. Encontravam-se num lugar isolado; árvores e moitas formando pequenos bosques se espalhavam aqui e ali nos

campos que se estendiam dos dois lados da estrada. Jonas avistou um riacho e seguiu em direção a ele por uma campina cheia de sulcos e pequenas elevações; Gabriel, bem acordado, dava risadinhas quando a bicicleta o sacudia para cima e para baixo.

Jonas parou, soltou Gabe, tirou-o da bicicleta e o deixou investigar, deliciado, a grama e os gravetos do chão. Escondeu com todo o cuidado a bicicleta entre moitas espessas.

– Refeição da manhã, Gabe!

Desembrulhou um pouco de comida e os dois se alimentaram. Depois encheu com água do riacho a caneca que trouxera e segurou-a para Gabriel beber. Ele próprio, sedento, bebeu em seguida e sentou-se perto do riacho, vendo a criança-nova brincar.

Estava exausto. Sabia que precisava dormir, descansar os músculos e preparar-se para mais horas de bicicleta. Não seria seguro viajar durante o dia claro.

Logo estariam procurando por eles.

Encontrou um lugar abrigado no meio das árvores, levou o pequeno para lá e deitou-se, segurando Gabriel. O menino se debateu, alegre, achando que aquilo fosse uma brincadeira de lutar igual às que faziam em casa, com cócegas e gargalhadas.

– Desculpe, Gabe – disse-lhe Jonas. – Sei que é de manhã e que você acabou de acordar, mas agora temos de dormir.

Aconchegou o pequeno perto de si e friccionou-lhe as costas, murmurando-lhe palavras calmas. Então, com uma pressão firme das mãos, transmitiu-lhe uma lembrança de um cansaço satisfeito e profundo. A cabeça de Gabriel balançou e daí a pouco relaxou de encontro ao peito de Jonas.

Juntos, os dois fugitivos dormiram durante todo o perigoso primeiro dia.



O mais apavorante eram os aviões. Haviam-se passado dias; Jonas não sabia mais quantos. A viagem tinha adquirido um ritmo automático: o sono durante o dia, escondidos entre a vegetação e as árvores; a procura de água; a cuidadosa divisão das sobras de comida, acrescida do que ele conseguia encontrar nos campos; e os intermináveis, infundáveis quilômetros percorridos de bicicleta à noite.

Os músculos de suas pernas estavam agora endurecidos. Doíam quando ele se deitava para dormir. Estavam mais fortes, entretanto, e ele parava com menos frequência para descansar. De vez em quando fazia uma pausa e descia Gabriel da bicicleta para um pouco de exercício. No escuro, os dois corriam juntos pela estrada ou através de um campo. Quando voltava, instalava o dócil pequeno em sua cadeirinha e montava outra vez na bicicleta: suas pernas estavam sempre preparadas

para continuar a pedalar. Isso significava que possuía força bastante e não teria precisado da que o Doador lhe forneceria se tivessem tido tempo.

No entanto, quando vieram os aviões, ele desejou ter recebido pelo menos a coragem. Sabia que eram aviões de busca. Voavam tão baixo que o acordavam com o barulho dos motores, e às vezes, olhando temeroso para cima de dentro de seu esconderijo, quase conseguia distinguir os rostos dos tripulantes. Sabia também que eles não enxergavam cores e que a pele dos dois, bem como os claros cachos dourados de Gabriel, não passariam de manchas cinzentas no meio da folhagem sem cor. Mas lembrava-se do que aprendera nas aulas de ciência e tecnologia da escola: os aviões de busca utilizavam sensores térmicos capazes de identificar o calor de um corpo e de detectar a presença de dois seres humanos encolhidos entre moitas de arbustos.

Assim, sempre que ouvia o ruído de um avião, Jonas segurava Gabriel e transmitia-lhe lembranças de neve, reservando um pouco para si. Juntos, ficavam gelados; e, depois que os aviões desapareciam, tremiam de frio abraçados até o sono voltar.

Em algumas ocasiões, ao transmitir as lembranças para Gabriel, Jonas notava que estavam mais superficiais, mais fracas do que antes. Era precisamente o que esperava, o que ele e o Doador tinham planejado: à medida que se afastasse de casa, deixaria as lembranças para trás, para o povo da comunidade. Agora que necessitava delas, entretanto, esforçava-se para preservar as que ainda tinha, as do frio, por exemplo, a fim de usá-las para a sobrevivência de ambos.

O avião vinha geralmente durante o dia, quando estavam escondidos. Mas ele se mantinha alerta também à noite, na estrada, sempre à escuta, atento ao som de motores. Até Gabriel escutava e gritava: “Vião! Vião!”, muitas vezes antes que Jonas tivesse percebido o terrível som. Quando os aviões de busca vinham à noite, o que acontecia esporadicamente, Jonas corria para a árvore ou o arbusto mais próximos, jogava-se no chão e fazia os corpos dos dois esfriarem. Mas às vezes era por um triz e era assustador.

Pedalando noites adentro, já atravessando uma paisagem isolada, com as comunidades já bem distantes e nenhum sinal de habitação humana ao redor ou adiante, ainda assim ele mantinha uma vigilância constante, sempre à procura de um esconderijo próximo para abrigá-los caso ouvisse o ruído de motores aproximando-se.

Mas a presença dos aviões foi ficando menos frequente. Vinham menos vezes e, quando surgiam, voavam mais depressa, como se agora a busca fosse ocasional e sem muita esperança.

Finalmente houve um dia e uma noite inteiros em que nenhum avião apareceu.

A paisagem estava mudando. Uma mudança sutil, difícil de identificar a princípio. A estrada ficou menos larga, o solo mais acidentado, aparentemente não mais cuidado pelas equipes de manutenção de estradas. Passou a ser mais complicado, de repente, equilibrar-se na bicicleta, com a roda dianteira oscilando por cima de pedras e buracos.

Numa noite, Jonas caiu quando a bicicleta parou subitamente ao bater numa pedra. Instintivamente ele agarrou Gabriel; mas a criança-nova, bem presa pelas correias de sua cadeirinha, não se machucou, apenas levou um susto quando a bicicleta tombou para um lado. Jonas, porém, torceu um tornozelo, arranhou muito os joelhos e o sangue manchou suas calças rasgadas. Todo doído, pôs-se de pé, apurou a bicicleta e tranquilizou Gabe.

Aos poucos, começou a viajar à luz do dia. Esquecera-se do medo das buscas, que pareciam ter recuado no passado. Agora havia novos medos; na paisagem desconhecida escondiam-se perigos ignorados.

As árvores se tornaram mais numerosas, as florestas que margeavam a estrada eram escuras e densas de mistérios. Viam rios com mais frequência e paravam várias vezes para beber água. Jonas lavava com cuidado seus joelhos feridos, estremecendo ao esfregar a carne exposta. Aliviava a dor constante em seu tornozelo inchado enfiando-o, de vez em quando, na água fria que corria nas valas junto ao caminho.

Conscientizara-se de que a segurança de Gabriel dependia inteiramente da continuidade de sua força física.

Viram pela primeira vez uma cachoeira; pela primeira vez, animais selvagens.

– Vião! Vião! – exclamou Gabriel, e Jonas desviou depressa a bicicleta para o meio das árvores, apesar de não ter visto nenhum avião em muitos dias e não estar escutando nenhum motor naquele momento. Quando parou entre a vegetação e virou-se para apanhar Gabe, a mãozinha gorducha apontava para o céu.

Apavorado, olhou para cima, mas não era nenhum avião. Embora nunca tivesse

visto aquilo antes, identificou-o em suas lembranças apagadas, pois o Doador lhe transmitira muitas com aquela imagem. Era um pássaro.

Logo, muitos pássaros surgiram ao longo do percurso, pairando no alto, chamando. Viram cervos e, uma vez, na beira da estrada, olhando para eles, curiosa e sem temor, uma criaturinha castanho-avermelhada com uma cauda espessa cujo nome Jonas não sabia. Diminuiu a velocidade da bicicleta e os dois se encararam até a criatura se virar e desaparecer no interior do bosque.

Tudo isso era novo para ele. Depois de uma vida de mesmice e previsibilidade, estava admirado com as surpresas que havia em cada curva do caminho. A bicicleta ia mais devagar quando ele queria olhar, maravilhado, as flores silvestres, ou escutar o gorjeio gutural de um novo pássaro nas proximidades, ou meramente apreciar a maneira como o vento agitava as folhas das árvores. Durante os seus 12 anos de vida na comunidade nunca experimentara tais momentos simples de delicada felicidade.

Mas também havia medos desesperados que se acumulavam em seu íntimo. O mais constante deles era o de morrer de fome. Como os campos cultivados tinham ficado para trás, agora era quase impossível encontrar comida. Acabaram com a escassa reserva de batatas e cenouras obtidas na última região agrícola e estavam sempre com fome.

Jonas se ajoelhou na margem de um rio e tentou pegar um peixe com as mãos. Frustrado, jogou pedras na água, mesmo sabendo que não adiantava nada. Finalmente, em desespero, improvisou uma rede, amarrando fios do cobertor de Gabriel num graveto recurvado.

Depois de incontáveis tentativas, a rede trouxe dois peixes prateados que se debatiam. Metodicamente, usando uma pedra afiada, Jonas os cortou em pedaços, que ele e Gabriel comeram crus. Comeram também algumas frutinhas silvestres e tentaram apanhar um pássaro, mas sem sucesso.

À noite, enquanto Gabriel dormia ao seu lado, Jonas permanecia desperto, torturado pela fome, e lembrava a vida na comunidade, onde as refeições eram entregues todos os dias em cada residência.

Tentou utilizar o debilitado poder de sua memória para recriar refeições e conseguiu evocar breves e inalcançáveis fragmentos: banquetes com imensos assados; festas de aniversário com bolos confeitados com espesso glacê açucarado; frutas viçosas que ele colhia em árvores e comia, suculentas, ainda quentes do calor do sol.

Entretanto, quando os lampejos das lembranças se dissipavam, só o que lhe restava era o doloroso e angustiante vazio. Jonas relembrou subitamente, deprimido, da ocasião na sua infância em que fora punido por se expressar de maneira imprópria. A expressão era “morrendo de fome”.

“Você jamais vai morrer de fome. Nunca esteve morrendo de fome”, disseram-lhe.

Agora estava. Se tivesse ficado na comunidade, não estaria. Muito simples. Antes ansiava por ter o direito de escolher. Depois, quando teve oportunidade, fizera a escolha errada: a de fugir. E agora estava morrendo de fome.

Mas se tivesse ficado lá...

Suas reflexões continuaram. Se tivesse ficado lá, teria morrido de outras fomes. Teria vivido uma vida com fome de sentimentos, de cores, de amor.

E Gabriel, então? Para Gabriel, não haveria vida de espécie alguma. Portanto, na realidade, não tivera escolha.

Enfraquecido pela falta de comida, tornou-se uma dificuldade para Jonas fazer a bicicleta andar, ainda mais que, ao mesmo tempo, se aproximavam de algo que ele desejava ardentemente ver: colinas. Seu tornozelo torcido latejava quando ele impulsionava o pedal, num esforço quase além de sua capacidade.

E o tempo estava mudando. Choveu durante dois dias. Jonas nunca vira chuva, embora a tivesse vivenciado com frequência nas lembranças. Gostara daquelas chuvas, apreciara a nova sensação, mas desta vez era diferente. Ele e Gabriel, encharcados, sentiam frio, e era difícil ficarem secos outra vez, mesmo quando o sol saía em seguida.

Gabriel até então não chorara durante a longa e assustadora viagem. Agora chorava. Chorava porque estava com fome, com frio e terrivelmente fraco. Jonas chorava também pelas mesmas razões e por uma outra ainda. Chorava porque tinha medo de não poder salvar Gabriel. Não se importava mais consigo mesmo.

Jonas tinha cada vez mais certeza de que seu destino estava à frente dele, muito próximo agora na noite que se aproximava. Nenhum dos seus sentidos confirmava tal coisa. Não enxergava nada adiante, exceto a interminável faixa da estrada que se desdobrava em curvas sinuosas e apertadas. Não escutava nenhum som distante.

No entanto, sentia: sabia que Alhures não estava longe. Mas restavam-lhe poucas esperanças de conseguir chegar lá. Suas esperanças diminuíram ainda mais quando o ar frio e cortante começou a ficar turvo e denso, com partículas brancas que caíam rodopiando.

Gabriel, embrulhado em seu cobertor impróprio, estava curvado, tremendo, silencioso em seu pequeno assento. Jonas parou a bicicleta, cheio de cansaço e desânimo, apanhou a criança e percebeu, consternado, como Gabe estava frio e fraquinho.

Parado no monte congelado que se acumulava ao redor de seus pés dormentes, Jonas abriu sua túnica, encostou Gabriel em seu peito nu e amarrou o cobertor sujo e rasgado em torno dos dois. Gabriel se mexeu debilmente junto a ele e choramingou de leve no silêncio que os cercava.

Vagamente, de uma percepção quase esquecida e tão indistinta quanto a própria substância, Jonas lembrou o que era aquela brancura.

– Isto se chama neve, Gabe – sussurrou Jonas. – *Flocos de neve*. Eles caem do céu e são muito bonitos.

Não houve reação por parte da criança, antes tão curiosa e alerta. Na penumbra, Jonas baixou os olhos para a cabecinha apoiada em seu peito. O cabelo encaracolado de Gabriel estava emaranhado e imundo, e havia manchas de lágrimas desenhadas na sujeira de suas faces pálidas. Seus olhos estavam fechados. Enquanto Jonas o olhava, um floco de neve desceu e pousou por uma fração de segundo nas pequenas pestanas trêmulas.

Com gestos lentos, por causa da fadiga, Jonas voltou a montar na bicicleta. Uma colina íngreme se erguia diante deles. Mesmo em boas condições, subir aquela

colina teria sido difícil e exigido muito. Agora, porém, a nevasca mais intensa obscurecia a visão da estrada estreita e tornava a subida impossível. A roda dianteira da bicicleta se deslocou imperceptivelmente para a frente quando as pernas exaustas e dormentes de Jonas pressionaram os pedais. A bicicleta parou. Não saía do lugar.

Jonas desmontou e deixou-a cair de lado na neve. Por um segundo, pensou em como seria fácil deixar-se cair também ao lado dela, afundar com Gabriel na neve macia, na escuridão da noite, no agradável conforto do sono.

Mas chegara até ali. Tinha de tentar prosseguir.

As lembranças tinham ficado para trás, escapado de sua proteção e voltado para as pessoas de sua comunidade. Sobraria ainda alguma? Será que podia resgatar e conservar um pouquinho de calor pela última vez? Teria ainda forças para Doar? E Gabriel, será que ainda poderia Receber?

Pressionou as mãos nas costas dele e tentou lembrar-se da luz do sol. A princípio, teve a impressão de que nada lhe vinha, que seu poder acabara completamente. Então houve um clarão repentino e ele sentiu minúsculas ondas de calor subirem por suas pernas e pés congelados. Sentiu seu rosto começar a corar e a pele contraída e fria de seus braços e mãos relaxar aos poucos. Durante um instante fugaz, quis manter o calor só para si, banhar-se na luz do sol, sem pensar em mais nada nem em ninguém.

O momento passou, porém, e o que se seguiu foi uma urgência, uma necessidade, um desejo ardente de partilhar o calor com a única pessoa que lhe restava para amar. Sofrendo com o esforço, forçou a lembrança do calor no magro e tiritante corpo que trazia nos braços.

Gabriel se mexeu. Por um breve tempo, ambos foram banhados pelo calor e renovaram suas forças, abraçados sob a neve que caía intensamente.

Jonas pôs-se a subir a colina a pé.

A lembrança foi de uma brevidade angustiante. Mal Jonas havia percorrido com dificuldade uns poucos metros pela noite, ela se foi e os dois ficaram gelados outra vez.

Mas agora a mente de Jonas estava alerta. Ter se aquecido, mesmo por tão pouco tempo, sacudiu-o da letargia e da resignação e o fez recuperar a vontade de sobreviver. Começou a andar mais depressa, embora não sentisse mais os pés. A colina, no entanto, era traiçoeiramente íngreme; a neve e sua própria fraqueza o detiveram. Não foi muito longe. Tropeçou e caiu para a frente.

De joelhos, sem conseguir se levantar, Jonas tentou uma segunda vez. Sua consciência se agarrou a um fiapo de outra lembrança de calor e ele procurou desesperadamente mantê-la, ampliá-la e passá-la para Gabriel. Sua coragem e forças se reanimaram com o aquecimento momentâneo e ele se pôs de pé. Mais uma vez

Gabriel se mexeu junto a seu corpo e ele recomeçou a subir.

Mas a lembrança se dissipou, deixando-o com mais frio do que antes. Como seria bom se tivesse tido tempo de receber mais calor do Doador antes de fugir! Talvez sobrasse mais para ele, então. Mas não adiantava pensar nos “se”. Precisava concentrar-se inteiramente em mover os pés, aquecer Gabriel e a si próprio e avançar.

Subiu, parou, novamente aqueceu um pouco os dois com um minúsculo fragmento de lembrança, certamente o único que lhe restava.

O topo da colina parecia muito distante e ele ignorava o que havia além. Contudo, não tinha mais nada a fazer senão continuar. E continuou a subir penosamente.

Ao aproximar-se enfim do alto da colina, algo lhe sucedeu. Não estava mais aquecido; se é que isso era possível, sentia-se ainda mais dormente e gelado. Não estava menos exausto; pelo contrário, dava passos pesados como chumbo, mal conseguia deslocar as pernas endurecidas pelo frio, fatigadas após a longa caminhada.

De repente, porém, sentiu-se feliz. Rememorou tempos felizes. Lembrou-se de seus pais e de sua irmã. Lembrou-se de seus amigos Asher e Fiona. Lembrou-se do Doador.

Num instante foi inundado por lembranças alegres.

Alcançou o ponto mais elevado da colina e notou que o chão debaixo de seus pés cobertos de neve tornara-se plano, ficando mais fácil de subir.

– Estamos quase chegando, Gabriel – murmurou, cheio de certeza, sem saber por quê. – Lembro-me deste lugar, Gabriel.

E era verdade. Mas não se tratava da apreensão de uma lembrança tênue, incômoda; aquela era diferente. Era algo que podia manter. Era uma lembrança própria.

Abraçou Gabriel e friccionou-lhe o corpo energicamente, aquecendo-o, para mantê-lo vivo. Soprava um vento congelante. A neve redemoinhava, toldando-lhe a visão. Em algum ponto à frente, no meio da tempestade que o cegava, ele sabia que existia calor e luz.

Utilizando o que restava de suas forças e um conhecimento especial que trazia no fundo de si, Jonas encontrou o trenó que esperava por eles no alto da colina. Seus dedos insensíveis tatearam à procura da corda.

Instalou-se no trenó e abraçou Gabe com força. A colina era íngreme, mas a neve estava solta e macia, e ele sabia que desta vez não haveria gelo, nem queda, nem dor. Dentro de seu corpo frio, seu coração enchia-se de esperança.

Iniciaram a descida.

Jonas sentiu que perdia a consciência e, com todo o seu ser, obrigou-se a ficar apumado em cima do trenó, agarrado a Gabriel, mantendo-o seguro. Os trilhos do

trenó cortavam a neve e o vento fustigava-lhe o rosto, enquanto corriam em linha reta através de uma incisão que parecia levá-los a seu destino, ao lugar que sempre soubera estar esperando por eles, Alhures, que continha o seu futuro e o seu passado.

Fez força para ficar de olhos abertos conforme desciam, deslizando, e de repente avistou luzes – que agora reconhecia. Sabia que estavam brilhando através de janelas de salas, que eram as luzes vermelhas, azuis e amarelas que cintilavam em árvores, em lugares onde famílias criavam e conservavam lembranças, onde celebravam o amor.

Para baixo, para baixo, depressa, mais depressa.

E, num lampejo, teve certeza, cheio de alegria, que lá embaixo, lá adiante, esperavam por ele; e que esperavam também pela criança. Pela primeira vez escutou algo que sabia ser música. Ouviu pessoas cantando.

Atrás dele, cruzando vastas distâncias de espaço e tempo, vindo do lugar de onde ele saíra, Jonas pensou escutar música também.

Mas talvez fosse apenas um eco.

Sobre a autora

LOIS LOWRY é autora de mais de 30 livros para jovens adultos, como os da popular série de Anastasia Krupnik. Foi agraciada com inúmeros prêmios, entre eles o Boston Globe-Horn Book, o Dorothy Canfield Fisher, o Mark Twain, a Medalha California Young Readers e a Medalha John Newbery, concedida pela Association for Library Service to Children, uma divisão da American Library Association. Lois Lowry divide seu tempo entre sua casa em Cambridge e uma fazenda de 1768 em Maine.

www.loislowry.com

Entrevista com Taylor Swift

(Rosemary no filme *O doador de memórias*)

P.: O que a convenceu a participar do filme *O doador de memórias*?

R.: Eu recebo roteiros para ler o tempo todo, e até o momento havia interpretado apenas papéis muito pequenos em uns dois filmes porque estava sempre esperando a coisa certa para me comprometer de verdade. Quando li o roteiro de *O doador de memórias*... Bem, em primeiro lugar, lembrei que tinha lido o livro na escola e que ele mexeu muito comigo na época. Mas, quando visualizei os personagens sendo interpretados por Jeff Bridges e Meryl Streep, e todos os outros atores incríveis que já tinham sido confirmados no projeto, me senti muito honrada em ter sido escolhida para interpretar Rosemary.

P.: Descreva Rosemary para nós. É curioso o fato de, no livro, ela não tocar piano. Quando recebeu o roteiro a personagem já era uma pianista ou foi você quem incluiu esse detalhe? Como foi isso?

R.: Rosemary é uma personagem bastante interessante para mim porque ela me parece uma metáfora do artista moderno, que muitas vezes é alguém frágil, vulnerável e aberto, que alcança o sucesso justamente por possuir essas características. Mas isso também pode ser sua ruína. [Rosemary] era muito sensível. Ela se importava demais. Foi exposta a muitas coisas e não conseguiu lidar [com isso], e acredito que várias vezes vemos a mesma coisa acontecer na sociedade moderna.

Quando li o roteiro, Rosemary já tocava piano. É muito interessante que ela seja música, porque, no meu modo de ver, é exatamente esse tipo de ser humano que seria escolhido para receber as memórias, que de tão sensível e vulnerável poderia acabar sendo totalmente sugado por elas e entrar em uma espiral descendente por isso.

P.: As memórias são uma parte muito importante do livro. É nelas que a sua personagem existe, e o Doador evoca memórias diferentes em momentos

distintos. Nas horas difíceis, por exemplo, ele se lembra de Rosemary. Isso é algo que acontece em sua própria vida? Existem algumas memórias que você carrega consigo, às quais se agarra dependendo da situação?

R.: Acho que, como compositora, o que eu faço tem tudo a ver com celebrar as memórias. Quase todas as minhas canções são no tempo passado, uma forma de olhar para trás. É muito raro eu escrever músicas sobre algo que esteja acontecendo agora. Em sua maioria, elas são sobre algo que estou revisitando e ao qual não dei o devido valor na época, mas agora dou. Reavaliar o passado é uma parte importante do meu processo de criação, então participar de um filme que celebra isso de forma tão magistral é a combinação perfeita.

P.: Você teve alguma preparação especial para o papel?

R.: Para viver Rosemary, busquei uma lembrança da minha própria vida que talvez pudesse me fazer querer tomar a mesma decisão que ela tomou. E essa é uma memória que sempre me faz voltar a um estado sobre o qual não consigo falar sem chorar. Eu sabia que, no caso de Rosemary, se ela iria fazer a escolha que faz no final, que é bastante trágica, eu provavelmente iria ter que chorar em uma cena, então resgatei essa minha memória e tentei descobrir ao que precisaria recorrer, em termos de emoção, para alcançar esse estado.

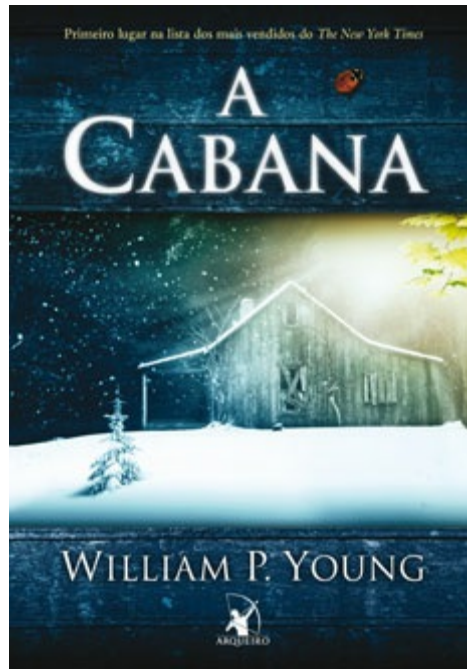
O que mais gostei foi que Phillip [Noyce, diretor do filme] trouxe à tona facetas de Rosemary que eu não tinha percebido ao ler o roteiro. Ela é um espírito livre e muito inocente, a filha querida [do Doador] que era uma pessoa essencialmente boa. Acho que isso foi algo que eu me esforcei para transmitir: a doçura e a gentileza de Rosemary, que não era forte o suficiente para receber memórias de perda e dor.

P.: Você pode nos falar um pouco sobre o que achou do livro? Por que acha que ele é tão marcante para os jovens leitores?

R.: Lembro que li *O doador de memórias* quando ainda estava no ensino médio. Isso faz tanto tempo que, quando li o roteiro, foi só na página três que me dei conta e pensei: “Ué, já li isso antes.” Ainda me lembrava de alguns elementos dele. Para mim, a emoção é uma parte muito importante da vida, e agora, de certa forma, é o meu trabalho. Digo isso porque as pessoas não ouviriam minhas canções se não estivessem com o coração partido, ou se sentindo magoadas, tristes e rejeitadas, ou não se identificassem com todas as coisas maravilhosas que inspiram minha música. As emoções são uma parte fundamental de tudo o que existe no meu mundo. Então, a ideia de as pessoas poderem ser condicionadas a nem mesmo saber o que é isso... não consigo imaginar um mundo assim. Simplesmente não consigo. Um mundo em que não seja possível se apaixonar. Em que não seja possível querer algo que não se pode ter. Em que não seja possível considerar uma coisa única e especial... E isso

sem falar na música, na simples ideia de não haver música no mundo. Todas essas coisas me deixaram muito, muito abalada quando li o livro. Então, quando tornei a lê-lo, o que senti na época voltou com toda a força.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO



A CABANA *William P. Young*

Durante uma viagem de fim de semana, a filha mais nova de Mack Allen Phillips é raptada e evidências de que ela foi brutalmente assassinada são encontradas numa cabana abandonada.

Após quatro anos vivendo numa tristeza profunda causada pela culpa e pela saudade da menina, Mack recebe um estranho bilhete, aparentemente escrito por Deus, convidando-o para voltar à cabana onde aconteceu a tragédia.

Apesar de desconfiado, ele vai ao local do crime numa tarde de inverno e adentra passo a passo no cenário de seu mais terrível pesadelo. Mas o que ele encontra lá muda o seu destino para sempre.



O GUARDIÃO DE MEMÓRIAS

Kim Edwards

Inverno de 1964. Uma violenta tempestade de neve obriga o Dr. David Henry a fazer o parto de seus filhos gêmeos. O menino, primeiro a nascer, é perfeitamente saudável, mas o médico logo reconhece na menina sinais da síndrome de Down.

Guiado por um impulso irrefreável e por dolorosas lembranças do passado, Dr. Henry toma uma decisão que mudará para sempre a vida de todos e o assombrará até a morte: ele pede que sua enfermeira, Caroline, entregue a criança para adoção e diz à esposa que a menina não sobreviveu.

A partir daí, uma intrincada trama de segredos, mentiras e traições se desenrola, abrindo feridas que nem o tempo será capaz de curar.



O FUTURO DA HUMANIDADE

Augusto Cury

Primeiro romance do psiquiatra Augusto Cury, esse livro conta a trajetória de Marco Polo, um jovem estudante de medicina de espírito livre e aventureiro. Ao entrar na faculdade cheio de sonhos e expectativas, Marco Polo se vê diante de uma realidade dura e fria: a falta de respeito e sensibilidade dos professores em relação aos pacientes com transtornos psíquicos, que são marginalizados e tratados como se não tivessem identidade.

Indignado, o jovem desafia profissionais de renome internacional para provar que os pacientes com problemas psiquiátricos merecem mais atenção, respeito e dedicação – e menos remédios. Acreditando na força do diálogo e da psicologia, ele acaba causando uma verdadeira revolução nas mentes e nos corações das pessoas com quem convive.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e Inverno do mundo, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada e Fique comigo, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Uma Longa Jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento e À primeira vista, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e Praticamente inofensiva, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

Sobre a autora

Entrevista com Taylor Swift

Conheça outros títulos da Editora Arqueiro

Conheça os clássicos da Editora Arqueiro

Informações sobre a Arqueiro